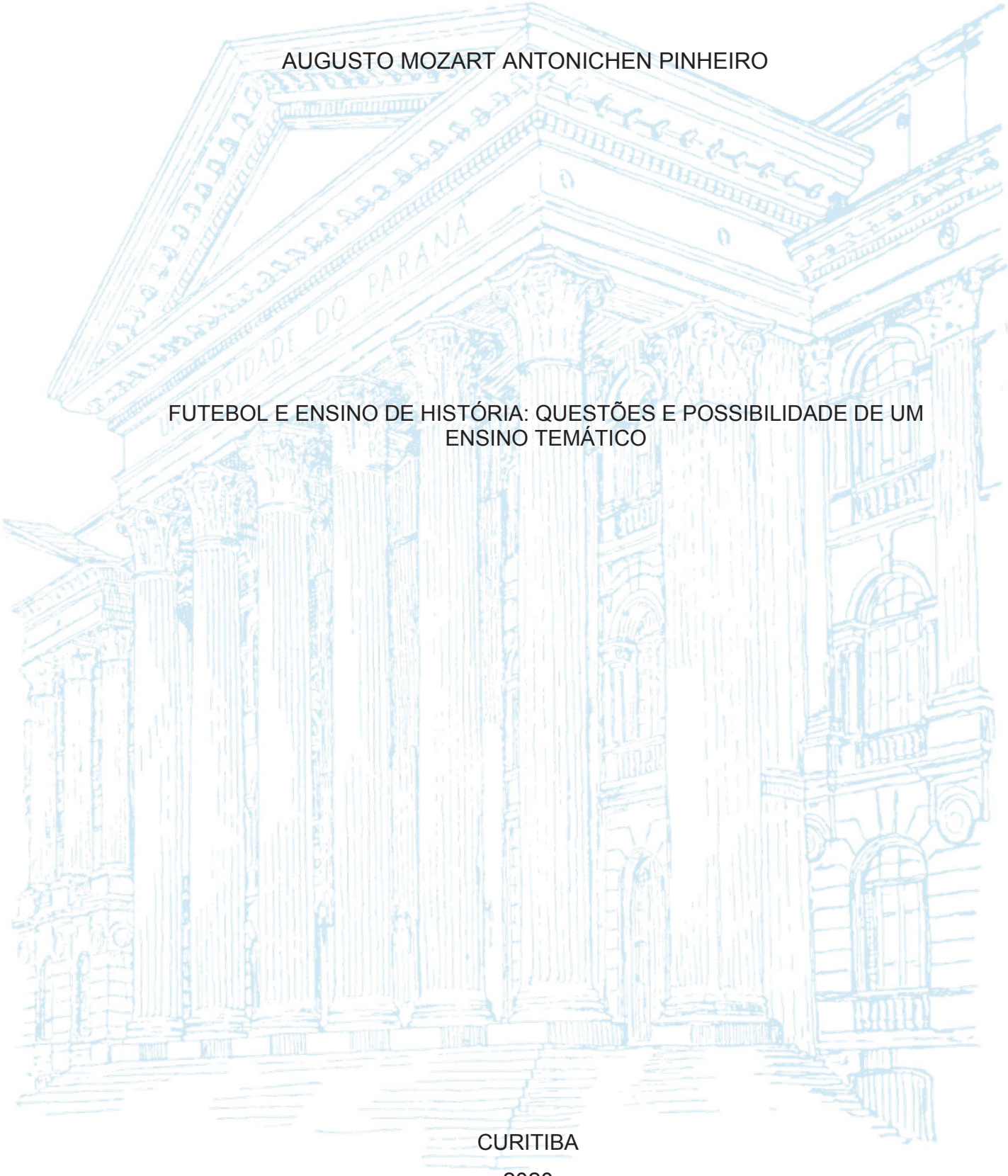
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

AUGUSTO MOZART ANTONICHEN PINHEIRO



# FUTEBOL E ENSINO DE HISTÓRIA: QUESTÕES E POSSIBILIDADE DE UM ENSINO TEMÁTICO

CURITIBA

2020

AUGUSTO MOZART ANTONICHEN PINHEIRO

# FUTEBOL E ENSINO DE HISTÓRIA: QUESTÕES E POSSIBILIDADE DE UM ENSINO TEMÁTICO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ensino de História - ProfHistória, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Edilson Chaves.

CURITIBA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Cruz, Augusto Mozart Antonichen Pinheiro

Futebol e ensino de história : questões e possibilidade de um ensino temático. / Augusto Mozart Antonichen Pinheiro Cruz. – Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
Orientadora : Prof. Dr. Edilson Chaves

História (Ensino fundamental) – Estudo e ensino. 2. Futebol – História - Brasil. 1 Cultura brasileira. 4. Material didático. I. Chaves, Edilson Aparecido. II. Título.

CDD – 372.9

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO DE HISTÓRIA -
31001017155P1

# TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ENSINO DE HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **AUGUSTO MOZART ANTONICHEN PINHEIRO** intitulada: **FUTEBOL E ENSINO DE HISTÓRIA: QUESTÕES E POSSIBILIDADE DE UM ENSINO TEMÁTICO**, sob orientação do Prof. Dr. EDILSON APARECIDO CHAVES, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.
A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 02 de Setembro de 2020.

Assinatura Eletrônica
02/09/2020 20:29:57.0
EDILSON APARECIDO CHAVES
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
03/09/2020 18:27:34.0
FABIO LUCIANO IACHTECHEN
Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE EDUC., CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
02/09/2020 21:54:42.0
WILSON MASKE
Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ )

Assinatura Eletrônica
03/09/2020 21:21:09.0
ERNESTO SOBOCINSKI MARCZAL
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Ao meu pai,

*In memoriam*

## AGRADECIMENTOS

Corrigindo um deslize que cometi em meus agradecimentos na monografia de conclusão da graduação, agradeço primeiramente a Deus pela vida e pelo dom da sabedoria.

Agradeço a trajetória da minha vida que me trouxe até aqui, não foi um caminho tranquilo como havia ocorrido até poucos anos atrás, mas as dificuldades diversas também serviram de aprendizados e sou grato a essas “tempestades”.

Ao meu pai que deixou essa vida em 2018 agradeço por ter me levado ao futebol através do Paraná Clube e ter dedicado horas e mais horas de sua existência conversando comigo sobre futebol e tudo que envolve esse universo, agradeço também por ter me introduzido na História narrando eventos históricos, me levando a museus e nunca deixando de me incentivar a cursar Licenciatura em História e ser professor dessa disciplina, meu pai sonhou isso comigo e afirmo que sem a presença dele em minha vida com certeza eu não seria essa pessoa e essa dissertação não existiria. O livro “Febre de Bola” de Nick Hornby marcou os laços entre meu pai e eu.

Agradeço a minha mãe por sempre estar ao meu lado em minhas decisões e também por ser um inegável baluarte financeiro em momentos turbulentos. Agradeço também a minha Tia Tega por também sempre me apoiar em tudo.

Minha esposa Juliana também merece agradecimentos por tudo que tem feito ao longo desses anos de mestrado que também coincidem com nosso tempo de casamento visto que nossa união formal se deu logo após a minha aprovação para esse curso. Diversas vezes estive ausente ou deverás ocupado dedicando tempo a esse objetivo e ela sempre manteve seu apoio para que eu aqui pudesse chegar.

Deixo aqui também um agradecimento a meu filho Gregório que resolveu vir ao mundo muito antes do planejado chegando aos meus braços em fevereiro de 2019 e fez com que essa dissertação tenha uma elaboração cheia de “livros, fraldas e sorrisos”.

Não posso deixar de citar meu grande amigo e padrinho de casamento Fabio Jurachek, afinal foi ele que me apresentou o “ProfHistória” em 2017 como uma opção de mestrado interessante para nossas carreiras docentes e em breve também deve defender sua dissertação.

Agradeço também ao departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte por manter e disponibilizar para consultas virtuais o acervo “Memorial

do PNLD” com todas as obras didáticas de História presentes nos editais do Programa Nacional do Livro Didático, tal acervo facilitou minha pesquisa.

Agradeço também a Wilson Maske, meu orientador durante a graduação e que foi deverás importante em minha formação acadêmica. Não posso deixar de agradecer Ernesto Sobocinski Marczal e Fabio Luciano Iachtechen pelas orientações após a leitura de parte do meu trabalho, tais indicações e propostas contribuíram muito para a redação final dessa dissertação.

Por fim, mas não menos importante agradeço ao meu orientador Dr. Edilson Chaves, primeiro por ter aceitado entrar nessa orientação em um momento em que pouco ou quase nada eu sabia sobre livros didáticos e propostas temáticas para o ensino de História assim como o futebol não ser sua área de pesquisa. Agradeço pela dedicação imensa ao me indicar leituras, emprestar livros, me apresentar plataformas digitais de pesquisa e nunca se negar em atender pessoalmente ou por telefone para sanar dúvidas além de ler e reler diversas vezes essa dissertação enquanto a construção dela se dava, agradeço também pelo carinho ao me receber em sua sala no Instituto Federal do Campus Curitiba em que trabalha me oferecendo água ou café, afirmo que muito da existência desse trabalho se deve a você, obrigado.

*“Eu me apaixonei pelo futebol como mais tarde me apaixonaria pelas mulheres: de repente, inexplicavelmente, sem aviso, sem pensar no sofrimento e nos transtornos que aquilo ia me trazer”.*

(Hornby, p.6, 2013)

## RESUMO

Essa dissertação discute a relevância do futebol como um elemento da cultura brasileira, apresentando dados e reflexões sobre essa temática. Realiza-se também uma breve reflexão sobre o conceito de cultura e sobre a história do futebol em nosso país buscando encontrar possíveis relações entre esse esporte e o contexto político e social em questão, desde a chegada desse esporte ao Brasil no final do século XIX, pela sua fase oligárquica no início do século XX e sua popularização ao longo do século XX, assim como seus usos pelo Varguismo (1937-1945) e com a Ditadura Civil-Militar iniciada em 1964. Sabendo da relevância do esporte no Brasil e levando em consideração a existência de outros estudos que buscam inserir no estudo de história elementos culturais diversos - como as artes plásticas e a música – reflete-se sobre a possibilidade de se utilizar o futebol como um elemento a ser levado em consideração para o ensino de História. Soma-se a isso estudos acadêmicos sobre o futebol em ascensão no Brasil nos últimos anos. Após apresenta-se uma investigação que foram analisados a presença de documentos relacionados ao futebol em livros didáticos de história no formato temático para o Ensino Fundamental, anos finais, lançadas pelos editais do PNLD entre 2002 e 2017. A pesquisa se deu inicialmente com a finalidade de verificar a existência ou não de documentos relacionados ao futebol e como os autores propõe ou sugerem seu trabalho nas aulas de História, se o documento é utilizado apenas como uma ilustração, sem nenhuma interação didática ou com uso didático parcial, ou se é tratado enquanto uma fonte histórica, fazendo dele parte primordial do estudo se tornando base para o aprendizado histórico. Em linhas gerais pode-se concluir que poucos foram os documentos encontrados – e a maioria em um único volume de uma coleção - se levarmos em conta a quantidade de obras analisadas assim como ainda menos receberam o uso adequado. Finalmente apresenta-se, a partir das análises, uma metodologia de ensino que traz uma sequência didática elaborada a partir da reflexão e da proposta de análise de um conjunto de fontes relacionadas ao futebol como – fontes escritas, fontes orais, fontes iconográficas, – e da inter-relação entre elas seu uso para ensinar História.



Palavras-chave: Ensino de História; Futebol; PNLD; Manuais didáticos; Fontes Históricas.

## ABSTRACT

The following thesis discusses the soccer relevance as an element from the Brazilian culture, presenting data and reflections about that theme. A brief reflection is also performed on the concept of culture and the history of soccer in our country, looking for possible relationships between the sport and the social political context at matter, since the sport arrival in Brazil at the end of the 19th century, through its oligarchic phase in the early 20th century and its popularization throughout the 20th century, as well as how it was used by varguismo (1937 - 1945) and the Civil-Military Dictatorship started in 1964. Knowing the relevance of sport in Brazil and taking into account the presence of other studies that are looking to insert diverse cultural elements into the study of History - such as fine arts and music - we can reflect about the possibility of using soccer as an element to be taken into account for teaching History. It also adds the rising academic studies on soccer in Brazil in the last years. After that, it presents a research that analyzed the presence of documents related to soccer in history textbooks without thematic format for Elementary School, final years, released by PNLD editors between 2002 and 2017. The research initially took place with the purpose of verifying whether or not documents related to soccer exist and how the authors propose or suggest their use in History classes, if the document is used only as an illustration, without any didactic interaction or with partial didactic use, or if it is treated as a historical source, making it a fundamental part of the study and becoming the basis for historical learning. In general terms, it can be concluded that few documents were found - and most of them in a single volume of a collection - if we take into account the number of works analyzed as well as even less from those received the proper use. Finally, from the analyses, a teaching methodology that brings a didactic sequence set up from the reflection and the analysis proposal of a sources group related to soccer is presented being - written sources, oral sources, iconographic sources, - and from the interrelationship between them, their use to teach history.



Keywords: History teaching; Soccer; PNLD; Didactic manuals; Historical Sources.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - OBRAS NO FORMATO TEMÁTICO ANÁLISADAS.....39
QUADRO 2 - GERAL DE ONDE ESTÃO CADA DOCUMETO REFERENTE AO FUTEBOL NAS OBRAS ANÁLISADAS E SUAS CATEGORIAS.....73

## LISTA DE SIGLAS

AMEA – Associação Metropoitana de Esportes Amadores
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
BSSH – British Society os Sports History
CBF – Confederação Brasileira de Futebol
CBJD – Confederação Brasileira de Justiça Desportiva
CESH – European Committee for Sposts History
DCE – Diretrizes Curriculares Estaduais
ESPN - Entertainment and Sports Programming Network
FIFA – Féderation Internationale de Football Association
IFAB – International Football Association Board
LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros
LGBTQI+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Travestis, Queers, Intersexuais e demais gêneros fluídos, não binários e assexuais.
LPF – Liga Paulista de Foot-Ball
MTK - Magyar Testgyakorlók Köre Budapest Futball Club
NASSH – North American Society for Sport History
PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD – Programa Nacional do Livro Didático
PRM – Partido Republicano Mineiro
PRP – Partido Republicano Paulista
SFHS - Società Française d'Histoire du Sport
SISS – Società Italiana de Storia dello Sport
SPAC – São Paulo Athletic Club
STJD – Superior Tribunal de Justiça Desportiva
TJ-RS – Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul

**SUMÁRIO**

**1. INTRODUÇÃO**.....14
**2. CULTURA, CULTURA DO FUTEBOL E ENSINO DE HISTÓRIA**.....20
2.1 CONCEITO DE CULTURA: ALGUMAS RELAÇÕES PARA COMPREENDER O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO.....21
2.2. CULTURA DO FUTEBOL NO BRASIL.....27
2.3 ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA DO FUTEBOL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....34
**3. MANUAIS ESCOLARES DE HISTÓRIA: A HISTÓRIA TEMÁTICA**.....37
3.1. O PNLD: A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E SUAS TENDÊNCIAS, HISTÓRIA CONVENCIONAL, INTEGRADA OU TEMÁTICA.....37
3.2. A HISTÓRIA TEMÁTICA NAS COLEÇÕES DO PNLD.....38
3.3. ANALISANDO OS LIVROS DE HISTÓRIA TEMÁTICA DO SÉCULO XXI..... 40
**4. FONTES HISTÓRICAS, ENSINO DE HISTÓRIA E FUTEBOL**.....46
4.1 O USO DAS FONTES E ENSINO DE HISTÓRIA.....46
4.2. O USO DOS DOCUMENTOS DO FUTEBOL NAS COLEÇÕES ANÁLISADAS.....47
4.2.1 Categorização dos documentos.....47
4.2.2 Análise dos documentos do futebol presentes nas coleções analisadas.....48
**5. PROPOSTA PARA O USO DAS FONTES HISTÓRICAS LIGADAS AO FUTEBOL NO ENSINO DE HISTÓRIA** .....75
5.1 PLANO DE AULA SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E FUTEBOL NO BRASIL....75
5.2 PLANO DE AULA SOBRE FUTEBOL BRASILEIRO E O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....79
5.3 PLANO DE AULA SOBRE O RACISMO E O FUTEBOL NO BRASIL.....85
5.4 ANÁLISE DAS FONTES UTILIZADAS NOS PLANOS DE AULA SUGERIDOS.....94
**6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....99
**REFERÊNCIAS** .....103

## 1. INTRODUÇÃO

A paixão pelo futebol, culturalmente falando, é uma herança de meu pai. Já na infância, diversas foram nossas conversas sobre o assunto, debatendo desde a qualidade de algum atleta até o desorganizado calendário do futebol brasileiro entre o final dos anos 1990 e início da década seguinte. Nesse contexto os jornais e revistas comprados por meu pai já me serviam como fontes de pesquisa para saciar a minha curiosidade sobre o esporte. Foi neste período que tomei contato com uma edição da revista esportiva Placar[1], a minha favorita por trazer a relação dos 500 maiores times do Brasil até aquele momento com dados técnicos sobre todos eles, um grande volume de pequenas informações que eu passava horas estudando-as.

Já de início acredito ser necessário deixar claro uma informação pertinente, toda vez que me referir ao futebol estou tratando do esporte cujas regras são estabelecidas pela "International Football Association Board" (IFAB) e que é administrado mundialmente pela "Fédération Internationale de Football Association" (FIFA) excluindo, portanto, modalidades similares como o Futsal e o Futebol e Areia por questões de delimitação do que se pretende com essa dissertação. Dentro do futebol incluo as categorias feminina e masculina assim como a prática amadora do mesmo, seus atletas, eventos e os usos e apropriações que a sociedade faz desse esporte como a publicidade através dele, por exemplo.

Ao cursar licenciatura em história me deparei com diversas possibilidades de estudos que os historiadores desenvolveram utilizando variados tipos de fontes e passando a englobar na história elementos que normalmente não eram levados em conta, moda e alimentação são exemplos desses estudos. Entretanto, eu não cheguei durante a graduação à conclusão de que eu poderia levar o futebol a sério dentro dos estudos acadêmicos, afinal ele não se fazia presente nos textos teóricos que tive acesso nessa etapa acadêmica e no limite era citado como elemento cultural brasileiro.

Tal situação se deve em muito a relutância que os pesquisadores da grande área das ciências humanas tinham em pesquisar o/ou sobre o futebol. Alfonsi e Campos (2014, p.8), relata que em 1947 foi publicado o primeiro livro sobre o futebol brasileiro, denominado "O negro no futebol brasileiro" e escrito por Mário Filho. Vale ressaltar que essa obra influenciou as gerações seguintes, mas em geral não adentrou nos meios acadêmicos que, segundo Alfonsi e Campos (2014, p.8), continuavam a não se interessar por esse esporte. Hilário Franco Júnior, autor de "*A*

[1] Placar: 500 maiores times do Brasil (edição especial), Editora Abril, 2003.

*dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura"* em entrevista ao jornal Folha de São Paulo também descreve as dificuldades e preconceitos relacionados à temática:

> De um lado, sem dúvida há preconceito de muitos intelectuais em relação a tal objeto de estudo, pretensamente menor. Se resolvi enfrentar esse preconceito, é porque me parece que todo tema de pesquisa é legítimo; o que pode ser menor é a maneira de tratá-lo. Um mau estudo não fica melhor porque é, digamos, de filosofia ou de física. Mas também existem, de outro lado, dificuldades que vêm exatamente da importância do futebol na sociedade brasileira. [...] Somos todos tão inundados cotidianamente por informações sobre futebol na televisão, na internet, nas rádios, nas revistas, nos jornais que ficamos enredados em discussões sobre detalhes de uma partida, e não sobre o significado do jogo. A emoção que ele desperta também não facilita a reflexão, como mostram certos programas de debate no rádio e na TV.(Franco Jr, 2007).

O primeiro caso de pesquisa acadêmica, dentro das ciências humanas, no Brasil, sobre o futebol é iniciado em 1972 e concluída 1977, uma dissertação de mestrado produzida por Simoni L. Guedes. Porém é só a partir da década de 1980 que o futebol passa a ganhar mais espaço no meio acadêmico, muito por influência do trabalho de DaMatta que passou a pesquisar o futebol e incentivar a produção de novos estudos sobre a área. Desde então o futebol vem ganhando mais espaço no meio acadêmico, já sendo várias as pesquisas entre os anos 1990 e 2020, mas muito ainda se tem a pesquisar sobre esse esporte – assim como em diversas áreas - assim como são múltiplas as possibilidades de usos que as fontes gerados pelo futebol podem passar a ter (Alfonsi e Campos, 2014, p.9, 10-11)

Essa indiferença nos meios acadêmicos pela temática do futebol foi paulatinamente sendo superada, especialmente porque o tema dialoga com vários setores da sociedade brasileira e segundo pesquisa da Ipsos[2] – importante empresa na área do mercado de coleta e compilação de dados – e encomendada pela ESPN, ao menos 40% (quarenta por cento) da população brasileira tem interesse por futebol e cerca de um quarto frequenta estádios. A princípio é possível afirmar que o futebol é o principal esporte no Brasil e único capaz de atrair grandes públicos durante todo o ano.

Com o meu amadurecimento como profissional da História e com base na entrada do futebol como um elemento passível de ser considerado em ambientes acadêmicos passei a ver como viável e até necessária utilização de temáticas relacionadas ao futebol como meio para o ensino de história.

Eu, enquanto professor de História passei a buscar uma maneira apropriada de levá-lo para sala de aula, pois pensando no futebol como um motivador pessoal que

[2] Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/711689_estudo-aponta-que-40-dos-brasileiros-tem-interesse-em-futebol-um-quarto-frequenta-estadios acesso em: 06/08/2018

me levou a estudos aprofundados sobre a temática e tudo aquilo que a cercava, pois concordando com Guterman (2014, p.9), o futebol é o maior fenômeno social do Brasil, representando – de forma geral - identidade nacional e conseguindo dar significado aos desejos de potência da população brasileira, acredito que o futebol deve ser levado em consideração para o ensino de história como um mecanismo e também como um motivador que desperte o interesse de jovens para a História e são diversos os momentos que podemos relacionar o futebol com temas estudados na disciplina de História no Brasil, rapidamente podemos citar industrialização e os clubes fabris, ditadura e sua influência no meio futebolístico e racismo e futebol, mas as possibilidades são diversas e algumas vão ser trabalhadas ao longo desse texto.

Ressalto aqui que já existe no ensino de história a utilização de outros elementos da cultura que promovem conexões entre História e o uso de diferentes fontes, como o cinema, a história oral, a literatura, a pintura, a fotografia, a música, entre outras, estão presentes na história ensinada. Assim levando tais situações em conta passa-se ao questionamento, teria as produções voltadas para o ensino fundamental de anos finais em formato temático – o motivo da escolha dessa período é por haver mais obras em formato temático nessa fase do que nas demais, como o ensino médio, por exemplo - oferecidos pelo governo através do PNLD no século XXI incluído o futebol? Se sim, o teria incluído apenas como uma imagem de ilustração ou propõe uma real interação com aluno buscando levar os educandos a alguma reflexão?

Para responder a essas problemáticas busquei primeiro compreender de forma investigativa qual é a real trajetória do futebol em nosso país como um elemento cultural central em nossa identidade.

Na história escolar muito se tem visto a respeito das inovações dos professores na tentativa de trazer para o ensino de história mudanças que permitam ao estudante o aprendizado mais significativo. Muito dessas inovações podem ser vistas nos livros didáticos de História, no entanto, pela experiência docente é possível afirmar que ainda há poucos trabalhos que aproximam temáticas relacionadas ao futebol com a sala de aula.

Elegemos como fonte de pesquisa, livros didáticos de História aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, especificamente os livros de História Temática, compreendido como o que “permite a reflexão sobre qualquer momento da história, o que possibilita a articulação entre múltiplos espaços e tempos e a relação presente-passado” (BRASIL, 2007), reconhecendo que a organização dos

conhecimentos históricos por temáticas ou eixos temáticos requer maior protagonismo do professor, no sentido de estudo e aprofundamento da história-conhecimento, bem como uma cultura geral mais sólida, que lhe permita dialogar com inúmeras fontes e transformá-las em linguagens de ensino e aprendizagem (CAIMI, 2009A)

Nossas indagações gerais partem de que sendo o Brasil considerado o país do futebol, os meios para ensinar, em nosso caso o livro didático de história, tem contribuído para novas abordagens e orientações sobre a importância do futebol para a sociedade brasileira? De que forma essas abordagens são sugeridas e trabalhadas nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental anos finais?

Nossa metodologia será na modalidade de análise de conteúdo considerando bibliografias de diferentes conhecimentos em consonância com o ensino de História, desenvolvendo assim, referencial teórico sobre a importância de discussões relacionadas ao universo do Futebol. Considera, que nos últimos anos, “tem surgido uma variedade de propostas que almejam proporcionar um ensino de História mais significativo para a geração do mundo tecnológico” (BITTENCOURT, 2004). Nesse sentido propostas curriculares elaboradas por Estados e Municípios como os Parâmetros Curriculares Nacionais e ainda pelo Programa Nacional do Livro Didático - PNLD orientam para o uso de novos materiais como charges, pinturas, gravuras, fotografias, mapas e tabelas, além de poemas, músicas e história em quadrinhos que podem ser transformados em instrumentos de construção do saber histórico escolar.

Nesse sentido, esse trabalho propõe o desafio de construção de planos de aula com a temática futebol e ensino de história com reflexões teóricas e críticas sobre como o futebol se faz presente em diversos aspectos da sociedade. Para tanto utilizaremos como produto um conceito de aula baseado no modelo da Aula-oficina de Isabel Barca, que aponta o professor como um investigador social a quem caberia “aprender e interpretar o mundo conceptual dos seus alunos, não para de imediato o classificar certo/errado”, mas para auxiliá-lo a modificar, de maneira positiva, os conceitos e ideias que os mesmos possuem sobre os temas e conteúdos propostos. Nesse caso, o aluno é “visto como agente do seu próprio conhecimento”. Para a autora “de acordo com os debates atuais em torno do conhecimento histórico, ser instrumentalizado em História passa por uma compreensão contextualizada do passado, com base na evidência disponível, e pelo desenvolvimento de uma orientação temporal que se traduza na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado” (BARCA, 2004).

A construção dos planos de aulas se dará com base na projeção de uma aula que traga:

> I. Interpretação de fontes como leitura de fontes históricas diversas – com suportes diversos, com mensagens diversas; cruzar as fontes nas suas mensagens, nas suas intenções, na sua validade; selecionar as fontes com critérios de objetividade metodológica, para confirmação ou refutação de hipóteses descritivas e explicativas.
>
> II Compreensão contextualizada: entender – ou procurar entender – situações humanas e sociais em diferentes tempos, em diferentes espaços; relacionar os sentidos do passado com as suas próprias atitudes perante o presente e a projeção do futuro; levantar novas questões, novas hipóteses a investigar – o que constitui, em suma, a essência da progressão do conhecimento. (BARCA, 2004, p. 132).
>
> III. Avaliação das fontes rumo à construção de novos conhecimentos

Em linhas gerais permito-me a escrever que esse trabalho tem por objetivo primeiramente as já mencionadas buscas teóricas e conceituais sobre o futebol e sobre o conceito de cultura. Um segundo objetivo é a análise das obras didáticas de história em formato temático de ensino fundamental para definir o que há e o que não há de uso das fontes relacionadas ao futebol nelas. Por fim, o terceiro objetivo é o de construir um material que utilize fontes ligadas ao futebol de forma adequada para o ensino de história, sendo assim esse trabalho estará dividido da seguinte maneira:

1º CAPÍTULO - sendo assim, iniciamos com uma breve revisão teórica sobre o conceito de cultura a ser utilizado no decorrer do texto passando pelos principais teóricos sobre o assunto. Depois passo a recorrer à bibliografia disponível sobre o futebol no Brasil para melhor compreendê-lo e.

2º CAPÍTULO - ao passar para a busca nos materiais didáticos de fontes relativos ao futebol. Inclui na lista de coleções analisadas apenas as formato Temático, tendo a priori as escolhido em detrimento das demais devido a não possibilidade de analisar a todas devido ao tempo existente para a realização dessa dissertação e em segundo lugar por pensar no formato temático como o mais apropriado para a inclusão do futebol como tema ou parte do tema estudado, além de, segundo Schmidt e Cainelli (2004, p.15), recuperar o aluno como sujeito que produz história e não fazer dele apenas um espectador de algo já pré determinado produzido pelos heróis nos livros tradicionais.

3° CAPÍTULO –passamos a analisar o uso – se é que há uso – de documentos ligados ao futebol nos livros analisados assim como categorizá-los e apresenta-los.

4º CAPÍTULO - em um terceiro momento objetiva-se construir planos de aula que utilizem documentos relativos ao futebol que ao serem transformados em fonte históricas possam passar a serem utilizados para o ensino. Nessas sequências buscarei demonstrar como o futebol pode estar participando da política, das disputas religiosas e até das artes plásticas em uma sociedade.

## 2. CULTURA, CULTURA DO FUTEBOL E ENSINO DE HISTÓRIA

Através de uma simples pesquisa no site de buscas — “Google Imagens” utilizando a palavra — “Brasileiro” como elemento de pesquisa o resultado traz uma série de pessoas vestidas com a camisa da seleção brasileira de futebol ou futebolistas brasileiros. Para o caso do uso do feminino — “brasileira” o resultado também traz, mas em menor escala, mulheres vestidas com a camisa da seleção de futebol. Em sua obra: — “O que faz do brasil, Brasil”, DaMatta (1986), associa o brasileiro como alguém ligado ao futebol, trazendo uma ilustração (1986, p.95) do chileno Jimmy Scott retratando o — “jeitinho” brasileiro através de um homem negro, vestindo uma camisa de futebol que em muito lembra a do Flamengo – a camisa não tem o brasão do clube no desenho, provavelmente por questões de direitos de imagem. A frase, — “Brasil, o país do futebol”, se tornou comum no cotidiano nacional e passou a ser parte do imaginário brasileiro sobre o próprio país, ela se tornou parte de nossa identidade nacional. Roberto DaMatta ao se debruçar sobre esse tema também pensa o futebol – assim como a música popular, o carnaval e outro elementos culturais – como um fator identitário dos brasileiros, algo que segundo ele faz o — “Brasileiro se diferenciar do americano” por exemplo, já que para nós, — “o futebol se joga com os pés”.(DAMATTA, p.17).

Vale ressaltar que pensar o futebol como uma tradição brasileira, como algo que conecta os brasileiros e se torna parte da identidade nacional cabem ressalvas, pois esse esporte foi utilizado em diferentes momentos da nossa história política dessa forma e acabou se materializando nessa tradição, o conceito de tradição inventada descrita por Hobsbawm na obra a “A Invenção das Tradições" (1997) se encaixa nesse caso. Outras ressalvas práticas mais podem ser colocadas, como o fato de o Brasil não ter as maiores médias de públicos em estádios e nem sem o país que mais prática o futebol de acordo com o tamanho de sua população, mas é fato que há uma concepção geral de que o Brasil está ligado ao futebol e esse esporte é o com mais público e audiência no país, como atesta pesquisa da Ipsos[3] e encomendada pela ESPN[4], aponta que pelo menos para quarenta por cento dos brasileiros o futebol é uma grande paixão e pelo menos um quarto da população

3 Empresa multinacional de pesquisas fundada na França em 1975 e atuante no Brasil desde 1997. Disponível em: https://www.ipsos.com/pt-br Acesso em: 01/02/2019.

4 “Entertainmentand Sports Programming Network”, canal de televisão por assinatura com conteúdo exclusivamente esportivo.

brasileira frequenta estádios de futebol[5]. Apesar desta suposta — "paixão", tal esporte não se fazia tão presente nos meios acadêmicos, entretanto, ocorreu nas últimas três décadas uma crescente no desenvolvimento de estudos com temáticas ligadas ao esporte em geral e entre eles, o futebol. Acredito que podemos apontar o futebol como uma temática que já possui certa historiografia pois são centenas de grupos de pesquisa espalhados pelo planeta e mais de uma dezena deles pertencentes, pelo menos em partes, a instituições brasileiras. Posso citar também algumas sociedades que buscam reunir estudiosos de fenômenos esportivos como a European Committee for Sports History (CESH), a North American Society for Sport History (NASSH), a Società Italiana de Storia dello Sport (SISS),a British Society of Sports History (BSSH), a Societè Française d´Histoire du Sport (SFHS), entre outras.

A ausência do futebol como tema a ser pesquisado no passado das ciências humanas pode ter ocorrido devido ao excesso de informações cotidianas sobre o assunto, mas principalmente por ele ter sido tratado apenas como uma forma de entretenimento isenta de maiores significados sociais, fato esse que não é verdadeiro como já foi percebido pelos pesquisadores e como será tratado adiante.

Levando em conta que temáticas relacionadas ao futebol brasileiro são poucas vezes trabalhadas na educação escolar e por vezes ausentes do currículo brasileiro, Edilson Chaves aponta que nesse sentido

> É importante relembrar, aqui, a ideia de "tradição seletiva" que tem sido usada para se compreender como é que a escola, enquanto instituição social, seleciona os conteúdos culturais que devem ser incluídos - ou não – nos currículos e programas que orientam os processos de produção de materiais didáticos, como os livros, e também a elaboração de propostas curriculares para os sistemas educacionais. (CHAVES, 2006 p.10.).

Partindo dessa questão, é necessário, para sustentar o presente estudo, que se busque um conceito de cultura no sentido de entender a presença ou a ausência do futebol nos livros de História, a partir das relações entre cultura, futebol e ensino de história.

## 2.1. CONCEITO DE CULTURA: ALGUMAS RELAÇÕES PARA COMPREENDER O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

[5] Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/711689_estudo-aponta-que-40-dos-brasileiros-tem-interesse-em-futebol-um-quarto-frequenta-estadios acesso em: 08/01/2019.

A definição do conceito de Cultura perpassa por diferentes campos e dessa forma pode ser vista, no campo da Educação, com significados multidisciplinares. Neste estudo optou-se por utilizar o conceito a partir da ideia de que “Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões” (COSTA,2003). Para Stuart Hall (2003, p.132), um dos precursores dos Estudos Culturais na Inglaterra, três obras são vistas como pioneiras desse novo campo são elas, “As utilizações da Cultura”, de Hoggart; “A formação da classe operária inglesa” de Thompson e “Cultura e Sociedade” de Williams. Este último destacou-se no pós-Segunda Guerra Mundial no que ficou conhecido como *new left review,* uma corrente de pensamento que se afastou do socialismo soviético stalinista ao mesmo tempo que tece críticas ao Partido trabalhista britânico. Partindo desse seio de contestações Williams realiza seus estudos em direção a um conceito de cultura, propondo que a cultura não sofre nenhuma decadência ou declínio, assim como não acredita na existência de alta cultura ou baixa cultura, mas sim de uma cultura plural com traços semelhantes em diferentes camadas da sociedade.

Para Terry Eagleton (2005, p. 9), o termo “cultura” é “uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua”. Essa palavra tem origem etimologicamente do latim *colere*, utilizado para indicar vivências e coisas muito diferentes, como habitação (origem do termo “colonizar”) e veneração religiosa (“culto”). Entretanto, o mais antigo significado para esse termo o relaciona a ofícios manuais de cunho agrícola, o “cultivo da lavoura”.

Dessa forma, um termo que outrora nomeava uma realização material específica transforma-se, principalmente nos séculos XVIII e XIX em um substantivo um tanto quanto abstrato, que significa uma espécie de cultivo do intelecto, seja de forma pessoal ou de forma coletiva.

> A palavra, assim, mapeia em seu desdobramento semântico a mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana, da criação de porcos a Picasso, do lavrar o solo a divisão do átomo [...] Talvez por detrás do prazer que se espera que tenhamos diante de pessoas “cultas” se esconda uma memória coletiva de seca e fome (EAGLETON, 2005, p. 10)

Eagleton (2005, p. 11) aponta ainda que

> Se a palavra “cultura” guarda em si os resquícios de uma transição histórica de grande importância, ela também codifica várias questões filosóficas fundamentais. Neste único termo entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado.

A palavra “cultura” tem, a grande habilidade de acumular em si conceitos distintos, ideias, que são opostas, inclusive, como se fosse uma forma — consagrada pelo uso comum — de apreender relações sociais complexas e contraditórias. Raymond Williams foi um dos pioneiros em estudar esse caso.

O caminho de Williams em direção à definição do conceito de cultura tem sua origem em *Cultura e Sociedade (2011)*. O trabalho continua em *“The Long Revolution”* (1965)*,* em que o Williams explica tal conceito como “relações entre elementos em um modo de vida global” (WILLIAMS, 1965, p. 63). A análise da cultura coincidiria, com a empreitada de explorar “a natureza da organização que é o complexo dessas relações” (WILLIAMS, 1965, p. 63). O estudo de instituições ou, ainda, obras, culturais específicas torna-se, dessa forma, o exame delas quando “incorporam como partes da organização em seu todo” (WILLIAMS, 1965, p. 63). Segundo Williams, o conceito chave é “padrão”: A partir do descobrimento de padrões característicos é que a análise cultural possui um começo, e é através das relações entre esses padrões — que algumas vezes revelam correspondências surpreendentes e outras vezes revelam descontinuidades inesperadas — que a análise cultural geral está preocupada.

Nessa perspectiva, o conceito de cultura apela ao sentido antropológico que começara a se estabelecer na segunda metade do século XIX. Sua referência mais óbvia é a ideia de comunidade. As pessoas vivem juntas e compartilham certo tipo de organização, a qual treinou suas mentes para as diversas atividades conformadoras da prática social em seu conjunto. Aquela organização social global materializa-se em instituições concretas, como a política, a arte e a ciência. Cada uma é socialmente distinta da outra, mas, simultaneamente, todas se diluem na indistinção de um tecido comum: a comunicação. Ou seja: por diferentes que pareçam, não passam de diferentes formas de atividade social e comunicacional humana. Mesmo a edificação central de uma comunidade, seja ela um monte, uma praça, um coreto ou uma catedral, é de fato um meio de comunicação que tanto organiza quanto expressa significados comuns pelos quais seu povo vive e atribui sentido à experiência.

A comunicação dá prova da existência de uma rede de significados que estão por toda parte: não apenas na língua falada e escrita, mas em toda sorte

de imagens, padrões, ritmos e tons. Não estamos apenas diante de um estado, mas de um processo. Os seres humanos vêm e vão, mas os signos permanecem. Sobrevive para continuar o processo de organização, a recriação contínua de significado sem a qual a sociedade como tal não poderia existir.

> Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. [...] A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. A sociedade em desenvolvimento é um dado, e, no entanto, ela se constrói e reconstrói em cada modo de pensar individual. A formação desse modo individual é, a princípio, o lento aprendizado das formas, dos propósitos e significados, de modo a possibilitar o trabalho, a observação e a comunicação. Em segundo lugar, mas de igual importância, está a comprovação destes na experiência, a construção de novas observações, de comparações e de novos significados. Uma cultura tem dois aspectos: os significados e direções conhecidos, em que seus membros são treinados; e as novas observações e os novos significados, que são apresentados e testados. Estes são os processos ordinários das sociedades humanas e das mentes humanas, e observamos por meio deles a natureza de uma cultura: que é sempre tanto tradicional quanto criativa; quetanto os mais ordinários significados comuns quanto os mais refinados significados individuais. Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida — os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado — os processos especiais de descoberta e esforço criativo.
>
> (WILLIAMS apud CEVASCO, 2001, p. 52-53).

Portanto, se tratava de “um” - o conjunto de elementos em um modo de vida - Torna-se, ao final da citação, “dois”: os “significados comuns” e sua recriação no “esforço criativo”. Não devemos nos assustar. Na verdade, como explica o próprio Williams, as dificuldades do conceito de cultura não devem ser localizadas nele próprio, mas na natureza das práticas sociais que pretende designar. O conceito guarda uma “complexidade genuína, correspondente a elementos reais na experiência” (WILLIAMS, 1965, p. 59). Não por acaso, surge de uma “convergência de interesses” (WILLIAMS, 2000, p. 11). Tal “convergência” reúne em si preocupações focadas em distintas dimensões da dinâmica simbólica, as quais terminaram cristalizadas em três conceitos principais:

a) Cultura como “ideal”. Nessa definição, a cultura é um estado ou processo de perfeição humana, definidos nos termos de certos valores absolutos ou universais. A análise da cultura torna-se aqui, essencialmente, a descoberta e descrição, em vidas e trabalhos, daqueles valores que podem ser

vistos como compondo uma ordem atemporal, ou como fazendo referência permanente à condição humana universal.

b) Cultura como “documentação”. A cultura é o corpo dos trabalhos intelectuais e imaginativos em que o pensamento e a experiência humana ficaram vária e detalhadamente registrados. A análise da cultura, nessa perspectiva, cabe à atividade crítica, que descreve e valoriza a concepção e a experiência, bem como os detalhes de linguagem, forma e convenções em que estas se fazem ativas. Essa atividade crítica pode ser: 1) um processo de “análise ideal”, isto é, a tentativa de expor o “melhor que tem sido pensado e escrito no mundo” (WILLIAMS, 1965, p. 57); 2) um processo que, mesmo interessado na tradição, enfatiza o trabalho particular sendo estudado (buscando sua clarificação e valoração); 3) uma modalidade histórica de crítica, que examina trabalhos particulares procurando relacioná-los às sociedades e tradições particulares em que apareceram.

c) Cultura como “modo de vida”. Nessa definição, de natureza social ou sociológica, a cultura refere-se a estilos de vida particulares, articulados por meio de significados e valores comuns, oriundos de instituições e expressos no comportamento ordinário. A análise da cultura torna-se, aqui, a clarificação desses significados e valores, sejam eles implícitos ou explícitos. Tal análise abrangerá a crítica histórica já referida em “b” — ou seja, a análise de trabalhos intelectuais em referência às sociedades e tradições particulares nas quais foram criados —, mas incluirá também o exame de elementos do modo de vida que os seguidores da segunda definição provavelmente não considerariam “cultura” (a organização da produção, a estrutura da família, as instituições que expressam ou governam as relações sociais, as formas da comunicação social etc.). Novamente, a análise irá variar, no âmbito dessa definição, de uma ênfase no “ideal” (a descoberta de valores absolutos ou universais, ou pelo menos mais altos ou baixos), passando pelas práticas “documentadoras”, desta feita voltadas à clarificação de um modo de vida particular, até o estudo propriamente dito de significados e valores particulares, buscando não tanto compará-los (como forma de estabelecer uma “escala”), mas, pelo estudo desses modos de mudança, “descobrir certas ‘leis‘ ou ‘tendências‘ gerais, pelas quais o desenvolvimento social e cultural como um todo pode ser mais bem compreendido” (WILLIAMS, 1965, p. 58).

Williams não descarta nenhuma dessas formas de definição, ao contrário do que poderíamos esperar de uma perspectiva, digamos, mais “normativa”. O autor enxerga valor em todas elas. Em sua visão parece necessário, por um lado, ao tratar de significados e valores, não nos restringirmos à arte e ao trabalho intelectual. Por outro lado, é notável o grau em dependemos, para adquirir conhecimento de civilizações passadas, de um corpo de trabalho intelectual e imaginativo. Nesse sentido, uma descrição da cultura em termos documentais é, pelo menos, razoável. Poderia ser mesmo discutido se, considerando que temos o termo “sociedade” para a descrição mais ampla, não poderíamos restringir “cultura” a essa segunda referência. Se a vantagem da limitação é nítida, há, contudo, elementos na definição “ideal” que também parecem ser valorosos, e que encorajam a retenção da referência ampla.

As variações de significado e referência no uso do termo não precisam ser vistas como uma desvantagem que atrapalha qualquer pureza de definição. Há referências significativas em cada uma das três conceituações, e, se é assim, são as relações entre elas que realmente devem reclamar nossa atenção. Qualquer teoria da cultura que se pretenda realmente digna do nome precisa incluir as três dimensões apontadas por essas definições; inversamente, qualquer definição particular que exclua as outras certamente enfrentará problemas.

> É óbvio que, dentro de uma disciplina, o uso conceitual tem de ser clarificado. Mas em geral é o conjunto e a sobreposição de sentidos que é significativo. O complexo de sentidos indica uma complexa discussão sobre as relações entre desenvolvimento humano geral e um estilo particular de vida, e entre ambos e as obras e práticas de arte e inteligência. É especialmente interessante que em arqueologia e antropologia cultural a referência a cultura ou a uma cultura seja primordialmente à produção material, ao passo que em história e estudos culturais a referência seja antes de tudo a sistemas significantes ou simbólicos. Isso confunde, se é que mesmo mais frequentemente não oculta, a questão central das relações entre produção ‗material‘ e “simbólica”, a qual, em alguma discussão recente — cf. meu próprio *Cultura* — tem sido sempre relacionada ao invés de contrastada (WILLIAMS, 2007, p. 91).

O escritor britânico/estadunidense Eliot na obra “Notas para a definição de Cultura” argumenta que uma minoria (elite) e uma maioria (massa/classes baixas) mesmo que compartilhando uma mesma cultura, compartilhando valores muitas vezes comuns, fazem isso de forma diferente, pois a maioria não vive essa cultura

em um nível de consciência igual ao da minoria. Eliot apresenta três condições para a formação da cultura:

> (...) A primeira é estrutura orgânica (...) que alimentava a transmissão hereditária de cultura dentro de uma cultura; e isso requer a persistência das classes sociais. A segunda é a necessidade de que uma cultura seja decomponível, geograficamente, em culturas locais: isso levanta o problema do "regionalismo". A terceira é o equilíbrio entre unidade e diversidade na religião – isto é, universalidade de doutrina com particularidade e culto e devoção.
> (ELIOT, 1988, p. 26).

Segundo Eliot, tais condições não garantem necessariamente o desenvolvimento de uma sociedade, mas sem eles estão presentes nas que ele considera como melhores no aspecto cultural. Além disso, Eliot (1988, p.45) pensa a cultura como algo geral de uma sociedade e que não pode ser individualizado, ou seja, ele a pensa como um modo de vida característico das pessoas de uma sociedade. Outro ponto relevante é que para esse autor uma cultura minoritária o desenvolvimento da cultua como um todo, como se se englobasse nela.

Willians discorda desse último aspecto de Eliot, pois para ele a cultura não pode ser planejada sendo trazida para um nível de consciência, pois ela é ilimitada e sem um rumo correto ou único, o que não significa que não se deve ser zelada, pois devemos nos assegurar de que as comunidades possam viver livremente suas culturas com a participação do coletivo existente na localidade (Williams, 2011, p.358). O autor conclui "Cultura e Sociedade" defendendo uma Cultura geral e abrangente criada por todos os membros de uma sociedade e aberta as transformações ocorrentes. Isso o difere de Eliot novamente, que por sua vês pensa que a Cultura pode ser geral mesmo que guiada por uma elite minoritária, esse pensamento fica evidente quando Eliot (1988, p.64) descreve que uma aristocracia seria a possuidora de uma função primordial quanto a Cultura, a de um grupo emanador da melhor cultura que aos poucos atingiria os níveis inferiores, ou seja, esse grupo superior cria Cultura "boa" enquanto os inferiores a traduzem para si as suas maneiras.

## 2.2. CULTURA DO FUTEBOL NO BRASIL

Apesar de o Brasil ser conhecido como "o país do futebol", esse esporte não nasceu "brasileiro". O futebol foi introduzido em nosso país por Charles Willian Miller.

Paulista e filho de um britânico com uma brasileira com origem também britânica. Seu pai trabalhava – como muitos dos imigrantes britânicos no Brasil do século XIX – na elaboração de projetos ferroviários e implantação dos mesmos, o que fazia dele e de sua família membros de uma elite social no Brasil. Membro de uma elite, Charles Miller foi enviado aos nove anos de idade, em 1884, estudar *Banister Court School*, em Southampton, Inglaterra. Em dez anos de estudo nessa instituição Miller teve contato com o futebol e se apaixonou por ele trazendo-o consigo ao Brasil quando retornou ao país (Guterman, 2014, p. 14). Segundo Franco Jr. (2007, p. 60) ele trouxe dois uniformes, um par de chuteiras, duas bolas além de uma bomba de ar e um livro com as regras oficiais do esporte. Em 1885, Miller conseguiu organizar a primeira partida oficial de futebol no Brasil, disputada entre membros do São Paulo Athletic Club[6] – Clube de que Miller e sua família eram sócios – e membros da São Paulo Railway Company – companhia para a qual Miller trabalhava – contra membros da "The GazCompany" - que eram ingleses e anglo-brasileiros que trabalhavam nessa empresa - no dia 14 ou 15 de abril de 1895. Tal partida, segundo Unzelte (2002, p.20), foi vencida pela Railway por 4 X 2. Iniciava assim o futebol no Brasil, pelo menos oficialmente, pois com base em Franco Jr,(2007, p. 60 e s.) já haviam no início dos anos 1880 práticas muito similares ao futebol no Brasil, como por exemplo no Colégio São Luís[7] em que os alunos eram levados a praticar "Bate Bolão", jogo entre equipes de onze jogadores que chutavam a bola entre traves de madeira defendidas pelos adversários, outro caso citado se deva em praias e imediações de portos frequentados por marinheiros britânicos e até uma partida realizada em 1878 em frente à residência da Princesa Isabel, ou seja, Miller não foi o primeiro a trazer o futebol para o Brasil, mas sim o primeiro a apresenta-lo com as regras oficiais no país.

Segundo Guterman (2014, p.9 e s), o futebol ao chegar no Brasil no século XIX não se tornou rapidamente um esporte símbolo do país, inicialmente ele aparece como uma prática elitista praticada de forma restrita em clubes da elite paulista e por times formados pelas empresas com empregados ingleses. Outro fator que chama a atenção nesse período é o completo amadorismo do esporte, não havia campeonatos regulares, campos, em geral, adaptados e inadequados – área

[6] Atual SPAC. Disponível em: https://www.spac.org.br/institucional/nossa-historia/ Acesso em: 26/01/2019.

[7] Colégio fundado por Jesuítas em Itu no ano de 1867 e que meio século depois passou sua sede para a Avenida Paulista em São Paulo capital. Fonte: http://www.saoluis.org/o-colegio-sao-luis/nossa-historia/ Acesso em: 17/01/2019.

central de prados de corrida de cavalos, grandes jardins de clubes, praças e áreas ao redor das cidades, materiais inadequados e pouco reflexo midiático. Essa última informação se deve a inexistência do rádio[8] no período e do pouco respaldo que os jornais davam aos jogos.

Guterman (2014, p. 12 e s.) mostra que com o advento do século XX os jornais – o que é uma consequência do crescimento do interesse público em relação ao futebol – passam a noticiar com mais frequência às partidas, mas o elitismo ainda era forte, havia críticas aos torcedores que vaiavam jogadores e juízes, palavras condenatórias sobre a conduta dos atletas que utilizavam de jogadas mais ríspidas, um forte anglicanismo nos termos, visto que os atos da partida e seus membros tinham os termos em inglês nos jornais, como “referee” para arbitro ou “corner kick” para escanteio. Apesar do crescimento do número de times o amadorismo ainda era regra e o elitismo presente restringindo a participação de populares e também de negros.

O futebol ganhava fãs no início do século passado, mas ainda entre uma elite, ir ao futebol requeria trajes bem cortados e chapéu. Nota-se também que a absoluta maioria das pessoas se veste dentro do gênero masculino e é muito pequena a presença de negros nas arquibancadas.

São da virada do século XIX para o século XX que foram fundados os clubes mais antigos em funcionamento no Brasil, o Sport Club Rio Grande de Rio Grande – RS (19/07/1900) e a Associação Atlética Ponte Preta de Campinas – SP (11/08/1900)[9] e aos poucos o esporte vai ganhando mais adeptos novos times. São dos primeiros anos do século a fundação de ligas esportivas e federações para a organização de campeonatos, como a Liga Paulista de Foot-Ball - ou apenas LPF - que contava com o próprio Charles Miller, que organizou o primeiro campeonato Paulista de Futebol em 1902. Segundo Guterman (2014, p. 48 e 49), esse crescimento também ocorreu devido a excursões de equipes europeias pelo Brasil, como o emblemático Corinthians, uma equipe amadora de Londres que em 1910 jogou três partidas no Rio De Janeiro, marcando vinte e três gols e levando apenas cinco, tendo vencido com facilidade as três partidas. Em 1914 foi a vez do Exeter City da Inglaterra vir ao Brasil, levando a criação de uma seleção brasileira[10] para

[8] Primeira transmissão de rádio no Brasil ocorreu em 7 de setembro de 1922.

[9] Outras agremiações como o C.R. Flamengo têm datas de fundações mais antigas, mas praticavam outros esportes, como o Remo no caso do Rubro-Negro Carioca, e só posteriormente adotaram o futebol como esporte no clube.

[10] Antes desse jogo, já tinham ocorridos partidas entre combinados brasileiros e equipes estrangeiras, mas sem um caráter de seleção nacional como representante do país. Fonte: https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/primeiro-jogo-da-selecao-brasileira

enfrentá-los – na verdade, uma seleção Rio/São Paulo –e que venceu os ingleses por 2 X 0.

Essa seleção inicial também já dava sinais de certas mudanças culturais em nosso futebol, havia nela um atleta conhecido pelo seu sobrenome, Friedenreich, que como o nome não deixa dúvidas, tinha de origem paterna a ascendência alemã, mas era de pele morena, devido à origem africana de sua mãe (DUARTE, 2012 p. 17). "El Tigre", como Friedenreich também era conhecido, foi aceito nos clubes elitizados do período pela ascendência alemã – jogou no Germânia[11], clube paulista de origem alemã, por exemplo - e por desde menino demonstrar muito habilidade com a bola nos pés, habilidade essa que encantava quem assistia e criou um mito em torno de sua história, Eduardo Galeano (2013, p.48) chegou a escrever que ele teria marcado 1329 gols, 50 a mais que Pelé, mas esse fato fica no misticismo, Duarte (2012, p. 250) ao pesquisar sua trajetória encontrou "apenas" 595 gols.

Segundo Guterman (2014, p.48 e 49), no período entre a fundação da LPF e o ano de 1930 o futebol brasileiro conviveu com o crescimento do interesse das classes populares o que levou a conflitos entre os times "do povo" e os "da elite", o Sport Club Corinthians Paulista é um exemplo desse anseio popular pela participação nesse esporte, fundado por operários do bairro Bom Retiro em São Paulo o time desejava disputar contra os times da Elite paulistana. No Rio De Janeiro o "The Bangu Athletic Club[12]" fundado por capitalista ingleses passou a inserir trabalhadores – inclusive negros - de suas fabricas no time para dar maior competitividade ao clube. Mas o maior exemplo da transformação que o futebol passava nesse período foi o caso do Clube de Regatas Vasco da Gama da mesma cidade, clube de origem portuguesa que só passou a praticar o futebol em 1916, mas que em 1923, primeiro ano do time na primeira divisão, foi campeão carioca com um time repleto de atletas negros e de certa forma, profissionais, visto que já treinavam diariamente e recebiam premiações pelos resultados, o famoso "bicho[13]".

Percebe-se, portanto, o crescimento do esporte no Brasil nesse período anterior a 1930, mas como Guterman (2014, p.51) explica em sua obra, as disputas ideológicas ainda o marcavam. No campo racial o racismo ainda era grande, o Vasco por exemplo foi impedido por Flamengo, Fluminense e Botafogo de jogar um

---

[11] Atual EC Pinheiros, mas não possui departamento de futebol profissional. Fonte: https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/germania-atual-pinheiros-1030 Acesso em 21/08/2019.
[12] Atual Bangu Atlético Clube
[13] O termo tem origem no fato de que muitas vezes as premiações eram animais, vivos ou em pedaços. (GUTERMAN, 2014. p. 54.)

novo “Carioca” em 1924 por ter jogadores negros. No campo político passaram a ser comuns as divergências entre as lideranças que desejavam a profissionalização do esporte visando o lucro, já que cada vez eram maiores as massas que frequentavam os estádios e os românticos que desejavam o amadorismo. Em São Paulo por conta dessa disputa houve duas ligas entre 1913 – 1916, 1926 – 1929 e entre 1935 – 1936. Havia também as disputas em relação à seleção brasileira entre paulistas e cariocas, que dificilmente se entendiam sobre quem escalar, cada lado desejava mais atletas de seu estado e devido a isso não raras vezes a seleção contava com atletas de apenas um estado na escalação final.

Apesar do visto crescimento do esporte, ainda havia muita gente que não se importava com ele por não ter acesso às informações sobre o jogo ou pôr o considera-lo sinônimo de “vagabundo”, como era o caso de Rui Barbosa, ao negar uma “carona” aos atletas brasileiros que iriam disputar o Primeiro Campeonato Sul-Americano de seleções em 1916 na Argentina, mesmo país para onde Rui Barbosa se dirigia. Além das massas que assistiam as partidas, alguns políticos já percebiam nesse esporte um caminho para a popularidade, como o Presidente Delfim Moreira, que discursou no Estádio Das Laranjeiras antes da abertura do próprio estádio recém remodelado e do jogo de abertura do Terceiro Campeonato Sul-Americano realizado em 1919 (RIBAS, 2018, p. 8 e 9).

Segundo Guterman,

> (...) O futebol começou a ser visto como uma forma de controle social relevante, a exemplo do que ocorrera na Inglaterra no século XIX, quando da sua criação. A vida crescentemente regulamentada das aglomerações urbanas era potencial geradora de monotonia e tédio. O futebol surgiu nesse contexto justamente porque permitia o prazer do contato físico, tão desejado nas cidades, numa forma de confronto sem que houvesse vítimas reais e dentro de regras comuns a todos.
> (GUTERMAN, 2014, p. 59).

Dessa forma o futebol no Brasil era um espelho da sociedade que estava em formação, cada vez mais urbana, grande população de imigrantes, lutas sociais constantes, política dominada pelo Sudeste – Se apenas o Partido Republicano Paulista (PRP) e Partido Republicano Mineiro (PRM) dominavam as eleições presidenciais, São Paulo e Rio monopolizavam a seleção – parece questão de tempo para que a política use o futebol como símbolo de identidade, de cultura e de poder.

Monteiro Lobato (2008, p. 247) percebeu tal poder em 1921, quando escreve “O 22 de Marajó”, cita as Olímpiadas gregas para identidade da Grécia, George

Carpentier[14] como símbolo Francês e o Boxe como sua identidade e usa Friedenreich como nosso herói e o futebol como nossa identidade. Para Lobato, o futebol passou a ser um dos símbolos de nossa modernidade.

A partir da "Revolução de 1930" e a chegada de Vargas ao Catete o futebol passa a ser claramente de interesse do estado para a construção da "raça brasileira", Guterman (2014, p. 70 e s.) descreve que para isso o governo varguista via a necessidade da Unidade e não do divisionismo e nesse projeto o futebol era um dos pilares, Vargas teria dito "Compreendo que os desportos, sobretudo o futebol, exercem uma função social importante (1963, p. 264)", e que "a paixão desportiva tem o poder miraculoso para conciliar até os ânimos dos integralistas com o dos comunistas". Mas o presidente Vargas busca ter o controle sobre os esportes: "é preciso coordenar e disciplinar essas forças, que se avigoram a unidade nacional".

Vargas não demorou em criar estruturas de controle, em 1931 cria o Departamento Oficial de Propaganda que em 1934 na nova etapa do varguismo se transformou no Departamento de Propaganda e Difusão Cultural e por fim em 1939 viria a ser o DIP, Departamento e Imprensa e Propaganda. Com base Schwarcz e Starling (2015 p. 377 e s.), esses departamentos se aproximaram, principalmente após o Estado Novo, da elite cultural como um todo, poetas como Carlos Drumond De Andrade, Menotti Del Pichia, escritores como Graciliano Ramos e intelectuais como Gilberto Freyre e Nelson Werneck Sodré. Com o aparato do estado busca-se construir a nacionalidade na autenticidade da cultura popular ao mesmo tempo que se exalta a heterogeneidade das origens culturais. Nesse contexto se camuflam elementos culturais de origem africana transformando-os em elementos genuinamente brasileiros, samba, feijoada e candomblé, Carmen Miranda e Zé Carioca sintetizam essa mistura e Zé Carioca por ser do gênero masculino e brasileiro, logicamente é "bom de bola".

Miscigenação como elemento central para o surgimento do "brasileiro". Esse discurso se fortalece a partir de 1933 com a primeira edição de Casa-Grande e Senzala, de Gilberto Freyre (2006) que oferece uma visão de que a miscigenação formou o Brasil e de que a ausência da segregação fez da miscigenação extremada e feliz. Freyre faz do mestiço uma grande vantagem do Brasil.

O futebol nos anos 1930 no Brasil continuava crescendo, após as primeiras transmissões via rádio e a partir de 1931 passou a arrastar multidões cada vez

[14] Campeão Mundial de Boxe dos meio-pesados entre 1920 e 1922. Fonte: http://www.ibhof.com/pages/about/inductees/oldtimer/carpentier.html Acesso em 18/01/2019.

maiores aos estádios – que também tiveram que ter a capacidade ampliada nesse período – e a ser acompanhado de longe por quem não poderia ir a peleia. O rádio, nos anos 1930, transmitia a “Hora do Brasil” - criada como Programa Nacional em 1935 - mas também os Fla-Flus, Grenais, Derbys paulistanos e Bahia X Galícia. Apesar dos fracassos da seleção nas copas de 1930 e 1934 está sintetizava cada vez mais o momento do país. O profissionalismo foi aceito plenamente após 1937 e os jogadores, independentemente da cor de suas peles eram aceitos devido as suas qualidades técnicas. A seleção que disputou o Sul-Americano de 1937 é um exemplo desse momento, a miscigenação fazia os brasileiros. Vargas passou a receber no Catete equipes vitoriosas e aquelas que demonstravam a bravura brasileira, como a derrotada de 1937, mas que devido a intensa “batalha” contra os Argentinos na final foi recebida ao som o do Hino Nacional, tiros de canhão e discursos inflamados de que a derrota veio devido a deslealdade do “inimigo argentino” (Franco júnior, 2007, p.77 e s.).

Para a copa de 1938 Vargas indicou sua filha Alzira para ser a madrinha da seleção, a ideia era associar ao máximo o governo ao time de Leônidas Da Silva, o “Diamante Negro”. A seleção era a representação do “Homem Brasileiro”, malandro, dançante e bom de bola. A seleção empolgou e chegou a semifinal em que enfrentou a Itália, campeã de 1934. A derrota por 2x1 frente aos italianos veio com ares de tragédia nacional, Vargas nem audiências realizou no dia do jogo e o povo que acompanhava via rádio nas ruas a partida sentiu a sensação da tristeza coletiva (Guterman, 2014, p. 85 e 86).Freyre declarou que apesar da derrota, o bom time brasileiro encantou na Europa e um time “Afro-brasileiro, tomem nota disso, arianistas”. O mesmo autor também associou o Futebol a Dança e a “capoeiragem” que destaca os atletas em sua eficiência no ataque. “Nosso futebol mulato”. O ano de 1938, segundo Guterman (2014, p. 85), marcou o início *de facto* do Brasil como “país do futebol”, pelo menos para os próprios brasileiros desse período. O Brasil até se ofereceu para organizar a Copa do Mundo de 1942, copa que não foi realizada por força maior.

A partir dos anos 40 do século XX o futebol se enraizou na cultura nacional e se faz presente de diversas formas no cotidiano brasileiro. No campo da política o futebol passou a ser utilizado, por alguns governos, como uma forma de afirmação, de que as ações do governo eram as corretas ou como “fachadas” para esconder momentaneamente atos impopulares de seus governos ou crises institucionais ou financeiras.

Um exemplo de uso do futebol para esconder atos impopulares ocorreu no governo JK. O presidente Juscelino Kubitschek, por exemplo, recebeu a delegação brasileira campeã do mundo de 1958 em um grande jantar, prometeu – e não cumpriu – vantagens financeiras aos atletas e cantou "com o brasileiro não há quem possa". Com a euforia, mudou de ministro da Fazenda e elaborou um plano de estabilização da economia que não era bem visto por populares e por industriários (Guterman, 2014, p. 130 e s.).

Durante o governo Médici houve o uso do futebol para a afirmação de que o governo estava "no caminho certo". A vitória da seleção na Copa do mundo de 1970 somado ao "Milagre econômico" criaram um entusiasmo com o governo federal, governo esse que continuava oprimindo, torturando e matando. O governo Médici percebeu que nada além do futebol tinha um potencial tão grande de "circo" - no conceito romano da palavra - entre os brasileiros, tanto que efetivou a criação de um campeonato nacional de futebol em 1971, expandiu a loteria esportiva criada em 1969 e inchou os campeonatos nacionais seguintes a sua vontade, dizia-se que "onde a ARENA vai mal, um time nacional", e tudo isso resultou em 94 clubes no campeonato de 1979 (Guterman, 2014, p. 180 e s.). O governo Médici utilizou, portanto, o futebol para fins políticos, como propaganda e como um símbolo nacional a ser enaltecido.

Independentemente do uso do futebol para a política, inegavelmente esse esporte é o mais popular do Brasil e o único capaz de manter a atenção de milhões de pessoas independentemente dos resultados da seleção nacional ou da relevância que os políticos designam a ele[15] e levando em consideração o conceito de cultura de Williams presente na seção anterior dessa dissertação em que dentre outros significados é "um modo de vida" elucidado através de significados e valores implícitos ao estilo de vida particular da sociedade podemos considerar o futebol como parte significativa da cultura brasileira. Dessa forma buscaremos observar no decorrer do próximo capítulo a presença do futebol como fonte para o ensino de história.

## 2.3. ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA DO FUTEBOL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

[15] Nos jogos Olímpicos Rio-2016 o esporte mais assistido pelos brasileiros foi o futebol, mesmo que a modalidade masculina desse esporte seja praticada nos jogos por uma equipe sub-23 com o direito de três exceções.

Embora o futebol não tenha sido criado com finalidade pedagógica para o ensino das ciências humanas, nossa proposta é apontar a possibilidade de se trabalhar essa temática nas aulas de História, verificando a possibilidade de, a partir delas, criar sentidos a serem compartilhados com jovens estudantes no ensino de história e a partir deste trabalho criar planos a partir da qual os alunos possam se aproximar de determinados períodos históricos através da interpretação de fontes relativas ao futebol e da relação delas com outras. O futebol carrega simbologias que podem auxiliar alunos e professores a refletir por meio da comparação de períodos e sociedades diferentes em um mesmo tempo. O futebol tem essa possibilidade por estar marcado na Cultura brasileira, faz parte dela entre todos os extratos sociais, mas de diferentes formas e significados.

Tendo essa concepção por base pode-se discutir um tipo de ensino/aprendizagem que envolva História e futebol permitindo que o aluno adquira meios para decodificar conceitos já existentes. Rocha (1996, p.55) chama a atenção para que o uso/fala do professor nesse tipo de situação tem que ser muito bem embasado, para que não se caia em um relativismo simplista ou em um memorialismo simplista. Com o estudo adequado do tema a ser estudado, o futebol pode vir a ser de muita utilidade, pois devido ao fato de ser o esporte mais popular do Brasil pode ser um fator para elevar o interesse dos alunos pelo que se está a estudar, Chaminé (2017, p.6), em seu trabalho sobre o uso das Artes para o ensino de História coloca a utilização das artes como um estímulo por ser um elemento cultural inserido na aula para além do texto e da explanação do professor, logo o futebol também pode se encaixar neste uso, além de poder ser combinado com as artes, pois uma grande parte das fontes sobre o esporte bretão serão fotografias, charges e desenhos.

Um possível exemplo de uso pode ser no contexto da “História Geral”, o futebol húngaro, pouco conhecido dos brasileiros, pode trazer discussões sobre Segunda Guerra Mundial, Neonazismo e Sionismo, pois segundo Foer (2006, p. 63 e s.), em Budapeste, os clubes mais vitoriosos são o Ferencváros e o MTK e nos jogos entre os dois a torcida do Ferencváros se assumi neonazista e faz alusões ao partido de Adolf Hitler e idolatra o holocausto em faixas. A torcida do MTK, por sua vez, é diminuta na cidade, ficando atrás de outros clubes locais menos vitoriosos, o que é incomum, pois em geral os clubes mais vitoriosos são os que possuem maiores torcidas, mas nesse caso a origem do clube explica sua pouca torcida e o neonazismo dos fãs do time rival, o MTK foi fundado por judeus no século XIX,

atraindo o ódio dos nacionalistas húngaros. Mesmo após mais de 50 anos do fim da Segunda Guerra, este conflito se faz presente no campeonato húngaro.

(Torcida do Ferencváros em partida do Campeonato Húngaro da Temporada 2013/14 – Nota-se alusões ao Nazismo entre as faixas de apoio ao clube[16])

Outro exemplo ocorre no extremo sul do Brasil, em que a torcida do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense canta o refrão da música “Eu sou do Sul” como forma de alentar seu clube e seu estado de origem. Nesse caso pode-se buscar os motivos de tal orgulho nativista nas Revoluções Federalistas e Dos farrapos.

(Torcida do Grêmio em 05 de outubro de 2011 cantando “Eu Sou Do Sul’ em partida realizada contra o Santos F. C. válida pelo Campeonato Brasileiro.[17])

[16] Disponível em: http://forum.ultras-tifo.net/clubs-which-you-hate-the-most-t32171-s60.html Acesso em 01/02/2019.
[17] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZooDvyf1aM0_Acesso em 20/01/2019.

## 3. MANUAIS ESCOLARES DE HISTÓRIA: A HISTÓRIA TEMÁTICA

### 3.1. O PNLD: A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E SUAS TENDÊNCIAS, HISTÓRIA CONVENCIONAL, INTEGRADA OU TEMÁTICA

Segundo Caimi (2009A), pode-se reconhecer dentro das pesquisas acadêmicas três formas de organização teórico-metodológico no Brasil, uma primeira que pode ser denominada de “tradicional” por estar conectada a forma mais positivista de historiografia e que foi predominante até a década de 1970. Uma segunda que pode ser denominada de “crítica”, devido a sua influência marxista e que predominou nas décadas de 1970 e 1980 e por fim uma terceira que podemos chamar de “história nova” mais conectada com a “Escola de Annales”.

Essa divisão relaciona-se aos projetos que a disciplina de história ganhou com o passar dos anos, pois como Caimi (2009A) descreve, inicialmente, quando a história passou a ser uma disciplina no Brasil durante o século XIX, ela tinha um caráter uniformizador, pensado para a construção de uma identidade nacional e de uma ideia de pátria. Esse modelo inicial contemplava o estuda da história geral, da história sagrada e da história do Brasil Imperial. Nesse momento já se observa uma divisão da história “mundial” em quatro partes assim como a história do Brasil como uma espécie de apêndice da história geral. Com o advento da república Caimi (2009A) cita que há uma nítida preocupação com inovações metodológicas buscando criar nos alunos um gosto pela história através de recursos visuais. Durante a Era Vargas, a reforma de Gustavo Capanema em 1942 coloca a disciplina de História do Brasil como independente da História Geral que assume o papel de cultuar feitos e grandes personalidades da história nacional para engrandecer a ideia de pátria. Após esse período, o Brasil industrializa-se, vê as demandas populares crescerem e passa pelo período da Ditadura Civil-Militar. No contexto final da Ditadura – final dos anos 1970 e início dos anos 1980 - ocorreu um crescimento da influência das ideias marxistas fazendo a história ser mais descrita através das questões econômicas em detrimento daquelas de ordem exclusivamente políticas passando dessa forma a escrever a história sob a ótica dos diferentes modelos de produção e da luta de classes. Essa história “crítica” buscava integrar os diferentes acontecimentos de diferentes sociedades de um mesmo tempo cronológico.

Caimi (2009A) ressalta que as maiores discussões sobre o formato para o ensino de história passam a ocorrer na década de 1980 devido a decadência do Regime Militar possibilitando se pensar e elaborar novos currículos para as escolas e por consequência podendo aplicar novas tendências a esses projetos. Nesse

contexto passa-se a criar uma proposta de história buscando aproximar-se de outras disciplinas, possibilitando que as experiências singulares e as representações de pequenos grupos passassem a ter valor assim como a aceitação da relativização da história sem a necessidade de uma verdade absoluta, assim como alargou o tempo histórico ao mesmo tempo em que não faz questão da linearidade histórica, possibilitando relações mais densas entre diferentes tempos e criando a possibilidade de múltiplas interpretações do tempo cronológico.

## 3.2. A HISTÓRIA TEMÁTICA NAS COLEÇÕES DO PNLD

Nos encaminhamentos das novas formas e as suas respectivas justificativas pensa-se que a educação deve centrar-se em:

> discussões temáticas, relacionadas com o cotidiano do aluno, seu trabalho e sua historicidade. O objetivo era recuperar o aluno como sujeito produtor da História e não como mero expectador de uma história já determinada, produzida pelos heróicos personagens dos livros didáticos (SCHIMDT e CAINELLI, 2004, p.15)

No Estado de São Paulo, no ano de 1986, foram propostas abordagens temáticas para o ensino de história, rompendo com a história total e com a necessidade da linearidade, segundo Fonseca

> a opção por eixos temáticos constitui-se uma das propostas mais renovadoras em termos de ensino da história no 1º e 2º graus, tendo sido experienciada e debatida em vários países, sobretudo na França, inserindo-se em debates da historiografia contemporânea. No Brasil, temos publicadas algumas experiências tópicas, realizadas em escolas de São Paulo e Minas Gerais como iniciativa de grupos de professores ávidos por mudanças ou por projetos especiais desenvolvidos em universidades e escolas isoladas. Em termos de programa curricular o estado de São Paulo é o primeiro a propô-lo (FONSECA, 1994, p.104).

As discussões se desenvolveram com relação a metodologia e prática, porém, essa discussão não é retilínea ou necessariamente evolutiva, mas acabaram influenciando os Parâmetros Curriculares nacionais - PCN‘s em sua elaboração. Por sua vez, os PCNs propuseram uma série de temas a serem abordados em sala dando maior liberdade para que os professores decidam como lecioná-los. Para Bittencourt

> à organização dos conteúdos por temas, mas sem elencá-los ou apresentar sugestões, como foi feito para os demais níveis. Tem como preocupação maior aprofundar os conceitos introduzidos a partir das séries iniciais e ampliar a capacidade do educando para o domínio de métodos da pesquisa histórica escolar, reforçando o trabalho pedagógico com propostas de leitura de bibliografia mais específica sobre os temas de estudo e com a possibilidade de dominar o processo de produção do conhecimento histórico pelo uso mais intenso de fontes de diferentes naturezas. Não inclui, entre seus objetivos, a formação de “um historiador”, mas visa dar condições de

> maior autonomia intelectual ante os diversos registros humanos, assim como aprofundar o conhecimento histórico da sociedade contemporânea (BITTENCOURT, 2004, p. 118)

Com base no que foi acima mencionado, optamos por pesquisar a presença/ausência de temáticas (fontes históricas), relacionadas ao futebol nos livros didáticos com opção teórica-metodológica pela história temática, lançados nos editais do PNLD para o ensino fundamental anos finais no século XXI. Entende-se que "a organização do trabalho pedagógico por meio de temas históricos possibilita ao professor ampliar a percepção dos estudantes sobre um determinado contexto histórico, sua ação e relações de distinção entre passado e presente" (DCEs, 2008, p. 76).

Ao longo dos editais do PNLD lançados no século XXI foram identificadas quatro coleções de História Temática com trabalhos relacionados ao futebol.

QUADRO 1 - OBRAS NO FORMATO TEMÁTICO ANÁLISADAS

| PNLD 2002 | PNLD 2005 | PNLD 2008 | PNLD 2011 | PNLD 2014 | PNLD 2017 |
|---|---|---|---|---|---|
| **História Temática**; Roberto Cateli Júnior, Conceição Cabrini e Andrea Montellato; Scipione. | **História Temática**; Roberto Cateli Júnior, Conceição Cabrini e Andrea Montellato; Scipione. | **História Temática**; Roberto Cateli Júnior, Conceição Cabrini e Andrea Montellato; Scipione. | **História Temática;** Roberto Cateli Júnior, Conceição Cabrini e Andrea Montellato; Scipione. | **Projeto Velear História**; Roberto Cateli Júnior, Conceição Cabrini e Andrea Montellato; Scipione. | - |
| - | **Coleção Historiar Fazendo, contando e narrando a história**; Dora Schimidt; Scipione. | **Historiar: Fazendo, contando e narrando a história**. Dora Schimidt; Scipione. | - | - | - |
| - | **O jogo da História**; Flávio Campos, Lídia Aguilar, Renan Miranda e Regina Claro; Moderna. | - | - | - | - |
| - | **Série Link** | **Série Link No** | - | **Link História**; | - |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | **Do Tempo História**; Denise Marino e Léo Stampacchio; Escala Educacional | **tempo: História**; Denise Marino e LéoStampacchio; Escala Educacional | | Denise Marino e LéoStampacchio; IBEP | | |

Fonte: o autor

## 3.3. ANALISANDO OS LIVROS DE HISTÓRIA TEMÁTICA DO SÉCULO XXI.

A obra “História Temática” de Montellato, Cabrini e Catelli tem o formato temático em seus quatro volumes dedicados às quatro séries do ensino fundamental. A obra prioriza o uso de documentos para o trabalho pedagógico da disciplina de história, entretanto, segundo a visão dos autores proposta pelo manual pedagógico anexo ao livro do professor (2000, p.5), o conceito de documento se refere a todas as fontes históricas. Os livros orientam para que os alunos usem as habilidades de observação, interpretação, análise e estabelecimentos de relações das fontes para que possam produzir textos, artes, pesquisas, debates e uma vida cidadã consciente.

A obra destinada a quinta série (hoje denominada 6º ano), chama-se “Tempos e culturas” e tem como Eixo-Temático “Natureza e Cultura” trabalhando com os conceitos de Tempo, Espaço, Natureza, Homem em sua cultura e trabalho. A obra destinada a sexta série (hoje denominada de 7º ano), denomina-se “Diversidade Cultural e conflitos” e traz os conceitos de memória, mito, identidade, diversidade cultural, conflitos, trabalho, colonização, propriedade, dominação e resistência. A obra do sétima série (hoje denominada 8º ano), “Terra e propriedade” e trabalha com Posse, propriedade, estado, nação, capitalismo, política e religião. Quanto a obra da oitava série (hoje denominada 9º ano), denomina-se Direito, trabalho e cidadania e trabalha com Capitalismo, disciplina, liberdade, neoliberalismo, globalização, estado, nação e totalitarismo.

Como já mencionado a coleção traz vasta quantidade de fontes históricas, sejam elas escritas ou pictográficas além de referências as fontes orais. Entretanto, relativas ao futebol, não foram encontrados documentos nesta obra.

A coleção “O jogo da História” escrita por Flavio de Campos (coordenador), Lidia Aguilar, Regina Claro e Renan Garcia Miranda é uma série de quatro obras no formato “Temático”. A obras destinada a Quinta Série do ensino fundamental II já traz na capa o futebol como elemento principal, na ilustração um jogador vestido com o uniforme da seleção brasileira marca um gol enquanto a torcida brasileira comemora. No texto de apresentação do livro, os autores deixam claro que esta

obra da quinta série terá o futebol como pano de fundo de todos os seus temas. Nos agradecimentos do livro também se encontra um curioso agradecimento a Telê Santana por ter montado a seleção brasileira de 1982.

A primeira unidade da obra chama-se “Brincadeira de criança” e traz uma ilustração com diversas brincadeiras de crianças, entre elas o futebol. Uma breve atividade requer que os alunos identifiquem quais são as atividades representadas. O capítulo um chama-se “A alegria dos povos indígenas” e logo de inicio pede ao aluno para relacionar a pintura corporal de indígenas brasileiros com a pintura no rosto de espanhóis que torciam por sua seleção na Eurocopa de 1996, ambas apresentadas via fotografias.

Os boxes de textos desta obra são denominados de “Senta que lá vem história” e o primeiro dele na página 10 descreve a paixão de diferentes nações pelo futebol e descreve que Garrincha ganhou fama no futebol por seus dribles desconcertantes que faziam os adversários “bailarem[18]”. O texto seguinte trata a cultura indígena, com foco nas danças indígenas. Objetivo é relacionar o hábito “dançante” das diferentes culturas apresentadas. Em meio aos textos existem os “box‘s” Bate-Bola, que trazem outras relações, como o uso diferenciado para as redes e ao total de indígenas no Brasil do período – livro de 2005 – ser similar ao de públicos de grandes jogos somados. Ao final do capítulo tem a seção “Embaixada” em alusão ao movimento praticado no futebol por atletas habilidosos. Essa seção propõe uma série de atividades, todas elas utilizando fontes, como a interpretação de textos, a interpretação de imagens e a busca por informações em fontes para além do livro didático.

Os capítulos seguintes - salvo exceções como o capítulo 5 - seguem o mesmo formato do primeiro, buscando sempre relacionar o passado histórico ao futebol através de fontes diversas. No segundo capítulo há a relação entre a necessidade da bola para a prática do futebol e a necessidade dos primeiros seres humanos de criarem ferramentas para poderem facilitar as tarefas simples do cotidiano. O capítulo também cita versões antigas de jogos similares ao futebol, como o “tsu-chu”, praticado por soldados chineses para manterem a forma física e que tinha como objetivo levar a bola até uma marcação especifica defendida pela equipe adversaria sem deixar a bola cair no chão e utilizando apenas os pés.

O terceiro capítulo trata das sociedades pré-cabralianas e faz relação com o futebol ao citar o ocorrido em 1998 em que François Pelletier – um cineasta francês

[18] “Baile” no futebol é uma expressão utilizada quando uma equipe ou jogador demonstra muita superioridade técnica em relação aos adversários de uma partida específica.

– enganou indígenas brasileiros ao prometer que os levaria durante a copa do mundo de 1998 para disputarem partidas na França e não cumpriu seu acordo[19]. A partir desse fato o capítulo cria uma seleção de etnias Indígenas brasileiras a serem estudadas ao longo do capítulo.

O quarto capítulo relaciona o fato de o futebol ser o esporte mais praticado e assistido no mundo com a globalização em outros setores da sociedade humana, para isso a obra traz na abertura do capítulo um trecho da Obra “Era dos Extremos” de Hobsbawm em que ele cita que o futebol de clubes foi o esporte adotado pelo mundo no século XX.

A Unidade dois chama-se Paixão Mundial, mas tirando o título que pode ser uma referência a preferência mundial pelo futebol nada se encontra na introdução da unidade sobre o esporte em questão. O quinto capítulo traz relações entre o Cristianismo, O declínio do Império Romano, a sociedade Feudal e o Xadrez, mas também não faz referência ao esporte bretão.

O sexto capítulo denominado de “Dos muros dos castelos aos muros da cidade” relaciona a Civilização europeia da Baixa Idade Média a as religiosidade contemporâneas e a aspectos como a moralidade, aos jogos de azar, ao Tênis e ao futebol como exemplo de algo com regras oficias e uma moralidade que muitas vezes extrapola a regra oficial, mas mesmo assim parece algo normal ignorar a regra formal.

“Entre a Cruz e a Espada”, é o título capítulo sete, este capítulo relaciona todas as grandes navegações, que segundo os autores da obra aconteceram para que os indígenas chegassem a América via Oceano Pacífico, assim como as expedições Vikings e as Grandes Navegações Europeias do Século XV. O Futebol aparece na explicação do termo mercenário, que no futebol é popularmente o atleta que joga apenas por dinheiro e não por “amor a camisa” e nas guerras são soldados que lutam pelo dinheiro e não pela causa da guerra em si.

O Oitavo capítulo traz uma referência ao futebol já em seu título, “Os Hooligans estão chegando” e passa a associar os Torcedores que sentem prazer em brigar supostamente pela honra de seus clubes e de sua torcida aos invasores europeus que tomaram a América combatendo os indígenas e impondo-lhes uma nova fé. Neste capítulo números do Hooliganismo são apresentados juntamente com descrições sobre Las Casas e sobre os Bandeirantes, relacionam a destruição de

[19] Matéria sobre o ocorrido disponível em: http://www1.uol.com.br/esporte/cop270698132.htm Acesso em 03/02/2019.

símbolos nativos indígenas a tomada de bandeiras, faixas e camisas de torcedores rivais.

A unidade III denomina-se "índio cara-pálida" e em sua abertura não faz referência ao futebol. O capítulo nove chama-se "Forte Apache" e tem como temática central a colonização da América do Norte, cita diversas vezes o futebol, mas nesse caso o futebol americano como um esporte tipicamente norte-americano. O futebol britânico aparece no box sobre a colonização holandesa na América do Norte, ao relacionar o "Carrossel holandês[20]" ao fato de Holandeses estarem em diversas partes do mundo colonial durante o século XVII.

O capítulo 10 denominado de "A floresta de vários povos" iniciam com fontes ligadas a Amazônia e o desenvolvimento da economia na região e relaciona a produção de Látex as primeiras bolas de futebol feitas de borracha. As fontes avançam chegando a relacionar a região ao período da ditadura em que houve um avanço oficial do governo na Amazônia como um momento de desbravar a região gerando conflitos com os povos nativos. Novamente o Futebol entre como "meio de campo" para explicar a Ditadura Militar no Brasil através da Copa de 1970 e relaciona também a Copa de 1978 na Argentina como um paralelo de ditaduras usando o futebol como propaganda de seus regimes. Um box também traz informações sobre o uso do estádio Nacional do Chile como uma forma de presidio político durante a ditadura chilena. Para exemplificar momentos de crescimento do poder do exército na política nacional este capítulo também usa uma partida entre Brasil e Paraguai para explicar a Guerra do Paraguai.

No décimo primeiro capítulo, "Índios na reserva", as relações e dão entre a participação dos indígenas na política e momentos de participação dos futebolistas na política, mostrando as manifestações indígenas pela posse das terras e os momentos em que os futebolistas fizeram política, como a geração de futebolistas dos anos 1980 que participaram efetivamente da luta pela democracia. Os textos também citam que para os indígenas o termo empatar é bom, pois é o mesmo que evitar o avanço de madeireiros e mineradores sobre suas terras.

As demais obras da coleção não mais utilização o futebol como fontes para o estudo da história, ficando apenas a obra destinada a quinta série com essa característica. A obra da sexta série foca em fontes relacionadas a capoeira enquanto que a obra da sétima série por sua vez é voltada para fontes relacionadas

[20] Tática da seleção da Holanda nas copas de 1974 e 1978 em que um mesmo jogador realizava diferentes funções durante a mesma partida para confundir rivais.

aos jogos olímpicos e a outros esportes para além do futebol e a obra do oitavo ano traz o Teatro como ponto central das discussões e da maioria das fontes.

A coleção “Historiar” da Dora Schmidt publicada pela Editora Scipione é uma obra em formato “Temático” que considera o ensino de história sob três aspectos, primeiro que ela deve contribuir para a formação de cidadãos conscientes e atuantes na sociedade, segundo, que ela deve resgatar o saber ouvir, respeitar o patrimônio, identificar a História “contada” nos diferentes documentos e memórias; e terceiro, interpretar e saber construir narrativas históricas. Desse modo a coleção acredita que a história deve propiciar aos alunos um real conhecimento da realidade e de seu passado, pois esse conhecimento enriquece o aluno para os debates contemporâneos da sociedade, além de estar preparado para interpretar novas fontes que porventura apareçam. O aluno também deve receber do aprendizado histórico a concepção de que ele é um construtor da realidade e que, portanto, pode alterá-la.

O livro destinado às turmas de sexta série é dividido em dois capítulos e quatro unidades. Cada capítulo tem uma macrotemática, o primeiro é a formação cidadã e o segundo o “viver como cidadão”. As unidades dentro de cada capítulo trazem diversos conceitos e concepções relacionada ao macro tema além de propostas de atividades utilizando a concepção de que o aluno é que deve ir as fontes para a investigação, de forma que a obra traz diversas fontes em seu bojo.

Dentro da obra destinada ao sexto ano não existem fontes relacionadas diretamente ao futebol. O mais próximo do futebol está presente em um texto na página 176, Capítulo 2, Unidade 2 em que o texto sobre Esporte e Cidadania cita um breve histórico do interesse das sociedades em relação a pratica esportiva e cita futebol como um esporte de grande audiência e apresenta na mesma página fotos de celebrações olímpicas, mas sem existir nas fotos a prática do futebol.

Na obra destinada a sétima série não se faz presente referências ao futebol, apenas um texto (cap. 3 unidade 2, p.138), publicada pela revista Superinteressante na edição de setembro de 2000 que trata das Olimpíadas – 2000 foi um ano olímpico, a edição dos jogos naquele ano foi realizada na cidade australiana de Sydnei – e traz uma fotografia do primeiro estádio olímpico moderno. O texto é um documento para a realização de uma atividade que deseja que o aluno interprete esse documento e outros mais para perceber os legados da cultura clássica de Roma Antiga e da Grécia Antiga na sociedade ocidental atual. Nos demais livros da coleção não existem referências ao futebol.

A coleção “série Link no tempo” produzido pela editora Escala educacional e assinado por Denise Mattos Marino e Léo Stamppachio busca integrar, dentro das possibilidades de cada ciência, educação e pesquisa, ou seja, a coleção envolve obras destinadas a outras ciências além da História, mas evidentemente aqui tratarei apenas das obras destinadas ao ensino de história. Na página 10 de do material destinado aos professores em anexo a obra da quinta série, os autores da coleção traçam um panorama do desenvolvimento do ensino de história e definem a coleção “Link” como uma obra por eixos temáticos, propondo ao professores que vão além das temáticas propostas pelo livro, que possam ir além e desenvolver outros subtemas dentro dos eixos temáticos propostos.

A obra destinada a quinta série traz quatro módulos, cada um com um tema central. O primeiro é “Terra a vista, terra a venda e trata da expansão do ser humano pelo planeta e relações de propriedade de terra”. O segundo “Arte do trabalho, arte da vida, traz a relação entre o ser humano, a natureza e a sociedade através do trabalho”. O terceiro intitula-se “tecnologias: o espirito da coisa” e trata das relações do ser humano com as diferentes formas de tecnologia. O último módulo chama-se “guerreiros do tempo e do espaço” e traz as diferentes formas de comunicação e de linguagem ao longo da história. Nesta obra se faz presente apenas uma única referência ao esporte bretão, uma fotografia da Final da Copa do mundo de futebol na página 99 como forma de ilustrar o texto sobre a televisão e seus impactos na sociedade.

A obra destinada ao sexta série do ensino fundamental também têm quatro módulos, sendo o primeiro “Coração das cidades” sobre o desenvolvimento dos espaços urbanos, o segundo “trabalhadores: rebeldes e conquistadores” sobre as transformações nas relações de trabalho, o terceiro “Corpo Humano, um corpo estranho” sobre os reflexos da sociedade humana em nossos corpos e o quarto “O sentido da vida”, sobre religiões, misticismos e ciência ao longo da história.

## 4. FONTES HISTÓRICAS, ENSINO DE HISTÓRIA E FUTEBOL

### 4.1 O USO DAS FONTES E ENSINO DE HISTÓRIA

Para os historiadores contemporâneos o conceito de fonte histórica e o uso dela, segundo Silva (2007, p.1 e s.), passou por uma transformação que foi do uso exclusivo das fontes escritas como provas de um passado para o uso de fontes múltiplas – orais, iconográficas e materiais – além da escrita e não mais como provas, mas sim como elementos para interpretar o passado, meio de acesso a ele. Nessa nova forma a fonte passa a ser analisada de acordo com as possibilidades existentes para seu período, sem minimizar o lugar social, interesses, cultura ou valores de seu meio, ou seja, ele passa a ser estudado dentro da sua especificidade.

O uso exclusivo de fontes escritas pelo historiador é algo que já está superado, a historiografia já utiliza a um bom tempo fontes ligadas a literatura, objetos do cotidiano, relatos orais, pinturas, gravuras, esculturas, música – do clássico a música popular – e até festas populares como o carnaval ou a religiosidade tem se mostrado boas fontes. Dessa forma, o ensino de história que deseja ser renovado deve também passar a utilizar tais fontes. Neste contexto novamente insiro o futebol, um elemento da cultura popular que durante muito tempo não teve participação nos estudos históricos, mas que desde a década de 90 do século XX, aos poucos, vem ganhando seu espaço segundo Campos e Alfonsi (2014, p.10) e deve passar a constar nos materiais didáticos.

O uso das fontes históricas nas práticas docentes é fruto de um intenso debate acadêmico e influenciou na criação dos manuais didáticos e nas políticas públicas educacionais. Caimi (2008) analisou a inclusão das fontes no bojo dos manuais didáticos por meio dos PCNs (Parâmetros curriculares nacionais) e do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). Segundo a autora, a maneira pela qual os PCNs propõem o uso das fontes históricas está alinhada com as novas perspectivas da historiografia, rompendo com a visão tradicionalista da noção de fonte (CAIMI, 2008 p. 140). Os PCNs propõem o ensino para que os alunos aprendam o procedimento das pesquisas históricas como a consulta em fontes bibliográficas, uma catalogação das informações levantadas e como obter tais informações das fontes, sendo assim, sugere que se utilize as mais variadas formas de fontes – aqui incluo as relacionadas ao futebol.

O PNLD, assim como os PCNs também trazem a importância do uso das fontes em seus documentos, segundo Caimi (2008), os editais tem apresentando-se

sempre requerendo que autores e editoras tragam nos textos didáticos a participação das fontes para a construção do conhecimento e de preferência que essas fontes não sejam meras ilustração ou exemplos, mas que realmente sejam contextualizadas e que os alunos possam interpreta-las aumentando a gama de informações sobre a temática estudada e passando a poder fazer relações com outra temáticas.

Maria Telvira da Conceição traz importante contribuição para a discussão sobre o uso das fontes no ensino de história no Brasil ao analisar as resenhas dos obras presentes no guia PNLD de 2007 e segunda tal pesquisa (2007, p. 4 e s.) das trinta coleções presentes neste edital, quase todas (29) traziam fontes de diversos tipos, mas em dez destas coleções as fontes não estavam sendo corretamente utilizadas, pois apesar de presentes na obras, não necessariamente realizavam interações com os alunos, servindo pouco para a construção do conhecimento histórico.

Pereira e Fraga (2011) relatam que o uso das fontes em materiais didáticos de história muitas vezes apenas como uma forma de provar um discurso ou dar relevância a ele, uma forma de dar forma narrativa do autor. Segundo esses autores também foi comum encontrar fontes apenas para a ilustração dos temas trabalhados, quase como um “apêndice pedagógico” (2011, p.8). Dessa forma caberia ao professor encontrar uma maneira de trabalhar com esse material que está colocado de forma não muito útil nesse material.

Para este trabalho é importante que o professor também descontrua a concepção de que as fontes trazem a verdade absoluta, pois para os alunos geralmente essa a concepção estabelecida. Faz se importante que o aluno entenda que pode duvidar da veracidade das informações ali colocadas e que pode investigar sobre para criar sua própria conclusão e que esse processo é a construção do saber histórico. (Pereira e Fraga, 2011)

Para este trabalho seguiremos o proposto na obra de Bittencourt (2004, p. 266), que é uma diferenciação entre documento e fonte histórica, sendo a primeira todo tipo de vestígio produzido pela humanidade enquanto que para ser fonte é necessário, nas palavras de Moniot, citado na obra de Bittencourt, um “problema colocado pelo historiador” para que esse documento possa vir a trazer respostas sobre a problematização e dessa forma vir a se tornar uma fonte histórica.

## 4.2. O USO DOS DOCUMENTOS DO FUTEBOL NAS COLEÇÕES ANÁLISADAS

### 4.2.1 Categorização dos documentos

Para analisar os documentos do futebol presentes nas coleções já mencionadas farei as categorizando da seguinte forma:

**Categoria A, documento usado como ilustração:** Nesta categoria estarão os documentos utilizados apenas ilustração do tema que está em questão, mas não requer do aluno nenhuma atividade, interpretação e nem necessariamente se explica o motivo de sua presença.

**Categoria B, documento com uso didático parcial:** Nesta categoria estão os documentos que são parte de alguma atividade ou se requer do aluno alguma interpretação de forma superficial.

**Categoria C, documento elevado a fonte histórica com possibilidade de construção de conhecimento:** Nesta categoria estão os documentos que são tratados pelos autores das obras de forma adequadas levando a serem fontes históricas. Neste caso, ele se torna parte primordial do estudo, sendo a base para o aprendizado histórico.

Ao final da análise, uma tabela organizara a partir dessas categorias a quantidade de documentos do futebol encontrados em cada uma desta categorias e quais são eles e onde estão.

### 4.2.2 Análise dos documentos do futebol presentes nas coleções analisadas

Na coleção “O jogo da História” de Campos, Aguilar, Claro e Miranda, principalmente na obra destinada a quinta série, é comum o uso de fontes relacionadas ao futebol. Entretanto o uso delas, ou a proposta de uso para elas é diferente ao longo da obra. Vejamos como ocorre o uso dessas fontes na obra destinada a quinta série.

Nas páginas 8 e 9 , são apresentadas  duas fotografias que solicitam aos estudantes uma análise comparativa dessa imagem com outra relacionada a indígenas. A expectativa dos autores é a de que os alunos percebam as pinturas corporais e a existência de cantos e coreografias entre os diferentes grupos além de propor uma breve pesquisa sobre o futebol e uma pequena discussão de gênero. Esse uso entra na categoria C.

*Torcedores espanhóis em 1996, durante a Eurocopa de Seleções, na Inglaterra.*

1. Quais são as semelhanças entre as duas fotos?
2. Qual é o seu time preferido?
3. Na sua opinião, qual é o melhor jogador do mundo de todos os tempos?
4. Futebol é jogo de menino?

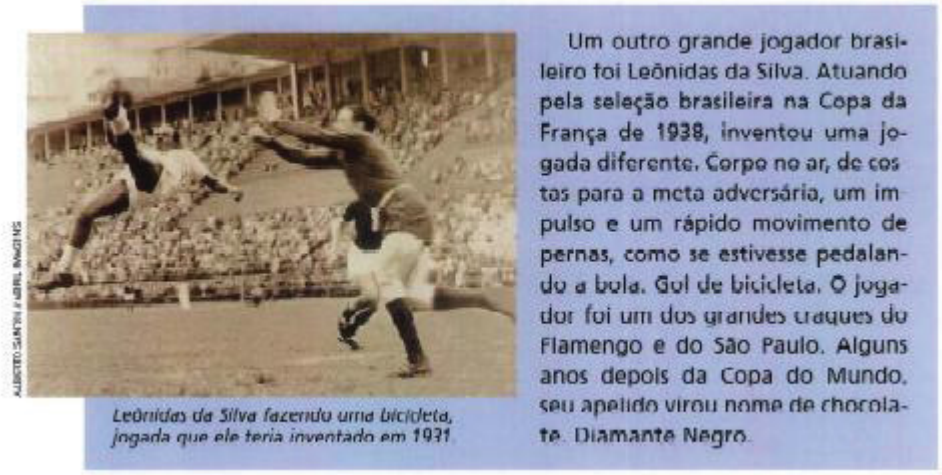
(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.8)

*Dança ritual xavante. Aldeia Pimentel Barbosa, Mato Grosso, 1999.*

5. De onde vem o futebol?
6. Você sabe o que significam as cores e o nome de seu time?
7. Os torcedores de seu time têm alguma característica em comum?
8. Quantas vezes o Brasil já foi campeão do mundo? Em quais anos?

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.9)

Entre as páginas 10 e 12 existem fotografias de futebolistas como a de Leônidas Da Silva para ajudarem a ilustrar o texto, mas sem um uso especifico estipulado pela obra, no limite, o texto ao lado da fotografia cita uma breve biografia do atleta. Categoria A.


Leônidas da Silva fazendo uma bicicleta, jogada que ele teria inventado em 1931.

Um outro grande jogador brasileiro foi Leônidas da Silva. Atuando pela seleção brasileira na Copa da França de 1938, inventou uma jogada diferente. Corpo no ar, de costas para a meta adversária, um impulso e um rápido movimento de pernas, como se estivesse pedalando a bola. Gol de bicicleta. O jogador foi um dos grandes craques do Flamengo e do São Paulo. Alguns anos depois da Copa do Mundo, seu apelido virou nome de chocolate. Diamante Negro.

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.10)

Nesse trecho também existem fotos do Maracanã e do Mineirão lotados para servirem de exemplo da quantidade de indígenas existentes no Brasil no período de publicação da obra, Categoria B. Entre as páginas 13 e 15 as imagens relativas ao futebol continuam a serem apenas de ilustração. Categoria A.

Antes de 1500, calcula-se que havia cerca de 5 milhões de índios nas terras que hoje chamamos de Brasil. Destes, restaram cerca de 300 mil.

Um pouco mais do que a torcida do Maracanã lotado para assistir um Vasco x Flamengo somada à do Mineirão em dia de Cruzeiro x Atlético.

Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro (RJ), em 1995.

Estádio do Mineirão, em Belo Horizonte (MG), em 1998.

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.13)

Para Garrincha o jogo de futebol era ao mesmo tempo trabalho e brincadeira. Salário para sobreviver, que muitas vezes se esquecia de buscar no clube ao final do mês. Sorriso fácil, daqueles que a gente não consegue esconder depois de marcar um gol ou ganhar um brinquedo esperado.

*Garrincha comemorando um gol do Botafogo, em 1962, na final do campeonato carioca contra o Flamengo. Alegria do povo. Alegria de índio fulniô.*

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.14)

No fim da página 15 o livro propõe uma nova interpretação de imagem, nesse caso de uma pintura de Pieter Bruegel, crianças brincando. Nesse caso a obra é introduzida por uma breve explicação de como observar a obra, mas não de forma acadêmica, apenas superficial pedindo para que os alunos identifiquem quais brinquedos e jogos existem na obra.

Vamos dar os primeiros passos para ler uma imagem. É como assistir a uma partida de futebol ou de um outro esporte. Para realmente entender o que está acontecendo, a gente aprende a identificar o campo, os uniformes dos times, o juiz, as jogadas, os esquemas táticos, a torcida. Vamos fazer algo semelhante com a imagem proposta.

Para os exercícios de análise de imagem você deve seguir esse pequeno roteiro. Vamos analisar o quadro abaixo:

1º) Uma pintura cria espaços. Alguns estão mais perto. Outros mais distantes. Alguns são mais fechados. Outros abertos. Algumas cenas são colocadas no centro do quadro. Faça um passeio pelas imagens antes de responder à questão.

2º) Procure observar o que as pessoas da imagem estão fazendo. Observe também os objetos presentes nas pinturas quando você for analisá-las.

3º) Agora você já tem elementos para responder à questão proposta neste exercício. Vamos lá!

1. O quadro abaixo foi pintado em 1560, no norte da Europa, por um mestre chamado Pieter Bruegel. Nele são retratados 84 jogos e brincadeiras infantis. Observe-o atentamente.
Quais deles ainda são praticados pelas crianças nos dias de hoje? Aponte cinco.

*Brincadeira de crianças. Pieter Bruegel, 1560. Óleo sobre madeira, 118 x 161.*

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.15) – Categoria C

A categoria A se faz presente novamente na página 20, visto que existe uma ilustração relativa ao futebol, mas sem nenhum uso mais aprofundado. Na página 23 isso ocorre novamente, desta vez uma ilustração sobre o futebol na china. Na página 41, encontramos mais um exemplo de categoria A, é citado em um breve

texto a existência de uma tentativa de formar uma seleção brasileira de indígenas em 1998 que fracassou em seu objetivo, mas usa uma fotografia para demonstrar que houve de fato a tentativa.

Como foi possível a esses primeiros humanos produzir ferramentas? Faça a seguinte experiência: pegue um barbante, amarre o dedo polegar e procure desempenhar algumas tarefas. Tente escrever, usar a borracha, recortar, segurar uma bola etc. Percebeu a dificuldade? O desenvolvimento de instrumentos só foi possível devido ao surgimento do polegar oponível ou opositor, um dedo em posição oposta aos outros dedos da mão. A partir do uso desse dedo, a mão foi se libertando de sua tarefa de ajudar o ser humano a caminhar. Surgia assim o *Homo erectus* (ser humano ereto).

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.20)

**Copa do mundo de 1998**

França, 1998. Copa do Mundo de futebol. A seleção brasileira chegou à final contra os donos da casa. Perdeu por 3 a 0. Os franceses tornaram-se campeões mundiais pela primeira vez. *Show* de bola de Zidane, Petit e Bartes, grandes jogadores da França.

"Comeram a bola". Fizeram muita festa. Dentro e fora do campo. Agitaram as bandeiras tricolores (azul, branco e vermelho). Cantaram a Marselhesa (hino nacional francês). Abraços, sorrisos, beijos e muito vinho. Dentre todas as tribos, a nação francesa é famosa pelos seus vinhos. A partir de 1998 também pelo seu futebol.

*Seleção de futebol formada por índios, 1998.*

Enquanto os franceses comemoravam, os brasileiros mostravam-se desapontados com o resultado. Muitos até choraram de tristeza. Afinal de contas, o futebol é a grande paixão nacional.

Mas, um mês antes da final da Copa do Mundo, em algumas aldeias do interior do Brasil, os indígenas já entoavam cantos entristecidos. Dançavam e realizavam rituais que demonstravam seu profundo sofrimento. Alguns chegaram até a pensar em suicídio.

O motivo? Durante três meses, cerca de 30 índios de 13 povos treinaram para jogar na França durante a Copa do Mundo. Foi formada uma seleção dos povos indígenas. O craque era Valdir Flidwa, de 18 anos, da tribo fulnió. A mesma a que pertenceram os antepassados de Mané Garrincha.

O cineasta francês François Pelletier prometera realizar um documentário sobre os índios brasileiros e o futebol. Levaria para a França dois times compostos de índios do Brasil. Esses times jogariam durante a Copa de 1998 contra equipes francesas.

Com a ajuda de voluntários, foi montado um Centro de Treinamento no interior de São Paulo. Os índios aguardavam ansiosos a viagem para a França.

Com o início da Copa, os índios perceberam que haviam sido enganados. Abalados e deprimidos, voltaram a suas tribos. Sentiram-se traídos.

*Próximo ao Arco do Triunfo, em Paris, os franceses comemoram a vitória de sua seleção na Copa do Mundo de 1998.*

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.41)

Na página 50, que é a abertura do capítulo 4, há uma ilustração referente ao futebol e a globalização acompanhado de algumas perguntas aos alunos, mas apenas de forma a criar uma breve reflexão. Categoria B

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.50)

Na página 51 a obra traz um formato de documento diferente relacionado ao futebol, um texto escrito por um historiador. Neste caso é feita a proposta da leitura de um fragmento da obra de Eric Hobsbawm “Era dos Extremos” em que o futebol é citado como o mais popular de todos os esportes. Após a leitura o aluno deve responder a algumas perguntas pouco exigentes que dependem apenas de uma leitura superficial do texto e tenta relacionar o texto com outras imagens que tratam de outros esportes, desigualdade social e simplicidade, Categoria B.

O futebol é o mais global dos esportes. Como afirma Eric Hobsbawm, um famoso historiador: "O esporte que o mundo tornou seu foi o futebol de clubes [...]. Esse jogo simples e elegante, não perturbado por regras e/ou equipamentos complexos, e que podia ser praticado em qualquer espaço mais ou menos plano do tamanho exigido, abriu caminho no mundo inteiramente por seus próprios méritos, e, com o estabelecimento da Copa do Mundo em 1930 (conquistada pelo Uruguai), tornou-se genuinamente universal."

HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1997. p. 197.

3. De acordo com o autor, o que facilitou a difusão do futebol em todo o mundo?
4. O sucesso do futebol pode ser relacionado a alguma das figuras desta página? Qual? Por quê?

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.51)

Outras vezes mais as imagens servem como ilustrações do texto (Categoria A), como na página 53, em que ao comentar sobre a globalização é colocada em meio ao texto uma foto em que aparece um pôster do jogador Ronaldo sendo segurado por uma mulher na China, país em que o atacante nunca atual profissionalmente por um clube local, mas que se fez conhecido via televisão.

*Vendedora de jornais em Pequim mostra um pôster de Ronaldinho com Suzana Werner. 11/6/1998.*

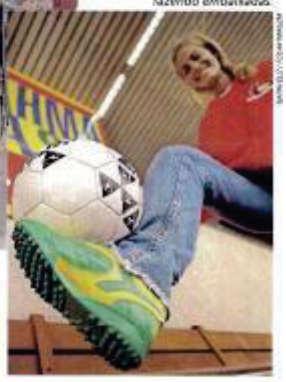
(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.53)

Na página 57, se faz presente uma charge e três fotografias, todas envolvendo mulheres, que em conjunto com uma atividade proposta na página seguinte sobre elas se encaixam na categoria C, pois dentro de uma temática de gênero, o conjunto da atividade espera que através das fontes o aluno desenvolva um texto dissertativo argumentativo, mas não necessariamente acadêmico ou no modelo de vestibular, sobre as diferenças de gênero.

I. Observe com atenção as imagens a seguir:

*Mulher trabalhando em indústria automobilística em Santo Antônio dos Pinhais, Paraná, 1999.*

*Milene, esposa do jogador Ronaldinho, fazendo embaixadas.*



*Charge de Luis Fernando Veríssimo.*

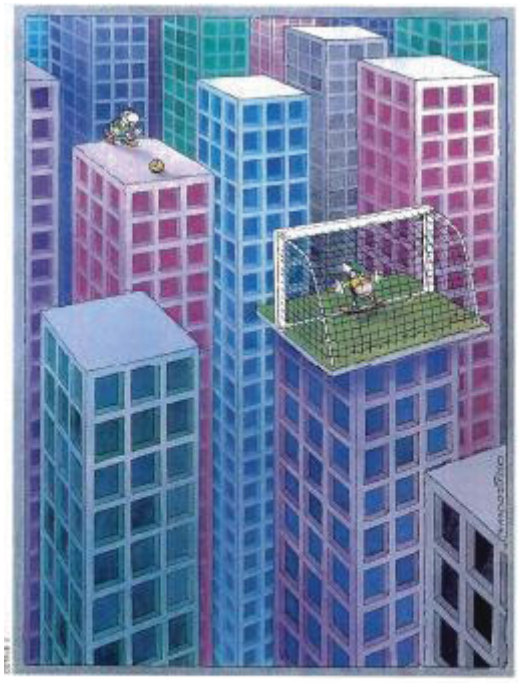
*Mulher trabalhando em plantação de cana-de-açúcar em Pernambuco.*

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.57)

1. Qual é o tema das fotografias?
2. Qual é a situação representada na charge de Veríssimo?
3. Escreva um texto relacionando as fotografias e a charge. Não esqueça de apresentar sua posição pessoal sobre o tema!

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.58 – Atividade proposta a partir das fontes da página 57)

Na página 59 a obra requer do aluno uma análise de uma charge, no caso a charge desenhada pelo artista Mordillo apresenta dois garotos jogando futebol, porém, o que vai chutar a bola está no terraço de um prédio enquanto que o outro que estás a defender a baliza está no terraço de outro prédio e para além deles só existem outros prédios e nenhum local para praticarem realmente juntos o esporte. Após a charge são feitas aos alunos cinco perguntas para que ele interprete a charge e chegue à conclusão de que existe uma constante urbanização em nosso país e de que com o passar do tempo transformações ocorrem, inclusive naquilo que pode ser brincadeira de criança ou no esporte. Levando tudo isso em conta temos um caso de categoria C.



a) Descreva a cena representada na charge.
b) Relacione a cena com a vida nas grandes cidades.
c) O futebol em nossos dias é apenas diversão? Por quê?
d) Crie um título para a charge.
e) Garrincha combinava a prática do esporte com a diversão. Os índios combinavam o trabalho com as brincadeiras. Escola e diversão se opõem? Justifique sua resposta.

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.59)

Na página 97, existe um texto sem autoria específica, logo acredito ser dos autores da obra, que cita grandes jogos clássicos do futebol brasileiro para propor a ideia de que quando seu time está perdendo uma partida para um grande rival o sentimento é muito pior do que quando se perde para algum outro time qualquer. A ideia é envolver os valores éticos nessa atividade, pois demonstra como a rivalidade parece tirar pessoas que estão em grupo da sua normalidade criando um espírito de “nós contra eles” que não existe em outros momentos. A proposta é boa, mas falta uma interação real com os documentos, categoria B. Na página 98 existe um texto

relatado diversos casos de violência no futebol, no caso no “futebol medieval”, que é uma série de jogos similares em alguns aspectos ao futebol moderno, mas sempre muito violentos, causando, por vezes, até algumas mortes. Ao final do texto uma nova atividade questiona os alunos se esses jogos eram compatíveis com os “valores morais” da sociedade europeia medieval além de propor algumas relações e a construção de um texto. Este caso se encaixa na categoria C.

Bate-bola 4

O jogo é um dos elementos mais impressionantes de nossa cultura. Buscamos o divertimento quando jogamos. Liberamos nossos desejos de competição.

O jogo cria valores próprios. Implica uma moral própria. Por exemplo, imagine um jogador de futebol mau-caráter, maldoso, desonesto, desleal. Imagine tudo que possa desqualificá-lo. Agora imagine que ele é um excelente jogador. Dribla como ninguém. Faz muitos gols. Dá passes maravilhosos. Conquista vários títulos para o seu time. Do ponto de vista do jogo, pior do que esse jogador talvez haja um outro tipo de pessoa.

Jeau de paume. Ilustração de um livro de cavalaria de meados do século XIV.

Imagine um jogo terrível: Bahia x Vitória; Grêmio x Internacional; Cruzeiro x Atlético; Sport x Náutico; Corinthians x Palmeiras; Atlético x Coritiba; Flamengo x Fluminense; Brasil x Argentina.

Imagine que seu time do coração está perdendo. Você está nervoso. Torcendo desesperadamente. Para consolá-lo, alguém chega perto de você e diz: "Isso é só um jogo, não tem importância real".

Para um amante dos jogos não há dúvida. O desmancha-prazeres, aquele que afirma que o jogo não tem importância, não é um adversário desleal. É um inimigo.

1. Para você o que significa a frase: "O jogo cria valores próprios". Há uma moral própria do jogo?
2. Você concorda com ela? Justifique sua resposta.

Guga quebra a raquete após perder um jogo para o tenista Juan Carlos Ferrero, no torneio Tennis Master Cup, em Sidney, Austrália, em 2001.

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p. 97)

Um dos mais praticados era o chamado **jogo da palma da mão**. Pequenas bolas de couro com enchimento eram batidas e rebatidas com a palma da mão por jogadores de duas equipes. O objetivo era impedir que a bola caísse no chão.

Os acidentes eram freqüentes. Como as bolas eram muito duras, provocavam fraturas, deslocamentos e hematomas. Como freqüentemente era jogado por vários participantes de uma só vez, além da troca de passes havia a troca de tapas, socos e pontapés.

Para diminuir as lesões, passou-se a usar luvas especiais para o jogo. Ao final do século XV, uma nova modificação: o uso de raquetes. Com elas, o jogo ficou ainda mais perigoso.

As constantes brigas e violências levaram à restrição do jogo em toda a Europa. Assim, só era permitido praticar o **jogo da palma da mão** em terrenos amplos, próximos dos castelos, nos pátios dos mosteiros ou em salas especiais.

Dessa forma, o que era um jogo popular tornou-se um jogo de elite: o antepassado do tênis; um jogo da aristocracia.

Na Inglaterra, há relatos sobre um outro interessante jogo com bola: o jogo do lançamento (*hurling*). Tal jogo era disputado anualmente entre os habitantes de uma vila. Dois times, às vezes com 400 a 500 pessoas de cada lado, corriam atrás de uma bola de couro fabricada pelo sapateiro local, com o objetivo de alcançá-la, dominá-la com as mãos e com os pés e, finalmente, levá-la até a meta adversária, no caso as portas norte ou sul da vila.

Esse "futebol medieval" era também bastante violento. Durante a partida poderiam ocorrer muitas mortes. Em 1322, um certo William of Spalding, seminarista de Norfolk, matou acidentalmente um amigo em uma partida. O jovem só pôde ordenar-se depois que o papa João XXII o absolveu.

Em 1321 dois rapazes mataram um terceiro e jogaram futebol com a cabeça de sua vítima. O clero e a nobreza, preocupados com o rumo dos acontecimentos, baixaram um decreto que proibia o jogo em função dos muitos males provocados por sua prática.

Um jogo semelhante ao *hurling* era disputado na Itália e em diversas partes da França na Idade Média. Na Itália chamou-se *gioco del calcio*. Na França *jeu de soule* ou *jeu de la choule*.

Sobre o jogo italiano há mais informações. Desde o século XIV, era costume formarem-se duas equipes de 27 jogadores para cada lado. A bola era feita de couro e enchida com panos ou então com uma bexiga de boi cheia de ar.

O objetivo era levar a bola com os pés, mãos e até com o uso de tacos e raquetes, à meta do adversário. Diante das brigas e mortes ocorridas, o jogo também foi proibido pelas autoridades.

Ao final do século XV, uma variação desse jogo começou a ser praticada. Trata-se do *gioco del pallone*. Praticado por equipes de três ou quatro integrantes, era um jogo para a nobreza, o clero e seus estudantes. Seriam necessários quatrocentos anos para que esse jogo viesse a se tornar o nosso popular futebol, verdadeira paixão mundial.

Tá ligado?

1. Considerando o que você aprendeu neste capítulo, escreva um parágrafo relacionando entre si: **peste negra – ratos – cidades – hábitos de higiene**.
2. O que os homens medievais faziam para se defender da peste negra?
3. Quais as mudanças, relacionadas à peste negra, que ocorreram no mundo feudal?
4. Os jogos com bola eram bastante violentos. Isso contrariava as regras da sociedade feudal?

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p. 98)

Na página 100, a obra apresenta um texto retirado da revista superinteressante escrito por Lúcia Hena de Oliveira, Paula Cleto e Sidney Gusman, o material parece confirmar as informações anteriores de que o futebol medieval era muito violento, pois trata da formação de esportes – cita outros, como o boliche, por exemplo – e no caso do futebol traz informações de que ele chegou a ser proibido por reis ingleses medievais devido às mortes causadas pela prática. No questionário posterior ao texto é pedido ao aluno que diferencie a violência do futebol medieval com a violência dos torcedores no futebol moderno. Uma outra questão da mesma atividade pede aos alunos que escrevam sobre a religiosidade no futebol – no caso a religião surge nesse contexto devido ao boliche que tem uma origem religiosa – esperando que o aluno exemplos de momentos em que a fé aparece entre os atletas, torcedores ou comissões técnicas de equipes como é comum no futebol brasileiro[21], portanto, categoria C.

[21] https://globoplay.globo.com/v/4950976/ Acesso em 19/06/2019
https://globoesporte.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/paulo-maracaja-em-campo-sincretismo-e-loucura-tricolor-as-curiosidades-do-bahia-de-88.ghtml Acesso em 19/06/2019
http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/figueirense/noticia/2013/12/maylson-paga-promessa-do-acesso-de-joelhos-em-aparecida-do-norte.html Acesso em 19/06/2019

TEXTO 1

**Olha a bola!**

"Muitos esportes modernos surgiram, de fato, em situações bizarras. O boliche é um caso típico. A modalidade apareceu entre os séculos IV e V, nas igrejas germânicas. Os pinos personificavam os pagãos, que a bola da fé — uma bolota de rocha pesada — deveria derrubar. Assim, padres e fiéis passavam horas e horas fortalecendo a sua religiosidade. Diga-se, treinando arremessos.

[...] Entre outros destinos, a bola foi parar nas ilhas britânicas. Tanto assim que, até a Idade Média, em certas regiões da Inglaterra se recordava a derrota dos romanos, no século III, com uma partida comemorativa. No caso, a disputa pela bola era de uma violência de fazer inveja aos *hooligans*, a encrenqueira torcida inglesa de futebol: sempre vestindo armaduras, os participantes lutavam para agarrar a bola, com o auxílio de suas espadas. [...]

Nos tempos medievais, os jogos de bola ganharam tantos adeptos que os nobres e militares ingleses passaram a vê-los com maus olhos. Afinal, as pessoas deixavam de lado os tradicionais treinos de arco e flecha para brincar nas praças. Resultado: no ano de 1314 o rei Eduardo II resolveu proibir de uma vez por todas essas partidas. A bola entrou na área da clandestinidade — mas continuou rolando por lá. Tanto assim que, 35 anos mais tarde, outro rei, Eduardo III, adotou medidas de reforço, como a criação de fiscais encarregados única e exclusivamente de caminhar pelas ruas, tomando a bola de quem ousasse burlar a lei. Como, mesmo assim, os jogadores insistiam em driblar a situação, o rei Carlos II não viu outra saída a não ser considerar criminoso quem fosse flagrado jogando bola, bolinha ou bolão ou qualquer coisa parecida.[...]"

Lúcia Helena de Oliveira, com Paula Cleto e Sidney Gusman.
Revista *Superinteressante*, ano 7, nº 12, dez. de 1993.

1. Como podemos relacionar o boliche, em suas origens, aos valores dominantes na sociedade medieval?
2. No futebol brasileiro da atualidade estão presentes manifestações de fé religiosa?
3. Por que o rei Eduardo II resolveu proibir as partidas com bola?
4. Qual a principal diferença entre a violência dos *hooligans* e a violência dos jogos de bola medievais?

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.100)

Na página 109 os autores comparam em um texto a expressão "mercenário" no esporte com a mesma expressão no sentindo militar, mas as atividades relacionadas a esse texto não citam o futebol e nem o uso de expressão nele. Este caso se enquadra na categoria B, pois temos uma transposição de um jargão popular comum nos estádios brasileiros para seu uso mais adequado o caso dos conflitos bélicos, ou seja, usa-se parcialmente a informação que tem relação com o futebol.

Bate-bola 1

**Uh! Mercenário!**

Os torcedores às vezes xingam seu próprio clube. Quando o time está perdendo e o técnico faz uma substituição de jogadores que desagrada a torcida é comum ouvir o coro:

— Burro! Burro!

Quando um jogador rico e famoso não joga bem ou demonstra pouca vontade numa partida, a torcida também não perdoa:

— Uh! Mercenário! Uh! Mercenário!

Isso quer dizer que o jogador não ama a camisa de seu clube, que só está jogando por dinheiro. E que pode defender as cores do maior adversário a qualquer momento.

A palavra mercenário tem origem militar, e mais ou menos o mesmo sentido. A palavra designa a pessoa que se alista em exércitos de outras nações em troca de dinheiro. E que pode trocar de lado de acordo com as ofertas.

Na Idade Moderna, os exércitos eram formados por Grandes Companhias: tropas de mercenários comandados por membros da nobreza.

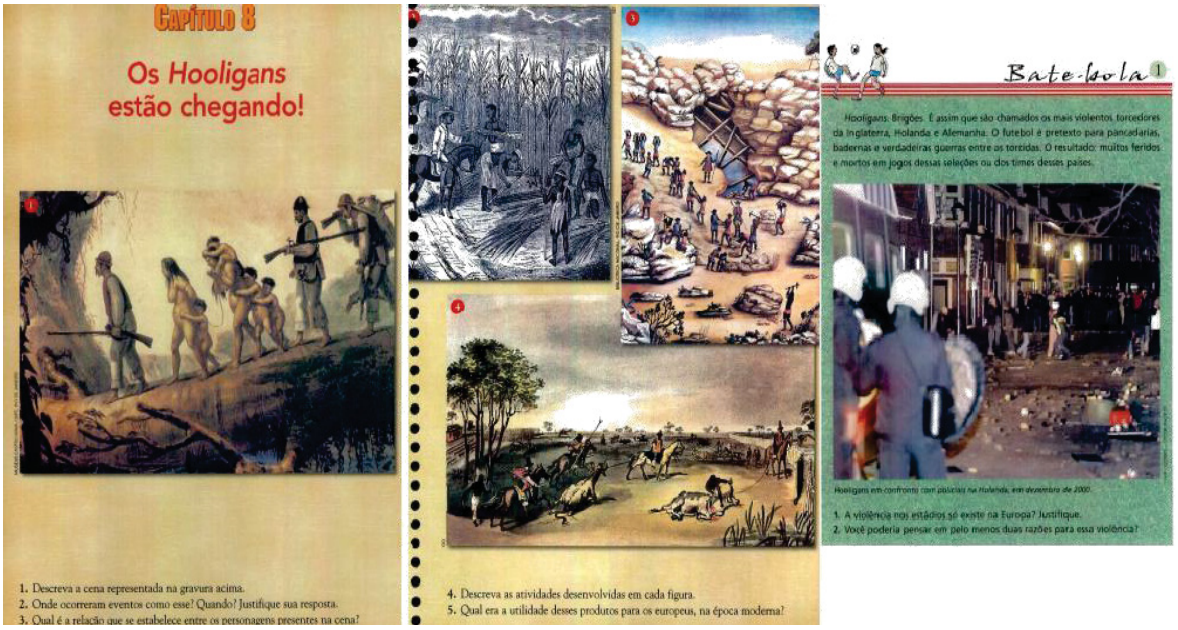
As batalhas já não dependiam exclusivamente do movimento de poucos cavaleiros, como no período medieval. Os exércitos tornavam-se muito mais numerosos, compostos por imensas cavalarias. O poder de destruição também aumentava.

Acabada a guerra numa dada região, as companhias punham-se a esperar nova oportunidade de entrar em ação. A favor de quem lhes pagasse melhor.

1. Na época da expansão marítima, os exércitos europeus contratavam mercenários. Pelo que você estudou das tribos indígenas, havia mercenários também entre os habitantes de Pindorama? Por quê?
2. A partir do século XIV, a pólvora, trazida da China, começou a ser utilizada pelos europeus. Por que o surgimento das armas de fogo significou a decadência da cavalaria medieval?

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.109)

A abertura do capítulo 8 na página 118 traz o título “Os Hooligans estão chegando” em uma alusão aos torcedores violentos, mas as fontes que vem logo abaixo são sobre as diversas formas de violência na colonização do Brasil deixando o título sem muito sentido para quem desconhece o *hooliganismo*. Na página 120 fica mais clara a relação, ou pelo menos devia ser essa a intenção dos autores, uma fotografa de uma briga de uma torcida com forças policiais deixa mais evidente que um dos temas desse capítulo são diferentes formas de violência, mas o tema central é a colonização na América. Mais um caso e categoria B, pois apesar serem formas de violência, o uso do jargão futebolístico e da fotografia de um caso de hooliganismo, se faz pouco prático no decorrer do restante do capítulo, parece que foi feito para dar sentido a temática geral da obra.




(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p. 118, 119 e 120)

Após diversas páginas dedicadas ao histórico de colonização da América, na página 131, a obra apresenta um texto jornalístico da revista Veja de 28 de junho de 1998 sobre o histórico de hooliganismos e mostra que origem dessa violência por vezes é diversa, envolve nacionalismo, xenofobia, racismo, religião, política, drogas e um sentimento de pertencimento a algo maior, neste caso, os clubes. No questionário logo abaixo de texto é requerido ao aluno que responda onde se passa o texto (Copa do Mundo da França, antes de iniciar um panorama mais amplo sobre as brigas), quem participa do conflito, se envolve questões raciais e se o texto explica as razões do conflito. Além disso também pergunta ao aluno se ele já presenciou brigas de torcidas e pede a opinião do mesmo sobre esse tipo de conflito. O texto e as questões podem fazer o aluno refletir sobre a violência com o

esporte, mas novamente pouco tem a ver com o restante do capítulo que trata de colonização na América, novamente parece se fazer presente para dar sentido ao título e nada mais, categoria B.

"[...] O primeiro incidente ocorreu fora do Estádio Velódrome (Paris), duas horas antes do encontro entre Inglaterra e Tunísia. Ingleses e tunisianos — estes, na maior parte, residentes na área de Marselha — travaram uma batalha com garrafas e latas de cerveja. Três horas depois, a 1,5 quilômetro dali, milhares [...] aglomeravam-se diante de um telão de TV. Quando o atacante Alan Shearer fez o primeiro gol, os *hooligans* desandaram a xingar os tunisianos. Entre outras barbaridades berravam: 'Somos brancos e temos orgulho de ser!' Os tunisianos revidaram com palavrões. Uma bandeira da Tunísia foi queimada. Voaram novamente garrafas, latas e agora pedras dos dois lados. Os tunisianos usaram cadeiras de plástico como escudo e arma de contra-ataque.

[...] Seguiu-se um quebra-quebra que atingiu dezesseis lojas e restaurantes. Houve cinqüenta feridos, dos quais 35 tiveram de ser hospitalizados. Cem pessoas foram presas. 'Trata-se de uma minoria insensata', lamentou o primeiro-ministro inglês, Tony Blair [...] 'O que eles fizeram foi cuidadosamente planejado', acusa o presidente do comitê organizador da Copa do Mundo, o ex-jogador Michel Platini, que em 1985 marcou o triste gol da vitória do Juventus de Turim contra o Liverpool, em Bruxelas, na decisão da Copa Européia de Clubes Campeões. Naquele dia, um conflito provocado pelos ingleses resultou em uma das maiores tragédias da história do futebol. Morreram 39 pessoas, mais de 400 ficaram feridas e o mundo, chocado, tomou conhecimento da brutalidade dos *hooligans* (veja quadro abaixo). Nos cinco anos seguintes, os clubes britânicos ficaram excluídos das competições realizadas no continente europeu. Muitos *hooligans* foram identificados, presos e proibidos de freqüentar estádios. Recentemente, a polícia inglesa forneceu às autoridades francesas o nome de 1.200 deles. Destes, cerca de 200 são considerados 'muito perigosos'.

**Rastro de violência**

As principais tragédias provocadas pelos hooligans:

- **1971** – Torcedores do Rangers confrontam-se com seus rivais do Celtic, na Escócia. Resultado: 66 mortos e 108 feridos.
- **1984** – Durante amistoso entre Bélgica e Inglaterra, em Bruxelas, um tumulto nas torcidas deixa um saldo de 200 feridos.
- **1985** – Na partida entre Bradford e Lincoln, os torcedores colocam fogo no estádio. Morrem 53 pessoas e 200 ficam feridas.
- **1985** – Trinta e nove pessoas morrem pisoteadas e esmagadas em tumulto antes da partida entre Liverpool e Juventus.
- **1989** – Na cidade de Sheffild, na Inglaterra, 94 torcedores morrem esmagados durante partida entre Liverpool e Nottingham.

[...] Praga de um caldo que mistura desemprego, subemprego, delinqüência juvenil, alcoolismo, drogas e frustrações [...], o hooliganismo é um fenômeno que existe em países como Holanda e, com características diferentes, na Argentina e no Brasil. Como os *hooligans*, os membros das torcidas paulistas — vários estão na França, sem provocar incidente até aqui — são exceção numa multidão de esportistas cordatos. O problema é que sua presença nos campos afasta os espectadores comuns, que se sentem ameaçados."

Revista Veja, 28 jun. 1998.

1. Onde se passa o conflito narrado pelo texto?
2. Quem participa do conflito?
3. O conflito envolve preconceitos raciais? Quais?
4. O texto fornece uma explicação para a violência nos estádios de futebol?
5. Você já presenciou uma cena de pancadaria entre torcidas de futebol? Se a resposta for afirmativa, descreva-a.
6. Escreva no caderno um parágrafo expondo sua opinião sobre os conflitos entre as torcidas.

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.118, 119 e 131)

Na página 132 as atividades sugerem ao aluno que compare a violência das torcidas com a dos colonizadores europeus que vieram para a América de forma que justifique o título do capítulo. Nas páginas 133, 134 e 135, a proposta fotografias de torcidas invadindo o gramado de jogo, em uma delas uma invasão de protesto e em outra para comemorar uma conquista, além de imagens do início do período colonial da América. Nas questões que seguem o aluno é questionado sobre os possíveis motivos de tais invasões e a relação disso com a violência. Novamente a comparação me parece forçada, como já mencionei, acredito que a temática da violência no esporte seja relevante, mas a comparação não me parece muito pertinente nesse caso, categoria B.

II. Qual a relação que você pode estabelecer entre as atitudes dos hooligans e a chegada dos europeus ao continente americano?
Escreva um texto, sobre esse tema, justificando o título deste capítulo.

III. O desenho a seguir foi feito no século XVII. Observe-o atentamente e depois responda às questões.

Nova Typis Transacta Navigatio, Hondrio Philopono, 1621.

1. Descreva detalhadamente o desenho.
2. Existe alguma hierarquia representada nesse desenho? Qual?
3. Qual é a principal mensagem dessa ilustração?

IV. O tempo passa...

Selecione neste capítulo os acontecimentos mais significativos relacionados à conquista e colonização do continente americano pelos espanhóis e portugueses, entre os séculos XVI e XVII. Há muitas informações para você organizar num tempo "menor"? Então será necessário utilizar uma escala adequada. Seu desafio, nesta atividade, será encontrar uma forma clara para indicar na linha do tempo as diferentes atividades produtivas implantadas pelos colonizadores europeus na América e o relacionamento que estabeleceram com os índios.

Rueda-cabeça

1. a) Observe com atenção as imagens a seguir. São representações artísticas da conquista dos mexicas pelos espanhóis.

Gravura extraída da História das Índias, de Diego Durán, 1579.

Gravura extraída da História das Índias, de Diego Durán, 1579.

b) Que história eles contam?
c) Agora escreva uma frase para explicar cada imagem.

2. Peregrinações

Viajar no mundo medieval era algo muito perigoso. Nas estradas, poder-se-ia cruzar com comerciantes, mágicos, mendigos ou dar de cara com um bandido. Os "pés empoeirados", apelido dos viajantes, eram em boa parte **peregrinos** que viajavam a pé. As viagens poderiam durar semanas, meses ou até mesmo anos. Os caminhos mais movimentados conduziam a Roma, morada do papa, ou a locais em que os peregrinos pudessem tocar nas relíquias dos santos para obter a cura ou o perdão de seus pecados. As relíquias eram objetos que tinham entrado em contato com o mundo sagrado do cristianismo: pedaços da cruz, espinhos da coroa de Jesus, o leite da Virgem Maria, ossos do burrinho de São José... Fica fácil imaginar que Jerusalém, na Palestina, era um dos destinos mais importantes das peregrinações cristãs, que eram uma grande prova de fé.

a) Pesquise nos capítulos desta unidade o significado da palavra **peregrino** e anote-o.
b) Você conhece ou já participou de alguma viagem semelhante às peregrinações descritas acima?
c) No Brasil, atualmente, existem vários lugares que são procurados pelos peregrinos, também conhecidos entre nós como romeiros. Quais são? Por que são procurados pelos peregrinos? O que acontece numa romaria? Tudo isso você vai descobrir seguindo o roteiro de pesquisa a seguir:
- Existe algum local de peregrinação na cidade ou região em que você mora?
- O que atrai os peregrinos a esse local?
- Existe alguma data especial para a realização dessas peregrinações?
- Existe alguma festa nessa ocasião? Como é?
- Anote todas as informações que você obteve.
- Organize suas informações para contar à classe.

3.

Torcedores do Corinthians invadem o gramado do Estádio do Pacaembu, protestando contra a atuação do time em jogo contra o Flamengo em 2000.

Pelé sendo coroado em sua despedida da seleção brasileira, em 1971.

a) Identifique os espaços proibidos ao público.
b) Para você, o que significa a torcida invadir o campo durante o desenrolar da partida?
c) O que significa a invasão do gramado após a conquista de um título?
d) O que significa rasgar uma bandeira ou uma camisa da torcida adversária?

Torcedor do Corinthians de joelhos no gramado do Estádio do Morumbi após a conquista do título do campeonato paulista de 1977. O Corinthians não ganhava um campeonato paulista desde 1954.

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p.132 a 135)

Nas páginas 165 e 166, novamente um texto dos autores da obra relaciona futebol ao ciclo da borracha, no caso que a introdução do futebol ocorreu na Amazônia por meio dos ingleses que iam a floresta buscar borracha e de que a bola se transformou ao deixar de ser feita de couro e bexiga para passar a ser de borracha. Duas perguntas são feitas ao fim do texto, uma que pergunta ao aluno sobre palavras de origem inglesa no vocabulário do futebol e outra pedindo uma relação entre os indígenas e esportes com bola.

Na página 167 existe um texto sobre a final da Copa de 1950 e uma fotografia mostrando os torcedores do Brasil tristes. Mas não há reflexão ou perguntas sobre o texto e nenhuma forma específica de interação neste caso. Categoria A.

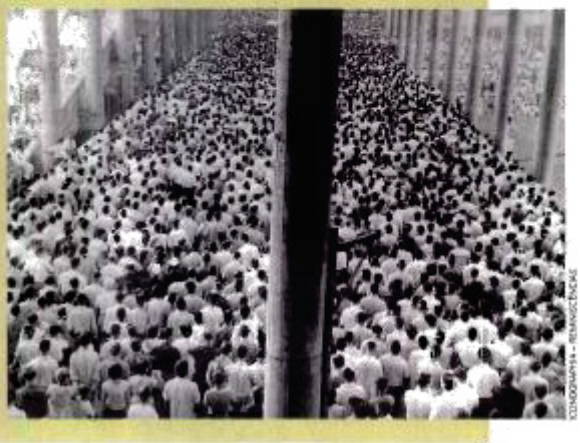
**O Brasil chorou**

Em 1950, a Copa do Mundo foi realizada no Brasil. O futebol já era uma paixão nacional, e havia grande euforia entre os torcedores. Para a maioria, seríamos campeões. Afinal, nossa seleção jogava em casa, contando com o apoio da torcida, havia feito partidas maravilhosas com goleadas históricas (7 a 1 na Suécia e 6 a 1 na Espanha) e precisava apenas de um empate no jogo final contra o Uruguai.

No dia 16 de julho, o Maracanã (em tupi, pequena arara), construído especialmente para a Copa, recebeu cerca de 200 mil espectadores. Parecia um alçapão.

Mas o Brasil perdeu por 2 a 1 para a seleção uruguaia, que se sagrou bicampeã mundial (já havia ganho a Copa de 1930, disputada em seu país).

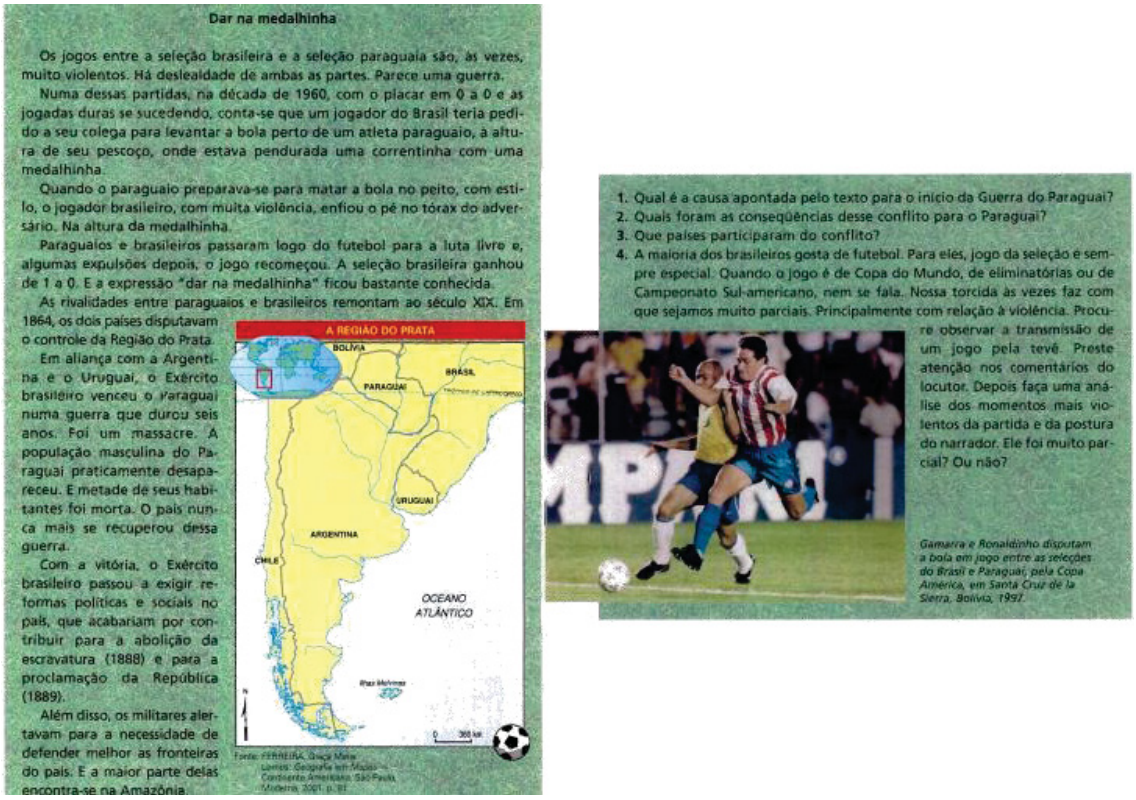
A partir de então, a seleção brasileira, que jogava com camisetas brancas e calções azuis, mudou seu uniforme, passando a vestir camisetas amarelas. A seleção "canarinho" traria mais alegrias, no futuro, quando tivesse entre seus jogadores o extraordinário Garrincha. Nome, aliás, de um pequeno passarinho de canto bonito, que não se adapta ao cativeiro.



*Multidão de torcedores sai cabisbaixa do Estádio do Maracanã, após a derrota da seleção brasileira em 16/07/1950.*

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p. 167)

Nas páginas 171 e 172 um texto relaciona a rivalidade futebolística entre brasileiros e paraguaios a Guerra do Paraguai. Ao final, entre outras atividades pede que o aluno busque escutar via rádio ou assistir na televisão um jogo da seleção nacional para buscar perceber ou não a parcialidade do narrador. A página 172 ainda traz na forma de ilustração uma foto da partida entre Brasil e Paraguai disputada pela Copa América de 1997 na Bolívia, mas apenas como ilustração do texto. Uso pouco significativo dos documentos, categoria B.



**Dar na medalhinha**

Os jogos entre a seleção brasileira e a seleção paraguaia são, às vezes, muito violentos. Há deslealdade de ambas as partes. Parece uma guerra.

Numa dessas partidas, na década de 1960, com o placar em 0 a 0 e as jogadas duras se sucedendo, conta-se que um jogador do Brasil teria pedido a seu colega para levantar a bola perto de um atleta paraguaio, à altura de seu pescoço, onde estava pendurada uma correntinha com uma medalhinha.

Quando o paraguaio preparava-se para matar a bola no peito, com estilo, o jogador brasileiro, com muita violência, enfiou o pé no tórax do adversário. Na altura da medalhinha.

Paraguaios e brasileiros passaram logo do futebol para a luta livre e, algumas expulsões depois, o jogo recomeçou. A seleção brasileira ganhou de 1 a 0. E a expressão "dar na medalhinha" ficou bastante conhecida.

As rivalidades entre paraguaios e brasileiros remontam ao século XIX. Em 1864, os dois países disputavam o controle da Região do Prata.

Em aliança com a Argentina e o Uruguai, o Exército brasileiro venceu o Paraguai numa guerra que durou seis anos. Foi um massacre. A população masculina do Paraguai praticamente desapareceu. E metade de seus habitantes foi morta. O país nunca mais se recuperou dessa guerra.

Com a vitória, o Exército brasileiro passou a exigir reformas políticas e sociais no país, que acabariam por contribuir para a abolição da escravatura (1888) e para a proclamação da República (1889).

Além disso, os militares alertavam para a necessidade de defender melhor as fronteiras do país. E a maior parte delas encontra-se na Amazônia.



1. Qual é a causa apontada pelo texto para o início da Guerra do Paraguai?
2. Quais foram as conseqüências desse conflito para o Paraguai?
3. Que países participaram do conflito?
4. A maioria dos brasileiros gosta de futebol. Para eles, jogo da seleção é sempre especial. Quando o jogo é de Copa do Mundo, de eliminatórias ou de Campeonato Sul-americano, nem se fala. Nossa torcida às vezes faz com que sejamos muito parciais. Principalmente com relação à violência. Procure observar a transmissão de um jogo pela tevê. Preste atenção nos comentários do locutor. Depois faça uma análise dos momentos mais violentos da partida e da postura do narrador. Ele foi muito parcial? Ou não?

*Gamarra e Ronaldinho disputam a bola em jogo entre as seleções do Brasil e Paraguai, pela Copa América, em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 1997.*

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p. 171 e 172)

Na página 173, um texto em “box” trata da conquista brasileira em 1970, mas não requer nada especifico do aluno, apenas após o texto traz uma imagem da comemoração dos atletas em um caminhão de bombeiro cercados por militares e cita que os mesmos militares que faziam a segurança da seleção eram os que estavam a serviço da ditadura. Neste caso, o tema apareceu devido ao capítulo estar trabalhando a República brasileira como uma continuidade e ruptura com o Império, por isso se encaixa na categoria A.

**Noventa milhões em ação**

Em 1970 a população brasileira somava cerca de 90 milhões de habitantes. A seleção encantava na Copa do Mundo do México. A camisa 7, que havia sido de Garrincha, era vestida por Jairzinho. Denominado o "furacão da copa", Jairzinho fez gols em todas as partidas.

Comandada por Pelé, a seleção realizou uma campanha maravilhosa: 4 a 1 contra a Tchecoslováquia; 3 a 2 contra a Romênia; 1 a 0 contra a Inglaterra; 4 a 2 contra o Peru; 3 a 1 contra o Uruguai.

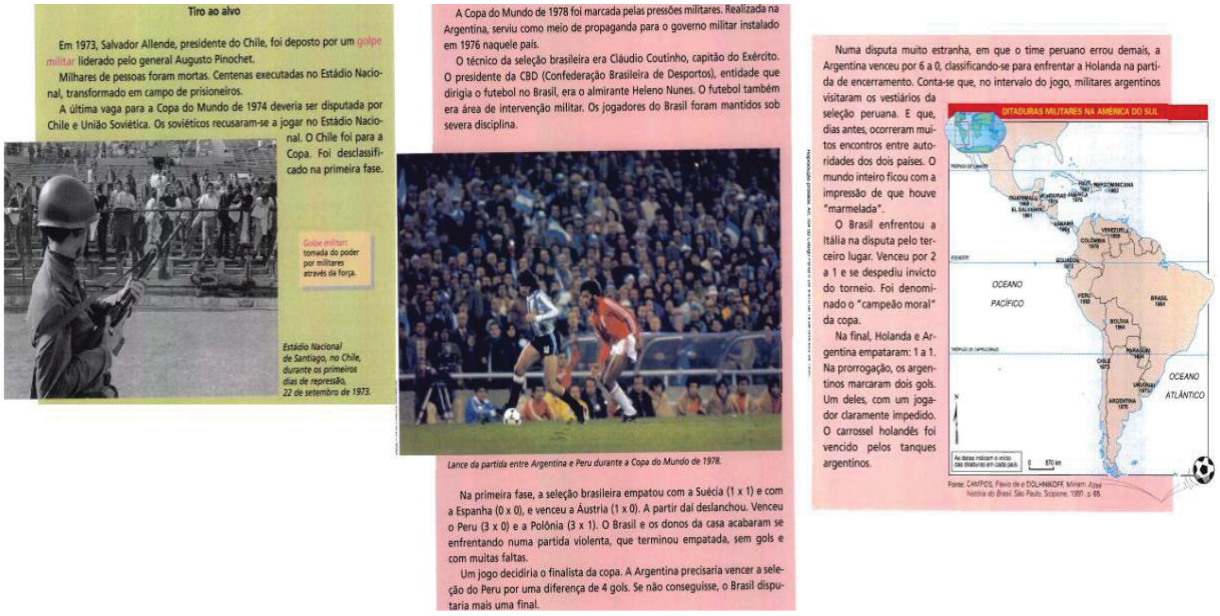
Na final, contra a Itália, uma goleada: 4 a 1. Brasil tricampeão do mundo. A taça Jules Rimet era definitivamente nossa.

Uma onda de otimismo e euforia tomava conta do Brasil. Além do sucesso nos gramados mexicanos, altas taxas de crescimento econômico faziam crer que o país finalmente se tornaria rico e desenvolvido.

*A seleção brasileira desfilou em carro aberto em sua chegada ao Brasil após a conquista do tricampeonato mundial de futebol no México, em 1970. A multidão aplaudia entusiasmada. Os militares escoltavam a seleção. Estavam a serviço da ditadura.*

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p. 173)

Na página seguinte, 174, algo similar, um novo “box” traz um breve exemplo de outra ditadura na América Latina, no caso a do Chile, que também interferiu no futebol. O “box” também traz uma fotografia de militares apontando armas para civis, só que dentro do Estádio Nacional de futebol de Santiago. Nenhuma atividade sobre
é proposta. Nas páginas 176 e 177 é a vez da Ditadura da Argentina aparecer em um “box”, citando que essa organizou o mundial de 1978 e a Argentina o venceu abafando a oposição ao regime militar argentino, assim como nos anteriores nenhuma atividade é proposta sobre. No “box” sobre a Argentina também se faz presente uma fotografia da Final da Copa de 1978 disputada entre Argentina e Holanda, mas apenas para ilustrar o texto. Ambos os casos se encaixam na categoria A.



**Tiro ao alvo**

Em 1973, Salvador Allende, presidente do Chile, foi deposto por um golpe militar liderado pelo general Augusto Pinochet.

Milhares de pessoas foram mortas. Centenas executadas no Estádio Nacional, transformado em campo de prisioneiros.

A última vaga para a Copa do Mundo de 1974 deveria ser disputada por Chile e União Soviética. Os soviéticos recusaram-se a jogar no Estádio Nacional. O Chile foi para a Copa. Foi desclassificado na primeira fase.

Golpe militar: tomada do poder por militares através da força.

*Estádio Nacional de Santiago, no Chile, durante os primeiros dias de repressão, 22 de setembro de 1973.*

A Copa do Mundo de 1978 foi marcada pelas pressões militares. Realizada na Argentina, serviu como meio de propaganda para o governo militar instalado em 1976 naquele país.

O técnico da seleção brasileira era Cláudio Coutinho, capitão do Exército. O presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), entidade que dirigia o futebol no Brasil, era o almirante Heleno Nunes. O futebol também era área de intervenção militar. Os jogadores do Brasil foram mantidos sob severa disciplina.

*Lance da partida entre Argentina e Peru durante a Copa do Mundo de 1978.*

Na primeira fase, a seleção brasileira empatou com a Suécia (1 x 1) e com a Espanha (0 x 0), e venceu a Áustria (1 x 0). A partir daí deslanchou. Venceu o Peru (3 x 0) e a Polônia (3 x 1). O Brasil e os donos da casa acabaram se enfrentando numa partida violenta, que terminou empatada, sem gols e com muitas faltas.

Um jogo decidiria o finalista da copa. A Argentina precisaria vencer a seleção do Peru por uma diferença de 4 gols. Se não conseguisse, o Brasil disputaria mais uma final.

Numa disputa muito estranha, em que o time peruano errou demais, a Argentina venceu por 6 a 0, classificando-se para enfrentar a Holanda na partida de encerramento. Conta-se que, no intervalo do jogo, militares argentinos visitaram os vestiários da seleção peruana. E que, dias antes, ocorreram muitos encontros entre autoridades dos dois países. O mundo inteiro ficou com a impressão de que houve "marmelada".

O Brasil enfrentou a Itália na disputa pelo terceiro lugar. Venceu por 2 a 1 e se despediu invicto do torneio. Foi denominado o "campeão moral" da copa.

Na final, Holanda e Argentina empataram: 1 a 1. Na prorrogação, os argentinos marcaram dois gols. Um deles, com um jogador claramente impedido. O carrossel holandês foi vencido pelos tanques argentinos.

DITADURAS MILITARES NA AMÉRICA DO SUL

OCEANO PACÍFICO

OCEANO ATLÂNTICO

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p. 174, 176 e 177)

Entre as páginas 182 e 193 o texto geral da obra trabalha com questões gerais sobre o trabalho e a luta por direitos indígenas no Brasil, isso tudo com o pano de fundo o período entre 1950 e 1990 no Brasil. Neste trecho vários são os "boxes" com fontes do futebol, na página 183 um deles trata do bicampeonato mundial do Brasil em 1962 no Chile, traz também uma fotografia da homenagem aos atletas campeões, mas não propõe nenhuma atividade específica, categoria A.

**Bicampeões mundiais**

Copa do Mundo. 1962. A seleção brasileira desembarcou no Chile como favorita. Pelé, Garrincha, Nílton Santos, Zito, Didi e Zagallo já eram jogadores conhecidos internacionalmente. No começo, o peso da fama atrapalhou a equipe. Na estréia, venceu mas não convenceu: 2 a 0 no México.

No jogo seguinte, contra a Tchecoslováquia, 0 a 0. E, para piorar, Pelé se machucou e ficou fora das demais partidas da Copa. Foi substituído, brilhantemente, por Amarildo.

A partir daí, a seleção foi comandada por Garrincha. Imprevisível, driblou centenas de vezes, chutou bolas na trave, deu passes para os companheiros marcarem, sacudiu 4 vezes as redes adversárias e fez até gol de cabeça.

As vitórias foram se acumulando: 2 a 1 contra a Espanha; 3 a 1 contra a Inglaterra; 4 a 2 contra o Chile. Na final, outro jogo contra a Tchecoslováquia: Brasil 3 a 1.

A taça do mundo era nossa. E a copa foi de Garrincha.

*Jogadores da seleção são homenageados após a conquista do bicampeonato mundial de futebol no Chile em 1962.*

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p. 183)

Entre as páginas 184 e 187 um “box” relaciona o trabalho ao futebol, explicando o processo de popularização do futebol a partir da participação de trabalhadores em times fabris ou da criação de times populares para terem o prazer de vencerem os times elitistas. O texto também casos de participação da política no futebol nacional, como o uso que a ditadura militar fez do futebol como propaganda e do caso da “democracia corinthiana” que combateu a mesma ditadura militar na luta pela volta das eleições diretas para presidente. Questões desse “box” perguntam ao aluno sobre a existência de times de várzea em sua região e sobre o direito de os jogadores reivindicarem maiores salários e condições de trabalho, pergunta também sobre a validade disso para trabalhadores de outras profissões. Uma última questão propõe uma pesquisa, em que os alunos deveriam, em grupos, pesquisar sobre times de seu estado, buscando suas origens, motivo das cores, significado dos escudos e suas principais conquistas. Outros grupos deveriam

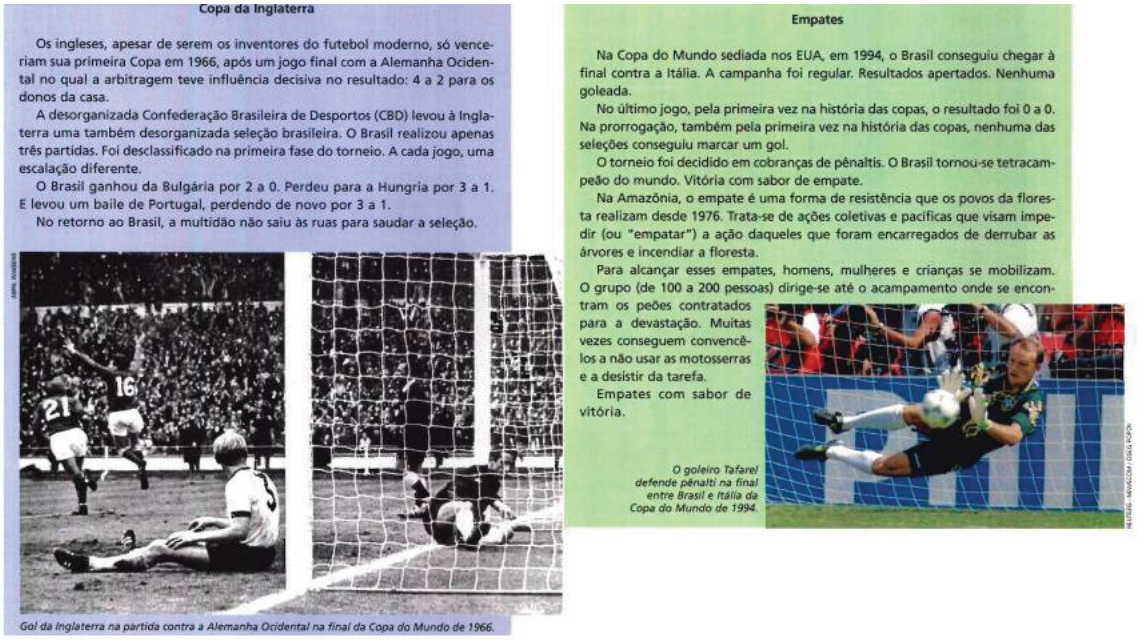
pesquisar sobre formas variadas de expressões artísticas que tenham o futebol como inspiração. Pela reflexão, interação com a fonte e proposta de continuidade da pesquisa, categoria C.

Reinaldo foi um centroavante extremamente habilidoso. Com um refinado toque de bola, enfrentou a dureza de seus marcadores. Com uma aguçada consciência política, contestou a ditadura militar. Na foto, comemorando um gol pela seleção brasileira, em 1978.

1. Onde os times amadores jogam futebol em sua cidade?
2. Hoje se discute muito a questão do passe do jogador. O jogador é livre com o seu passe controlado pelo clube?
3. A questão dos salários dos jogadores é sempre polêmica. Você acha que os jogadores têm o direito de reivindicar aumentos ou devem jogar por amor à camisa?
4. E os trabalhadores em geral? Devem reivindicar melhores salários?
5. Proposta de pesquisa.
   Uma parte da classe deve organizar-se em grupos e pesquisar a história dos principais clubes de seu Estado. Procure descobrir o significado das cores e hinos, os grupos sociais fundadores, os principais títulos e quem foram os mais destacados jogadores.
   Uma outra parte da turma deve pesquisar músicas, poemas, contos e obras de arte sobre o futebol.
   Ao final do trabalho pode ser feita uma grande exposição, na qual os grupos apresentarão a todos os resultados de suas pesquisas.

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p. 184, 185 e 186)

Na página 187 um “box” comenta sobre a Copa da Inglaterra em 1966 e traz uma fotografia do gol do título inglês na final contra a Alemanha Ocidental em Wembley, mas novamente não propõe nada sobre o tema, categoria A. No “box” da página 189 é realizada uma relação entre o termo empate no futebol e empate nas lutas indígenas, citando que no futebol é quando duas equipes acabam com o mesmo número de gols e nas lutas indígenas é quando os nativos conseguem evitar a degradação da floresta. O “box” traz uma foto do goleiro brasileiro Taffarel durante a disputa por pênaltis durante a final na copa do mundo de 1994 entre Brasil e Itália, jogo esse que terminou empatado após o tempo regulamentar e a prorrogação, assim como no “box” anterior, nada mais se pede sobre as informações contidas nos textos ou nas imagens, categoria A.



**Copa da Inglaterra**

Os ingleses, apesar de serem os inventores do futebol moderno, só venceriam sua primeira Copa em 1966, após um jogo final com a Alemanha Ocidental no qual a arbitragem teve influência decisiva no resultado: 4 a 2 para os donos da casa.

A desorganizada Confederação Brasileira de Desportos (CBD) levou à Inglaterra uma também desorganizada seleção brasileira. O Brasil realizou apenas três partidas. Foi desclassificado na primeira fase do torneio. A cada jogo, uma escalação diferente.

O Brasil ganhou da Bulgária por 2 a 0. Perdeu para a Hungria por 3 a 1. E levou um baile de Portugal, perdendo de novo por 3 a 1.

No retorno ao Brasil, a multidão não saiu às ruas para saudar a seleção.

*Gol da Inglaterra na partida contra a Alemanha Ocidental na final da Copa do Mundo de 1966.*

**Empates**

Na Copa do Mundo sediada nos EUA, em 1994, o Brasil conseguiu chegar à final contra a Itália. A campanha foi regular. Resultados apertados. Nenhuma goleada.

No último jogo, pela primeira vez na história das copas, o resultado foi 0 a 0. Na prorrogação, também pela primeira vez na história das copas, nenhuma das seleções conseguiu marcar um gol.

O torneio foi decidido em cobranças de pênaltis. O Brasil tornou-se tetracampeão do mundo. Vitória com sabor de empate.

Na Amazônia, o empate é uma forma de resistência que os povos da floresta realizam desde 1976. Trata-se de ações coletivas e pacíficas que visam impedir (ou "empatar") a ação daqueles que foram encarregados de derrubar as árvores e incendiar a floresta.

Para alcançar esses empates, homens, mulheres e crianças se mobilizam. O grupo (de 100 a 200 pessoas) dirige-se até o acampamento onde se encontram os peões contratados para a devastação. Muitas vezes conseguem convencê-los a não usar as motosserras e a desistir da tarefa.

Empates com sabor de vitória.

*O goleiro Taffarel defende pênalti na final entre Brasil e Itália da Copa do Mundo de 1994.*

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p. 187 e 189)

Nas páginas 192 e 193 os autores trazem um “box” sobre a seleção brasileira na copa de 1982 na Espanha, de como ela foi, segundo a crônica esportiva do período, incrível em campo e saiu derrotada, mas também como alguns atletas dessa geração participaram ativamente da luta pelo fim da ditadura militar no Brasil. O “box” traz fotografias do jogo em que o Brasil foi derrotado pela Itália por 3X2 na Copa de 1982 e de Sócrates – futebolista brasileiro dessa geração – discursando em um comício pelas “Diretas já” no Vale do Anhangabaú, São Paulo em 1984. Apesar da relevância do tema, não requer nada e nem sugere nenhum uso, categoria A.

**"Vivendo e aprendendo a jogar. Nem sempre ganhando, nem sempre perdendo, mas aprendendo a jogar."**

Na Copa do Mundo de 1982, disputada na Espanha, o Brasil voltou a jogar um futebol soberbo. O técnico Telê Santana formou uma seleção de craques: Valdir Perez, Leandro, Oscar, Luisinho, Júnior, Cerezzo, Falcão, Zico, Sócrates, Serginho e Éder.

Além de conquistar vitórias, a seleção dava *show*: 2 a 1 na União Soviética; 4 a 1 na Escócia; 4 a 0 na Nova Zelândia; 3 a 1 na Argentina. A imprensa do mundo todo anunciava o Brasil como favorito. Seria tetracampeão.

O Brasil jogaria uma partida decisiva contra a Itália. Precisava apenas de um empate para passar à semifinal. A Itália saiu na frente. Sócrates empatou. A Itália fez 2 a 1. No segundo tempo, Falcão empatou. Ao final da partida, os italianos marcaram mais um gol. A seleção brasileira ainda tentou. O goleiro italiano defendeu uma bola em cima da linha de gol. O jogo acabou com a derrota brasileira por 3 a 2. O Brasil chorou. Como em 1950, quando perdeu para o Uruguai. Só que, dessa vez, a torcida vestia-se de amarelo.

*Zico tenta escapar do seu marcador Gentile enquanto Sócrates observa a jogada. A partida disputada em Barcelona, na Espanha, em 1982, terminou com a vitória da Itália por 3 a 2.*

A Itália foi campeã. Derrotou a Alemanha Ocidental na final por 3 a 1.

Sócrates, o capitão da seleção, era também o líder da Democracia Corinthiana. E, como tantos outros cidadãos, desejava o fim da ditadura militar.

Em 1984, milhões de brasileiros, vestidos de amarelo, participavam da campanha das Diretas Já! Multidões, em todo o país, ocupavam as praças públicas em grandes comícios que exigiam o direito do povo de votar e escolher o presidente da República.

O movimento foi emocionante. Encantou o Brasil. Mas, como a seleção brasileira de Telê Santana, não conseguiu vencer.

A primeira eleição direta depois da ditadura só ocorreria em 1989. Foi uma disputa difícil, marcada por grandes comícios em todo o Brasil. No segundo turno, os eleitores brasileiros tiveram que decidir entre dois candidatos: Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva. Collor foi eleito presidente.

Zico chegou a trabalhar para o governo Collor. Sócrates esteve ligado a administrações do PT, partido de Lula. Democracia, afinal de contas, requer respeito pelas diferenças. E pelas opiniões contrárias. Democracia é, afinal, a alegria do povo.

*Sócrates discursa no comício pelas Diretas Já realizado no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. A seu lado, o jogador Casagrande e o locutor esportivo Osmar Santos.*

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p. 192 e 193)

No “box” das páginas 194 e 195, é feita uma relação do uso das mãos no futebol, seja para fintar o adversário como na sequência de fotografias em que Pelé faz um drible de corpo no goleiro uruguaio durante a Copa de 1970 ou como no uso irregular da mão para fazer um gol como na fotografia em que Maradona está realizando tal gesto em partida da Argentina contra a Inglaterra válida pela Copa do Mundo de 1986. Novamente nenhuma atividade ou interação e proposta pela obra, categoria A.

Engana-se quem acredita que o futebol se pratica com os pés. É ilusão. Futebol se joga com o cérebro e com o coração. Numa fração de segundo o craque decide uma partida. Realiza uma jogada. Uma obra de arte. Um ato de criação. Uma manifestação da alma. Ou uma explosão do instinto.

Nas fotos estão três das muitas jogadas fantásticas já realizadas em partidas de futebol. Qual é a mais sensacional? Quem é o maior jogador de todos os tempos? Não dá para responder.

Garrincha disputou três copas do mundo. Ganhou duas. Arrasou em ambas. Pelé disputou quatro copas. Ganhou três. Seu futebol foi majestoso em duas. Maradona disputou 4 copas. Ganhou uma. De maneira genial.

*Drible de corpo de Pelé em Mazurkiewsky no jogo Brasil e Uruguai em 1970. "O drible de corpo é quando o corpo tem presença de espírito." Chico Buarque de Holanda*

*Gol de mão de Maradona contra a Inglaterra na Copa de 1986 "Foi com a mão de Deus e a cabeça de Maradona." Diego Maradona*

*Garrincha cercado por 8 jogadores do México na Copa de 1962. "Garrincha foi o grande autor de algumas de nossas alegrias eternas. Sim, de 1958 a 1962, a nossa felicidade dependeu, só e só, de suas pernas tortas." (Nelson Rodrigues)*

No ano de 2000, a Fifa promoveu uma eleição pela internet para decidir quem teria sido o melhor jogador de futebol do século XX. Maradona ganhou. Pelé ficou em segundo lugar. Garrincha foi lembrado por poucos. Os torcedores argentinos se mobilizaram para eleger seu ídolo. Fizeram um verdadeiro movimento. Diante disso, a direção da Fifa modificou sua promoção. Designou um grupo de especialistas em futebol para a escolha do melhor jogador. A vitória foi de Pelé. A Fifa ofereceu então dois prêmios. Um a Maradona. Outro a Pelé. Garrincha foi esquecido. O maior prêmio que se pode dar a ele é lembrar de sua alegria. Alegria de índio fulniô.

(Campos, Aguilar, Claro e Miranda, 2005. p. 194 e 195)

Nas páginas 198 e 199, a obra traz uma crônica de Nelson Rodrigues – publicada inicialmente pela Revista Manchete em março de 1958[22] - sobre Pelé, e logo abaixo uma atividade pede aos alunos informações contidas no texto e uma relação entre o que Pelé fazia na infância e as brincadeiras atuais que as crianças fazem uso, ficou faltando uma relação maior com a cultura indígena que é o tema central do capítulo. Categoria B.

Como já mencionado anteriormente, as demais obras desta coleção – obras essas destinadas a sexta, sétima e oitava séries - não fazem uso de fontes relacionadas ao futebol, mas em geral o uso proposto para os documentos de outras origens no restante da coleção é similar aos mencionados até aqui, uso como ilustração, também como forma de intensificar uma informação ou propondo que os alunos retirem do documento algumas informações específicas e por vezes apenas para ilustrar o que está em questão.

[22] Manchete Esportiva – 8/3/1958 – RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais, crônicas de futebol.* São Paulo, Companhia das letras, 1993. P. 42 - 44

Na coleção “Link no tempo”, na obra destinada a quinta série existe um documento fotográfico da final da Copa do Mundo da França em 1998, mas apenas com caráter ilustrativo em relação ao texto geral da obra, sendo assim, categoria A.

**A televisão e os sentidos**

As primeiras experiências com a televisão começaram em 1928, nos Estados Unidos. Tal como a fotografia, no início, os aparelhos transmitiam unicamente imagens de estúdio. Mas **a televisão logo se tornou capaz de transmitir imagens externas** e os sons, a exemplo do rádio, e nesse aspecto foi diferente do cinema, que demorou cerca de 30 anos para chegar a esse ponto. Em pouco tempo, aliás, esse novo meio capacitou-se a veicular os filmes que o cinema produzia, gravando eletronicamente as imagens da película química — embora, segundo os críticos, essa alteração cause a perda de qualidade dos filmes nas TVs.

(Marino e Stampacchio, 2005. p.99)

Como mencionado anteriormente a coleção “História Temática” presentes nos Programas de 2002, 2005, 2008 e 2011 não trouxe nenhuma fonte relativa ao futebol, porém, no PNLD de 2014 os mesmos autores lançaram uma nova versão dessa coleção com o título de “Projeto Velear”, nessa se faz presente uma fotografia na página nove da obra dedicada ao sexto ano do ensino fundamental, que serve de introdução aos estudos. A fotografia em questão mostra duas crianças jogando futebol em uma praia e a atividade requer que os alunos, em conjunto com outras imagens, pensem sobre como estamos fazendo história o tempo todo. Categoria C devido a reflexão proposta pela atividade.

(Montellato, Cabrini e Catelli Junior, 2012. p.9)

QUADRO 2 - GERAL DE ONDE ESTÃO CADA DOCUMETO REFERENTE AO FUTEBOL NAS OBRAS ANÁLISADAS E SUAS CATEGORIAS

| | CATEGORIA A | CATEGORIA B | CATEGORIA C |
|---|---|---|---|
| O jogo da História | p.10<br>p.14<br>p.20<br>p.23<br>p.41<br>p. 53<br>p. 167<br>p. 173<br>p. 174<br>p. 176 e 177.<br>p. 183<br>p. 187<br>p. 189<br>p. 192 e 193<br>p. 194 e 195 | p.13<br>p. 50<br>p. 51<br>p. 97<br>p. 109<br>p. 118, 119 e 120<br>p. 131<br>p. 132, 133, 134 e 135<br>p. 165 e 166<br>p. 171 e 172<br>p. 198 e 199 | p. 8 e 9<br>p. 15<br>p. 53<br>p. 98<br>p. 100<br>p. 184, 185, 186 e 187 |
| Link no Tempo | p. 99 | - | - |
| Historiar | - | - | - |

| | | | |
|---|---|---|---|
| História Temática / Projeto Velear | - | - | p. 9 |

## 5. PROPOSTA PARA O USO DAS FONTES HISTÓRICAS LIGADAS AO FUTEBOL NO ENSINO DE HISTÓRIA

Ao longo deste trecho apresentarei três propostas do uso de fontes históricas ligadas ao futebol para o ensino de História, as três têm como público alvo turmas dos anos finais do ensino fundamental. Vamos a elas:

### 5.1 PLANO DE AULA SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E FUTEBOL NO BRASIL

Aula possivelmente para o nono ano do ensino fundamental relacionada ao estudo do Brasil Republicano, período da Ditadura Militar. Entretanto vale ressaltar que se trata de um tema transversal. Para saber mais sobre essa temática transversal e como a trabalhar em sala de aula sugiro que o professor(a) consulte artigos sobre específicos sobre esse tema[23].

O objetivo geral dessa aula é a partir do futebol trabalhar a temática LGBT no período da ditadura militar do Brasil e sua repressão.

O que é necessário para a realização desta proposta é o acesso a internet, cópias da fonte “Em plena ditadura a torcida Coligay mostrava a cara contra o preconceito” que se faz presente dentro deste plano de aula.

O plano de instrução para essa aula é o seguinte: 1. Informar os alunos sobre o tema da aula e pontuar a importância dessa discussão para a contemporaneidade, após essa breve introdução perguntar se o futebol é apenas para heterossexuais.

2. Diante das possíveis respostas questione os alunos se há a possibilidade de existir uma torcida organizada assumidamente gay no Brasil.

3. Escute as respostas e para continuar a aula entregue a eles o Documento “A” sobre a Coligay e peça para eles o analisarem.

4. Peça para os escreverem sobre as dificuldades encontradas pela Coligay e os motivos da sua “aceitação” no período.

5. Peça para os alunos pesquisarem sobre como eram as dificuldades gerais enfrentadas pela comunidade LGBT no contexto geral da ditadura. A pesquisa pode se dar via internet, alguns sites para essa pesquisa são:

a)http://memoriasdaditadura.org.br/lgbt/

[23] Uma sugestão e artigo é o do link a seguir que foi acessado por nós em 19 de julho de 2020: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553118006_ARQUIVO_Diversidadesexualedegenerenoensinodehistoria_ANPUH.pdf

b)https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141210_gays_perseguicao_ditadura_rb

c)https://paineira.usp.br/aun/index.php/2017/11/24/ditadura-brasileira-agiu-ativamente-para-reprimir-lgbts/

6. Após as pesquisas darem resultado, peça para os alunos comparem o resultado de suas pesquisas com os atuais direitos LGBTQI+.

7. Por fim, questione-os novamente se futebol é apenas para heterossexuais.

Abaixo, fonte a ser utilizada:

Fonte A: Em plena ditadura, a torcida Coligay mostrava a cara contra o preconceito. Pioneiro no futebol, o grupo gaúcho nascido há 40 anos reuniu torcedores do Grêmio e treinava até caratê para se defender de agressores homofóbicos[24].

Coligay: apoio incondicional ao Grêmio. DIVULGAÇÃO/LIBRETOS

O ano de 1977 marcou o Brasil em várias frentes. A lei do divórcio foi instituída, a escritora Raquel de Queiroz tornou-se a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, e o país ganhou mais um Estado, o Mato Grosso do Sul. No mundo do futebol, outros dois fatos marcantes. Enquanto Pelé anotava seu último gol pelo Cosmos sobre o Santos, nascia também a primeira torcida brasileira exclusivamente gay. Incomodado com a falta de agitação nas arquibancadas, o cantor e empresário Volmar Santos resolveu fundar uma falange que chamasse a atenção não só por seus trajes, faixas, bandeiras e instrumentos, mas também pela ousadia de reunir torcedores homossexuais do Grêmio em plena ditadura militar. Assim, no dia 10 de abril daquele ano, surgia a Coligay.

A nova torcida organizada deu as caras na partida entre Grêmio e Santa Cruz-RS. O time da casa venceu por 2 x 1, mas o assunto mais comentado no estádio Olímpico naquele domingo de Páscoa foi o novo e barulhento grupo de adeptos tricolores. Gaúcho de Passo Fundo, Volmar era dono de uma boate em

[24] Texto de Breiller Pires – São Paulo – 10/04/2017

Porto Alegre, a Coliseu. Ela motivou o nome da torcida e servia como ponto de encontro para seus integrantes, antes e depois dos jogos. Além do espanto, o circuito da bola reagiu com repulsa ao movimento liderado por Volmar. Dirigentes, jogadores e membros de outras torcidas organizadas do Grêmio rechaçaram a Coligay, que, inicialmente, tinha cerca de 60 integrantes. Ciente dos riscos de declarar a homossexualidade, sobretudo em um terreno machista como o futebol, ainda no contexto da ditadura, o mentor da torcida bancava aulas de caratê para que seus seguidores pudessem se defender de eventuais ataques homofóbicos de rivais e das próprias facções gremistas. “A única vez que tivemos problema foi quando um cara atirou pedras em nossa direção. Mas rapidinho botamos o sujeito pra correr do estádio”, conta Volmar, hoje com 68 anos, que compôs até um hino exaltando sua legião.

Além das aulas de arte marcial, Volmar também financiava caravanas para os torcedores conhecidos como “coliboys” acompanharem as partidas pelo interior do Rio Grande do Sul. Vestindo túnicas, calças bem justas ou apetrechos espalhafatosos, os seguidores da Coligay chegavam fazendo barulho e atraíam olhares encabulados enquanto tomavam as arquibancadas. “Como frequentador assíduo de estádios, eu achava a torcida do Grêmio muito parada”, lembra Volmar. “O objetivo da Coligay era levar mais alegria e animação para os jogos, apoiando os atletas da equipe em todos os momentos.” Entusiasmo realmente não faltava à torcida, que ficou marcada por cantar o tempo inteiro durante as partidas, algo que só seria retomado no início dos anos 2000, com a aparição da Geral do Grêmio – uma organizada inspirada nas barras argentinas.

Com o tempo, a Coligay passou a ganhar mais membros – alguns deles dissidentes de outras organizadas – e simpatizantes. “Tinha muito jogador do Grêmio que frequentava a boate escondido”, diz o fundador, referindo-se à Coliseu. Telê Santana, técnico do tricolor gaúcho entre 1976 e 1978, costumava ir à boate de madrugada na tentativa de flagrar jogadores que escapavam da concentração. Mas, assim que tomava conhecimento da presença do treinador, Volmar escondia os fujões e agilizava a debandada pela porta dos fundos.

Como praxe do regime militar, Porto Alegre contava com uma Delegacia de Costumes, que monitorava as ações da Coligay através do setor de “meretrício e vadiagem”. Porém, a torcida nunca teve um membro preso por manifestar publicamente sua orientação sexual. A onda de repressão à homossexualidade, que incluía batidas policiais em locais frequentados por pessoas LGBT e detinha quem

“atentasse contra a moral e os costumes vigentes”, como revelado pela Comissão Nacional da Verdade, não impediu os coliboys de demonstrarem toda sua irreverência nem mesmo quando o então presidente João Baptista Figueiredo, que era torcedor do Grêmio, fez uma visita ao Olímpico. Um integrante que vestia roupas cor de rosa conseguiu furar o bloqueio dos seguranças na tribuna de honra e se aproximou do general aos gritos de “João Baptista”, imitando a personagem Salomé, que ficou famosa no programa semanal da Rede Globo do humorista Chico Anysio.

Grêmio e Coligay quebravam tabus quatro décadas atrás.

Em várias ocasiões, a trupe da Coligay virava a noite na boate e emendava a farra no cortejo rumo ao estádio. O ritual e os cânticos de apoio incondicional se consolidaram ao longo do período mais glorioso da história do Grêmio. Menos de seis meses após o surgimento da torcida, o clube rompeu um jejum de oito anos sem títulos no Gauchão.

A fama de pé-quente da Coligay acabou chegando a São Paulo, e Vicente Matheus, folclórico presidente do Corinthians, convidou os coliboys para assistirem à final do Campeonato Paulista quando o Timão jogaria contra a Ponte Preta, no estádio do Morumbi. O time alvinegro também acabou quebrando um tabu depois de mais de 22 anos sem levantar taças, com um gol salvador de Basílio sobre o time pontepretano. De volta aos seus domínios no sul, a Coligay ainda presenciaria as conquistas gremistas de outros dois Campeonatos Gaúchos, um Brasileiro, uma

Libertadores e um Mundial de Clubes, em 1983, ano em que a torcida encerrou suas atividades devido ao retorno de Volmar Santos à sua cidade natal.

Um dos poucos registros históricos sobre os seis anos de existência da torcida gremista é o livro “Coligay, tricolor e de todas as cores”, escrito pelo jornalista Léo Gerchmann e publicado pela editora Libretos, em 2014. Apesar da vida curta, a Coligay inspirou outras associações entre torcedores homossexuais, como a Flagay, do Flamengo, que foi criada em 1979 pelo carnavalesco Clóvis Bornay. Em 2013, grupos encabeçados pela Galo Queer, do Atlético Mineiro, tentaram articular movimentos semelhantes nas redes sociais. Entretanto, por medo de ameaças de torcedores organizados, nenhum deles marcou presença nos estádios como a Coligay. “É preciso mostrar o rosto para vencer o preconceito que ainda existe no futebol”, diz Volmar. “Mas, nos dias de hoje, parece ser ainda mais difícil que naquela época. A Coligay fez história. Espero que um dia os torcedores homossexuais sejam vistos com naturalidade no estádio.

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554_546896.html

## 5.2 PLANO DE AULA SOBRE FUTEBOL BRASILEIRO E O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Aula possivelmente para o nono ano do ensino fundamental relacionada ao estudo do Brasil Republicano durante a “Era Vargas” O objetivo geral dessa proposta é, a partir do futebol, instigar a pesquisa de temáticas inter-relacionadas

sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra mundial, desdobramentos internos para o país e para o futebol no Brasil durante esse período gerando discussões e reflexões sobre questões étnicas e preconceito.

Os materiais necessários para essa aula são o acesso a internet e cópias da fonte A “Esporte clube Pinheiros” e da fonte B “Decreto-lei n° 383 de 18 de abril de 1938, ambas disponíveis no final dessa plano de aula.

O plano de instrução é:

1. Separe os alunos em cinco grupos de não muitos alunos para que todos possam participar, não estipulo um número fechado por saber que cada classe terá uma quantidade de alunos muito variável e adaptações deverão ocorrer nesse caso.

2. Entregue aos alunos o “Documento A” e faça-os lerem tal documento.

3. Questione-os sobre os possíveis motivos para a mudança de nome da agremiação.

4. Após as possíveis respostas, entregue-os o documento “B” e peça para os alunos o analisarem em busca da resposta.

5. Se algum dos grupos tiver encontrado a resposta, faça-os compartilharem com demais, caso contrário interprete o documento de forma a apontar para uma interpretação jurídica da lei que leva a proibição de clubes ligados a nacionalidades não brasileiras.

6. Para enriquecer a aula, requisita ao grupo 1 que pesquise sobre a campanha nacionalização do período Vargas, ao grupo 2 que pesquise sobre grandes clubes de futebol ou demais agremiações conhecidas nacionalmente que também tiveram que alterar seus nomes nesse período. Ao grupo 3 que pesquise se houve algum clube de futebol ou entidade de seu estado, por menor que ela seja ou tenha sido, que também sofreu tal alteração. Ao grupo 4 que pesquise os desdobramentos do Brasil na segunda guerra mundial e ao grupo 5 que pesquise sobre as consequências desta participação para o Brasil.

7. Após as pesquisas, cada grupo deve compartilhar com os colegas o resultado da sua pesquisa.

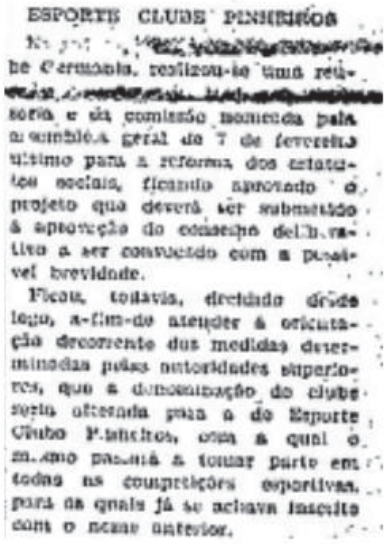
Fonte A

Transcrição do texto publicado originalmente em jornal impresso, referencias e imagem da página abaixo.

Esporte Clube Pinheiros

"(ilegível) Club Germania, realizaou-se uma reunião (ilegível) provisória ... comissão nomeada pela assembléia geral do dia 7 de fevereiro último para a reforma dos estatutos sociais, ficando aprovado o projeto que deverá ser submetido à aprovação do conselho deliberativo a ser convocado com a possível brevidade.

Ficou todavia decidido desde logo, a fim de atender à orientação decorrente das medidas determinadas pelas autoridades superiores, que a denominação do Clube, seia alterada para a de Esporte Clube Pinheiros, com a qual o mesmo passará a tomar parte em todas as competições esportivas para as quais já se achava inscrito com o nome anterior."



ESPORTE CLUBE PINHEIROS

[illegible] de Germania, realizou-se uma reu-
[illegible]
nião e da comissão nomeada pela assembléa geral de 7 de fevereiro ultimo para a reforma dos estatutos sociaes, ficando approvado o projecto que deverá ser submettido á apreciação do conselho deliberativo a ser convocado com a possivel brevidade.

Ficou, todavia, decidido desde logo, a-fim-de attender á orientação decorrente das medidas determinadas pelas autoridades superiores, que a denominação do clube seja alterada para a de Esporte Clube Pinheiros, com a qual o mesmo passará a tomar parte em todas as competições esportivas, para as quaes já se achava inscripto com o nome anterior.

(O Estado de S. Paulo, n° 22248 de 17 de março de 1942; Disponível em: http://179.191.110.229/acervo_web/asp/zoom.asp?item=15049&imagem=38083&zoom=1&content=image/jpeg acesso em 07/05/2020 Primeiro temos a transcrição, depois a página inteira em tamanho diferente do original e por fim uma versão ampliada do trecho que cita o Esporte Clube Pinheiros)

Fonte B

DECRETO-LEI Nº 383, DE 18 DE ABRIL DE 1938

Veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Os estrangeiros fixados no território nacional e os que nele se acham em carater temporário não podem exercer qualquer atividade de natureza política nem imiscuir-se, direta ou indiretamente, nos negócios públicos do país.

Art. 2º É-lhes vedado especialmente:

1 - Organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos de carater político, ainda que tenham por fim exclusivo a propaganda ou difusão, entre os seus compatriotas, de idéias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem. A mesma proibição estende-se ao funcionamento de sucursais e filiais, ou de delegados, prepostos, representantes e agentes de sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos dessa natureza que tenham no estrangeiro a sua sede principal ou a sua direção.

2 - Exercer ação individual junto a compatriotas no sentido de, mediante promessa de vantagens, ou ameaça de prejuízo ou constrangimento de qualquer natureza, obter adesões a idéias ou programas de partidos políticos do país de origem.

3 - Hastear, ostentar ou usar bandeiras, flâmulas e estandartes, uniformes, distintivos, insígnias ou quaisquer símbolos de partido político estrangeiro.

Essa proibição será estendida, a critério do ministro da Justiça e Negócios Interiores, a quaisquer sinais exteriores de filiação política, ainda que não constantes de disposições legais ou estatutárias.

4 - Organizar desfiles, passeatas, comícios e reuniões de qualquer natureza, e qualquer seja o número de participantes, com os fins a que se referem os incisos ns. 1 e 2.

5 - Com o mesmo objetivo manter jornais, revistas ou outras publicações, estampar artigos e comentários na imprensa, conceder entrevistas; fazer conferências, discursos, alocuções, diretamente ou por meio de telecomunicação, empregar qualquer outra forma de publicidade e difusão.

*Parágrafo único.* Excetuam-se da proibição contida no inciso 3º as bandeiras que sejam reconhecidas como símbolos de nações estrangeiras.

Art. 3º É lícito aos estrangeiros associarem-se para fins culturais, beneficentes ou de assistência, filiarem-se a clubes e quaisquer outros estabelecimentos com o mesmo objeto, bem assim reunirem-se para comemorar suas datas nacionais ou acontecimentos de significação patriótica.

§ 1º. Não poderão tais entidades receber, a qualquer título, sub-venções, contribuições ou auxílios de governos estrangeiros, ou de entidades ou pessoas domiciliadas no exterior.

§ 2º. As reuniões autorizadas neste artigo não serão levadas a efeito sem prévio licenciamento e localização pelas autoridades policiais.

Art. 4º As proibições contidas nos artigos anteriores alcançam as escolas e outros estabelecimentos educativos mantidos por estrangeiros ou brasileiros, e por sociedades de qualquer natureza, fim, nacionalidade e domicílio.

*Parágrafo único.* Fica-lhes, contudo, ressalvado o direito ao uso de uniforme escolar e às reuniões para aulas e outros fins de ordem didática.

Art. 5º Das entidades a que se refere o art. 3º não podem no entanto fazer parte brasileiros, natos ou naturalizados, e ainda que filhos de estrangeiros.

Os que infringirem o disposto neste artigo perderão, ipso facto, os cargos públicos que possuirem e ficarão inhabilitados, pelo prazo de cinco anos, para exercer cargo dessa natureza, alem de incorrerem nas penas constantes da primeira parte do art. 10.

Art. 6º As entidades referidas nos arts. 3º e 4º não poderão funcionar sem licença especial e registo concedido pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores, na forma do decreto-lei n. 59, de 11 de dezembro de 1937, e do regulamento aprovado pelo decreto n. 2.229, de 30 de dezembro de 1937, cujas disposições lhes são aplicáveis.

Art. 7º As entidades, cujo funcionamento é proibido no art. 2º, ficam dissolvidas na data da publicação desta lei, sendo-lhes concedido o prazo de trinta dias para o encerramento de quaisquer negócios e operações.

Art. 8º O Ministro da Justiça e Negócios Interiores poderá ordenar a interdição das sedes e de todos os locais em que se exerçam as atividades que ficam vedadas por esta lei, bem como, a qualquer momento, vetar a realização de reuniões, conferências, discursos e comentários, e o emprego de qualquer meio de propaganda ou difusão, desde que os considere infringentes das disposições desta lei. Pelo mesmo motivo, poderá suspender, temporária ou definitivamente, quaisquer jornais, revistas e outras publicações, e fechar as respectivas oficinas gráficas.

*Parágrafo único.* Nos Estados e no Território do Acre, a faculdade conferida neste artigo poderá ser delegada, ainda que por via telegráfica, aos respectivos governos.

Art. 9º O Ministério da Justiça e Negócios Interiores exercerá fiscalização permanente sobre as entidades mencionadas nesta lei. Para esse fim, o Ministro de Estado designará, dentro dos quadros do Ministério, os funcionários que se fizerem necessários, podendo delegar essa atribuição, nos Estados e no Território do Acre, a funcionários indicados pelos respectivos governos.

Esses funcionários exercerão gratuitamente a fiscalização, sendo-lhes apenas abonadas diárias e ajudas de custo, fixadas pelo Ministro e a critério deste.

Art. 10. Os que infringirem as prescrições desta lei incorrerão nas penas constantes do art. 6º do decreto-lei n. 37, de 2 de dezembro de 1937, ou serão passíveis de expulsão, a juízo do governo.

*Parágrafo único.* As penalidades cominadas neste artigo aplicam-se aos diretores das sociedades, companhias, clubes e outros estabelecimentos

compreendidos nas proibições desta lei, bem como a quaisquer responsáveis pelos mesmos, seus sócios, contribuintes ou não, e empregados remunerados ou gratuitos.

Art. 11. Esta lei entrará em vigor na data em que for publicada, e o seu texto será remetido, para este fim, aos governos dos Estados e do Território do Acre; revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, em 18 de abril de 1938, 117º da Independência e 50º da República.

GETÚLIO VARGAS

Francisco Campos

Este texto não substitui o original publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 de 19/04/1938

Publicação:

- Diário Oficial da União - Seção 1 - 19/4/1938, Página 7357 (Publicação Original)
- Coleção de Leis do Brasil - 1938, Página 53 Vol. 2 (Publicação Original)

(Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-383-18-abril-1938-350781-publicacaooriginal-1-pe.html Acesso em 31/04/2020)

## 5.3 PLANO DE AULA SOBRE O RACISMO E O FUTEBOL NO BRASIL

Aula possivelmente para o nono ano do ensino fundamental relacionada ao estudo do Brasil Republicano, podendo ser mais especificamente trabalhada juntamente com o período da Primeira República. O objetivo geral desse plano de aula é inserir a temática do racismo no Brasil contemporâneo através de um elemento da vida cotidiana, o futebol, gerando a um debate sobre o tema e possivelmente ideias – por mais ingênuas e simplistas que elas possam surgir – sobre como resolver esse problema no Brasil. Os materiais parra essa aula são a reportagem sobre um caso de racismo no futebol brasileiro disponível no seguinte link: “https://www.youtube.com/watch?v=U_yzjLDFqao”[25] havendo a necessidade de internet para o acesso, cópias do documento “ Temporada de 2019 registra recorde de casos de racismo no futebol brasileiro” e “O racismo no futebol e a omissão das autoridades” disponíveis no final desse plano de aula.

O plano de Instrução para essa aula consiste em:

[25] ESPN. **Youtube**, 29 ago. 2014. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=U_yzjLDFqao >. Acesso em: 19 jul. 2020.

1. Inicie questionando os alunos perguntando a eles sobre o que ele sabem sobre discriminação racial?

2. Com base nas respostas do aluno, pergunte aos alunos: Vocês acreditam que o Brasil é um país racista?

3. Escute as respostas e para continuar a aula reproduza a reportagem sobre um caso de racismo no futebol brasileiro

4. Peça para os alunos montarem grupos

5. Entregue aos alunos as fontes sobre o racismo no futebol brasileiro em 2019 (A) e sobre o Vasco da Gama e sua ligação com a busca pela igualdade racial (B) assim como a foto da equipe vascaína de 1923 (C).

6. Peça para os alunos buscarem nos documentos casos de racismo na história recente (século XXI e no século passado (XX).

7. Questione-os sobre as semelhanças e as diferenças entre os casos.

8. Pergunte-os sobre a eficiência do combate ao racismo no Brasil, se é eficiente ou não e deixe aberto para eles debaterem e gerarem possíveis ideais para melhorarmos essa mazela.

Fonte A

Tmeporada de 2019 registra recorde de casos de racismo no futebol brasileiro, de acordo com o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, houve um crescimento de 27,2% em relação a 2018, registrando 56 ocorrências de injúria racial em 2019[26]

Apesar de 2019 ter sido o ano em que a Confederação Brasileira de Futebol, sob orientação da FIFA, implantou o Novo Código Disciplinar, dando mais poder aos árbitros na luta contra injúrias discriminatórias, a última temporada registrou o recorde de casos no futebol brasileiro nos últimos seis anos. De acordo com o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, foram 56 casos de injúria racial em 2019. Doze ocorrências a mais que em 2018, ano que detinha a pior marca até então, com 44. Um aumento de cerca de 27,2%.

Além dos 56 casos registrados no Brasil, o Observatório, que mensura a incidência de casos racistas no futebol brasileiro desde 2014, também aponta outras seis ocorrências em competições Sul-Americanas e mais 14 brasileiros em campeonatos pelo mundo. Como os casos do atacante Taison, do Shakhtar

[26] Por Camila Alves e Elton de Castro — Recife

Donestk, que sofreu ofensas racistas durante a partida contra o Dínamo Kiev, e ainda terminou expulso e punido com um jogo de suspensão por reagir. E do zagueiro Marcelo, do Lyon, quando um torcedor invadiu o campo com um cartaz, pela Champions League, mostrando a imagem de um burro pedindo para que o brasileiro deixasse o clube. Na ocasião, o capitão, Memphis Depay, arrancou o cartaz das mãos do torcedor.

Em 2019, ano em que a Fifa adota um protocolo que prevê punições às entidades em caso de atos discriminatórios, o futebol registrou casos emblemáticos de racismo pelo mundo. E passa por torcedores, jornais e até mesmo dirigentes. Nesta quinta-feira, inclusive, três torcedores foram presos por supostos ataques racistas e homofóbicos à torcida, no confronto entre Chelsea e Brighton. No Brasil, porém, não houve prisões nos casos registrados.

Na Itália, em novembro, o presidente do Brescia, clube que Balotelli defende, usou uma frase racista ao falar do jogador, após ele ter sofrido injúrias da torcida do Hellas Verona e reagir ameaçando sair de campo. Uma semana depois, Lukaku e Smalling se pronunciaram repudiando a capa do jornal Corriere dello Sport, que estampava a manchete "Black Friday", em referência ao confronto entre Inter de Milão e Roma. Até mesmo a Liga do Futebol Italiano, após essa série de episódios racistas nos estádios do país, veiculou uma campanha contra o racismo, que era racista. Cartazes com os dizeres "Não ao racismo" retratavam três macacos com rostos pintados, expostos na sede da Liga Italiana, em Milão.

(Balotelli é consolado por companheiros e adversários em Hellas Verona x Brescia depois de ser vítima de coros racistas — Foto: EFE/Simone Venezia)

Casos de racismo no futebol brasileiro

Temporada de 2019 apresentou número recorde de ocorrências, os 56 casos registrados são, inclusive, um reflexo do panorama exposto no levantamento realizado pelo GloboEsporte.com, em que 48,1% dos técnicos e atletas negros das Séries A, B e C do Brasileiro afirmaram ter sido vítimas na racismo ao longo da carreira. Ainda de acordo com o relato dos jogadores, há casos de injúrias raciais em 14 estados, espalhados pelas cinco regiões do país.

Vale lembrar que, ainda neste ano, em função dos números registrados e após a orientação do Superior Tribunal de Justiça Desportiva de punir os clubes em caso de ofensas discriminatórias, as equipes intensificaram campanhas para conscientizar os torcedores. Vasco, Bahia e Grêmio foram os primeiros. Até que, pela 34ª rodada da Série A , em parceria com a CBF, os 20 clubes entraram para os jogos com camisas estampando campanhas contra o racismo. Uma ação em homenagem ao mês da consciência negra.

A notificação do STJD sobre possíveis punições em casos de discriminação aconteceu desde a paralisação para a Copa América, entre 14 de junho a 7 de julho. E seguem para a temporada de 2020. As penas vão desde multa a perda de pontos. Para isso, a entidade utilizou como base o artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva, que diz:

Art. 243-G. Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência: (Incluído pela Resolução CNE nº 29 de 2009).

(Disponível em: https://globoesporte.globo.com/pe/futebol/noticia/temporada-de-2019-registra-recorde-de-casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro.ghtml)

Fonte B

O racismo no futebol e a omissão das autoridades

Academia Nacional de Direito Desportivo

O futebol tem a graciosa virtude de unir culturas e povos, sem distinção de credo, raça ou origem. A linguagem da bola é universal. Contudo, os recentes episódios de discriminação racial ocorridos nas partidas de futebol em território brasileiro demonstram, de forma inconteste, que o preconceito é uma chaga que envergonha o nosso país e que tem que ser erradicada de uma vez por todas.

O jornalista e historiador Laurentino Gomes, na obra 1889 , explica que o Brasil era viciado em escravidão e resistiu, enquanto pôde, às campanhas abolicionistas, sendo que em meados do século XIX, a situação chegou a tal ponto que a Inglaterra, maior potência militar e econômica daquela época, passou a dedicar ao nosso país tratamento equivalente ao reservado aos estados barbarescos do Norte da África envolvidos com a pirataria e o tráfico de escravos. Sob a mira dos canhões britânicos, os navios negreiros eram aprisionados a caminho da costa brasileira e submetidos à Corte de Justiça inglesa, que geralmente confiscava as embarcações e devolvia suas "cargas" humanas ao litoral da África.

Em 1831 foi aprovada a primeira lei brasileira de combate ao comércio negreiro, por pressão da Inglaterra. Todavia, a referida legislação "nunca pegou". Era, como se dizia na época, "uma lei para inglês ver". Mesmo com a proibição oficial, o tráfico continuou de forma intensa respaldado na leniência das autoridades constituídas.

Na obra O negro no futebol brasileiro, Mário Filho relata que no início do século XX o futebol era praticado quase que exclusivamente por clubes de engenheiros e técnicos ingleses, além de jovens da elite metropolitana que conviviam neste espaço. A base dos principais times de futebol era formada por profissionais liberais, servidores públicos, acadêmicos e bacharéis em direito que monopolizavam os campeonatos nos bairros de elite.

A Lei Áurea foi promulgada em 13 de maio de 1888, logo é compreensível que no início do século XX apenas uma elite privilegiada praticasse o esporte.

Os tradicionais clubes do Rio de Janeiro foram fundados no final do século XIX. Contudo, Sport Club Rio Grande é tido como o clube de futebol mais antigo do Brasil e foi fundado em 19 de julho de 1900.

Para se ter acesso ao Fluminense tinha que pertencer à "boa família", do contrário, certamente ficaria de fora. Alguns clubes da época demonstravam em seus próprios nomes sua inegável origem, como, por exemplo: Paissandu Cricket Club, The Bangu Athletic Club e o Rio Cricket and Athletic Association., sendo que este último era fechado para ingleses e filhos destes. Já o Bangu, apesar de ser de ingleses admitia negros em seu elenco, que eram os operários da fábrica e os colocava em pé de igualdade com os mestres ingleses, o que não acontecia com Botafogo e Fluminense. (MARIO FILHO, 2003 – P. 29).

A quebra deste paradigma ocorreu somente em 1923 com a vitória do Vasco da Gama que era um clube de origem popular e que abriu novas oportunidades para

a nobre prática desportiva, valendo destacar a constatação feita pelo cronista Mário Filho: “Os clubes finos, de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um multirracial era o campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor”.

A triunfal conquista do Vasco da Gama em 1923 e o bicampeonato estadual no ano seguinte incomodaram os outros clubes cariocas, afinal, como poderia um time formado por jogadores negros, pobres e oriundos da periferia ter tanto sucesso dentro das quatro linhas?

Inicialmente tentaram excluir os jogadores que não pudessem assinar a súmula, em seguida, os clubes de elite se desligaram da Liga organizadora do campeonato e fundaram a Associação Metropolitana de Esportes Amadores (AMEA). Ao Vasco foi negado o acesso à referida associação, sob a falsa alegação do clube não ter um estádio próprio, porém, o real motivo da negativa veio à tona quando foi apresentada uma proposta indecorosa, na qual o Vasco da Gama seria admitido na AMEA desde que eliminasse do time 12 jogadores, mais explicitamente os negros, pardos, caixeiros e operários.

Diante da proposta racista e preconceituosa, o clube cruzmaltino não se intimidou e apresentou a seguinte resposta:

*“Estamos certos de que V.Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno de nossa parte sacrificar, ao desejo de filiar-se à Amea, alguns dos que lutaram para que tivéssemos, entre outras vitórias, a do campeonato de futebol da cidade do Rio de Janeiro de 1923. São 12 jogadores jovens, quase todos brasileiros, no começo de suas carreiras. Um ato público que os maculasse nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que eles com tanta galhardia cobriram de glórias. Nestes termos, sentimos ter que informar à V.Exa. que desistimos de fazer parte da Amea.”*

Esta pode ser considerada a “Lei Áurea” do futebol brasileiro, pois, em 1925, o Vasco foi admitido na AMEA, com dignidade.

Independentemente de raça, credo ou cor os gênios da bola foram os responsáveis pelo fascínio do público em admirar a arte dentro dos gramados.

Muitos craques tiveram este importante papel, apesar de um número extremamente reduzido destes é que grava seu nome no mural da história.

Arthur Friedenreich foi o primeiro jogador brasileiro a ter sua popularidade reconhecida ao ser carregado, em triunfo, na vitória do campeonato Sul-Americano de 1919. Sua chuteira ficou exposta na vitrine de uma joalheria no centro do Rio de Janeiro.

Este jogador traduz o significado da raça brasileira. Foi contemporâneo de Charles Miller e sua infância se deu em um período em que o futebol era praticado pela elite nacional, composta também de filho de imigrantes, que praticavam este esporte no São Paulo Athletic Club, no Germânia e no Mackenzie College. Nesse círculo infelizmente não havia espaço para negros e pobres, daí a importância de Friedenreich que ajudou a iniciar o processo de integração racial e cultural entre os povos. Nascido no bairro da Luz, em São Paulo, era filho de um alemão e uma empregada doméstica de pele escura, era mulato de olhos claros e estudou nos melhores colégios de São Paulo.

A primeira regulamentação frente ao preconceito racial somente se deu em 03 de julho de 1951, data da promulgação da Lei n.º 1.390/51, conhecida como Lei Afonso Arinos, em razão de ter sido proposta pelo jurista mineiro Afonso Arinos de Melo Franco.

O mencionado diploma legal é de grande importância histórica, na medida em que propunha evitar a discriminação racial em território brasileiro. Entretanto, as condutas tipificadas na referida legislação não se configuravam crime, mas apenas em contravenções penais, com penas muito brandas.

Foi apenas no ano do centenário da Lei Áurea que o combate mais eficaz contra a discriminação racial ganhou força, tendo em vista a redação do artigo 5º XLII da Constituição da República Federativa do Brasil, que passou a prever que a prática de racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei.

A lei em questão foi editada no ano seguinte à promulgação da Constituição Federal (Lei n.º 7.716/89), tendo sido parcialmente alterada pela Lei n.º 9.459/97, dispondo acerca da punição para os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

O crime de racismo é definido pela doutrina como sendo aquele em que o agente impede o exercício de qualquer direito líquido e certo em razão de um preconceito baseado em etnia, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Já o crime de injúria racial (que não se confunde com o crime de racismo), está tipificado no artigo 140, § 3º do Código Penal, que ocorre quando o agente se utiliza da etnia, cor, religião, origem, ou pessoa portadora de deficiência para ofender a honra subjetiva da vítima.

## Discriminação racial contemporânea

É absolutamente incompreensível que, em pleno século XXI, atitudes irracionais sejam manifestadas por certos torcedores de determinados clubes. O racismo é um ato criminoso e tem que ser punido da forma mais severa possível.

O jogador Arouca do Santos foi chamado de “macaco” por um grupo de selvagens, travestidos de torcedores, enquanto dava entrevistas ao final do jogo do Santos contra o Mogi Morim em partida válida pelo Campeonato Paulista, justamente no jogo em que marcara um verdadeiro gol de placa e feliz estava em razão de sua brilhante atuação.

Poucos dias antes desse episódio, durante a partida disputada entre o Veranópolis e o Esportivo durante o Campeonato Gaúcho, o árbitro Márcio Chagas da Silva foi xingado por um grupo de marginais que, de forma irracional, ainda tiveram a ousadia de riscar o seu carro e colocar duas bananas em cima do veículo, a demonstrar a agressão ao íntimo da pessoa.

No final do mês de agosto de 2014, o goleiro Aranha, do Santos, foi covardemente ofendido por torcedores do Grêmio que, aos gritos, o chamavam de “macaco”, a demonstrar que a ausência de punições exemplares e pedagógicas incentivam a reiteração desta prática criminosa.

Paralelamente à questão desportiva, há a questão criminal envolvida, na medida em que o ofendido, no caso o arqueiro do Santos, apresentou queixa, sendo que no final do mês de outubro de 2014 o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJ-RS) aceitou a denúncia ofertada pelo Ministério Público contra os quatro torcedores que foram indiciados pela Polícia Civil por injúrias raciais contra o goleiro.

Além disso, o juiz que recebeu a denúncia aplicou medida cautelar de proibição de ida aos estádios aos acusados.

O Código Brasileiro de Justiça Desportiva prevê penas duras para esta prática criminosa, inclusive com a exclusão do clube do torneio. A exclusão do time envolvido, daquele campeonato, pode parecer uma pena injusta e desproporcional, pois, afinal, foi apenas um grupo de indivíduos (não evoluídos) que cometeu o ato. Nada obstante, a partir do momento em que você pune a agremiação em razão do

ato criminoso praticado por determinado grupo, possivelmente não haverá reincidência, pois os dirigentes terão cuidados redobrados no tocante a fiscalização de seus torcedores.
Portanto, cabem aos operadores do direito desportivo a coragem de aplicar a pena prevista no item XI do art. 170 do CBJD e não serem omissos e coniventes com atitudes criminosas e que, portanto, devem ser banidas do futebol brasileiro.

Desta forma, a decisão do STJD do futebol, que no caso envolvendo o Goleiro Aranha, do Santos, que mediante decisão de sua Comissão Disciplinar excluiu o Grêmio da Copa do Brasil, tocou em ponto nevrálgico e que há muito precisava ser enfrentado.

Todavia, mesmo entendimento não foi teve o Pleno daquele Tribunal, que apenas determinou a perda de pontos, porém não eliminou o clube pela atitude de seus torcedores, conforme ementa reproduzida abaixo. Verbis:

SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA DESPORTIVA DO FUTEBOL
Tribunal Pleno
Recurso n.º 211/2014
Origem: Terceira Comissão Disciplinar do STJD
Relator: Paulo Cesar Salomão Filho

RECURSO – PROCESSO SUMÁRIO – INFRAÇÃO DO CLUBE RECORRENTE AO ART. 243-G, CAPUT, §§ 2º e 3º, DO CBJD – OFENSAS RACISTAS DIRECIONADAS AO GOLEIRO DA EQUIPE ADVERSÁRIA PRATICADA POR NÚMERO CONSIDERÁVEL DE TORCEDORES DO CLUBE RECORRENTE – CASO DE EXTREMA GRAVIDADE E NOTÓRIA REPERCUSSÃO – APLICAÇÃO DA NORMA CONTIDA NO §3º DO ART. 243-G- REFORMA PARCIAL DO JULGADO PARA CONVERTER A PENA DE EXCLUSÃO DA COMPETIÇÃO PARA A PERDA DE PONTOS (PRECEDENTES DESTA CORTE DESPORTIVA) – INFRAÇÃO AOS ARTS. 191, INC. III E 213, INC.III, DO CBJD – INFRAÇÕES DESCRITAS NA SÚMULA – PENA PECUNIÁRIA APLICADA RESPEITANDO OS PRINCÍPIOS DA PROPORCIONALIDADE E DA RAZOABILIDADE – INFRAÇÃO DO ÁRBITRO E AUXILIARES – OMISSÃO DOS OFICIAIS NO PREENCHIMENTO DA SÚMULA – INFRAÇÃO AO ART. 266 DO CBJD C/C 261-A DO MESMO DIPLOMA LEGAL – CONCURSO FORMAL DE INFRAÇÕES – APLICAÇÃO DA REGRA CONTIDA NO ART. 183 DO CBJD – PARCIAL PROVIMENTO AOS RECURSOS DO CLUBE RECORRENTE E DOS ÁRBITROS.

Nada obstante a parcial reforma da decisão, nota-se uma tentativa, ainda que tímida, de se coibir tais prática criminosas do futebol brasileiro, cabendo destacar trecho da decisão proferida no processo em referência, no sentido de que “a justiça desportiva não pode ser complacente com injúrias discriminatórias, sendo de extrema urgência e necessidade a tentativa de cessar este tipo de comportamento, devendo-se, aqui, novamente aplicar as severas penalidades outrora aplicadas,

desta vez, com repercussão ainda maior em âmbito nacional, esperando agora que as abomináveis condutas não ocorram mais.”

A batalha contra a discriminação racial é tarefa árdua e os casos de racismo que são noticiados causam perplexidade, porém, ainda são poucos aqueles cidadãos que têm coragem para enfrentar e mudar esta realidade.

O Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial é comemorado em 21 de março. A data escolhida foi em razão do massacre praticado pela polícia do Apartheid que deixou 69 negros mortos na cidade de Sharpeville na África do Sul.

É claro que houve avanços, porém, são poucos os motivos para se comemorar, cabendo a cada indivíduo a conscientização no intuito de se erradicar de vez essa chaga que é o preconceito racial[27].

(Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/textos/visao-juridica/o-racismo-no-futebol-e-a-omissao-das-autoridades/)

Fonte C

(Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/05/deportes/1554498170_792322.html)

## 5.4 ANÁLISE DAS FONTES UTILIZADAS NOS PANOS DE AULA SUGERIDOS

[27] Texto por MAURICIO DE FIGUEIREDO CORRÊA DA VEIGA, advogado, pós-graduado em Direito e Processo do Trabalho pela UCAM-RJ, membro do IAB; presidente da Comissão de Direito Desportivo da OAB-DF, membro da Academia Nacional de Direito Desportivo (ANDD), membro do IBDD, procurador-geral do STJD da CBTARCO, membro da Escola Superior da Advocacia da AATDF e sócio do Escritório Corrêa da Veiga Advogados.
Fonte: Revista Visão Jurídica

Para trabalharmos a história do futebol e seus usos para ensinar História o uso dos periódicos é a proposta mais viável, visto que a repercussão desse esporte foi grande em veículos de comunicação como jornais e revistas impressas.

Para Tania Regina de Luca (2005, p.111), na década de 1970 ainda era pequena a produção histórica que utilizava periódicos, embora já se pronunciava a necessidade de uma "história da imprensa".

Evidentemente o rádio e a televisão se tornaram grandes fontes de acesso a documentos sobre o futebol e atualmente com o advento da internet chegamos aos textos jornalísticos anteriormente impressos e hoje publicados digitalmente, que segundo Marcos Napolitano (2005, p.264), também se torna um grande arquivo, apesar de se necessitar cuidados com relação a real origem das informações ali postadas, mas nada que impeça seu uso, visto que, como sabemos, as fontes escritas também podem conter informações sem fundamentos ou referências.

Para a elaboração de planos de aula para uso do tema futebol para o ensino de história utilizaremos fontes oriundas de periódicos impressos como jornais, assim como textos jornalísticos já publicados de forma digital, fotografias publicadas também através da internet e documentos audiovisuais como uma matéria jornalística produzida por um veículo da imprensa esportiva e disponível na plataforma "youtube". Tais escolhas pra uso se dão devido a minhas possibilidades reais e práticas para a pesquisa, nada impede o uso de documentos ligados ao futebol oriundos da televisão, do rádio ou ainda fontes materiais como chuteiras ou uniformes de clubes e/ou seleções.

No plano de aula sobre "diversidade sexual e futebol no Brasil" utilizamos como fonte um texto jornalístico publicado virtualmente pelo periódico "El País[28]no dia 10 de abril de 2017. O texto levanta informações sobre a "Coligay", uma torcida que surgiu há exatos 40 anos em relação à data da publicação do documento em questão. Ao longo do texto o autor da matéria, o jornalista esportivo Breiller Pires, descreve que em pleno período da ditadura militar no Brasil houve essa incomum iniciativa de reunir torcedores assumidamente gays na arquibancada do Estádio Olímpico de Porto Alegre para apoiar o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. A torcida foi organizada por Volmar Santos que desejava levar mais alegria ao estádio que ele considerava pouco barulhento, com o tempo o grupo sofreu preconceito de diversas alas gremistas levando Volmar a financiar aulas de Artes Marciais para os membros da torcida se defenderem de possíveis ataques. A boa fase do clube nas

[28] *El País* é um jornal diário espanhol fundado em 1976.

temporadas após o surgimento da torcida criaram a mística de que os "coliboys" davam sorte ao clube, vieram títulos estaduais, nacionais e internacionais. A torcida se desfez por volta de 1983 quando Volmar voltou a residir em sua terra natal, o próprio Volmar tem uma frase citada ao fim do texto em que diz que "nos dias de hoje, parece ser ainda mais difícil que naquela época" ao analisar a possibilidade de torcidas assumidamente homossexuais frequentarem estádios.

Esta fonte apresenta algumas fotografias da "Coligay", as duas primeiras foram retiradas da capa e da quarta capa do livro "Coligay, tricolor de todas as cores" escrito por Léo Gerchmann. A primeira imagem (p.74) apresenta os membros da torcida vibrando no anel inferior do antigo Estádio Olímpico vestidos com túnicas nas cores do Grêmio, roupas essas que seriam as principais formas de identificação dos membros da torcida em relação aos demais torcedores. Bandeiras e papel picado também se fazem presente na imagem e ao fundo se vê as obras de ampliação do estádio. Na segunda imagem (p.77) há dois membros da torcida em primeiro plano enquanto outros membros aparecem ao fundo assim como uma faixa da torcida, o local é o mesmo Estádio Olímpico, então casa do Grêmio. Essas duas imagens são do período original da torcida no final da década de 1970, provavelmente sob o intuito de recordação para os membros da torcida. A terceira fotografia (p.78) é mais recente, mais especificamente de 11 de abril de 2017, em partida válida pela Libertadores da América e foi feita por membros do site "ducker.com.br"[29], uma página especializada em fotografar e filmar os jogos do Grêmio. A fotografia retrata membros da torcida "Tribuna 77[30]", uma torcida organizada do grêmio com ideologia antifascista que estendeu uma faixa em homenagem aos então 40 anos da Coligay.

No plano de aula sobre "futebol brasileiro e o Brasil na Segunda Guerra Mundial" apresentamos duas fontes, a primeiro intitulado "documento A" é um excerto do jornal "O Estado de S. Paulo", tradicional periódico paulista, publicado no dia 17 de março de 1942 sob o n°22248, que entre diversas notícias traz uma breve nota em que cita a mudança de nome do *Sport Club Germânia* para *Esporte Clube Pinheiros* devido há aquilo que a nota chamou de orientação de autoridades superiores, ou seja, uma imposição do governo brasileiro para que não houvessem equipes que tivessem relações, mesmo que nominais aos países do Eixo. O texto de

[29] Postagem original da fotografia na página "ducker" https://www.ducker.com.br/sitio/wp-content/uploads/2017/06/11.jpg Acesso em 19 de julho de 2020

[30] Para maiores informações sobre a Tribuna 77: https://www.ufrgs.br/humanista/2018/12/06/futebol-contra-a-opressao-a-afirmacao-das-torcidas-antifascistas-nas-arquibancadas-do-rs/ e https://medium.com/betaredacao/tribuna-77-uma-torcida-antifascista-9069b9960c1a

caráter informativo não é assinado por nenhum jornalista específico. O Germânia, agora Pinheiros, foi um dos mais importantes e tradicionais clubes do início da história do futebol Paulista, tendo se sagrado campeão paulista em 1906 e 1915, além de ter contado com estrelas do período como Hermann Friese e Arthur Friedenreich, alguns dos maiores atletas do início do futebol brasileiro, fatos esses narrados na Biografia de "Fried" escrita por Luiz Duarte (2012).

Há que se ressaltar que tal mudança de nome tem relação direta com a fonte que denominamos de "fonte B", trata-se de público um decreto de lei publicado em Diário Oficial da União (DOU), no dia 18 de abril de 1938, período em que vigorava no Brasil o Estado Novo e no mundo crescia o nazi-fascismo assim como a xenofobia, racismo e nacionalismo exacerbado. O documento vedava aos estrangeiros diversas atividades no Brasil, entre elas há de organização criação ou manutenção de clubes. A lei não é clara em relação a clubes meramente esportivos, foca na questão política, porém, a interpretação deste documento ao longo dos anos posteriores foram recebendo outros olhares, principalmente após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos denominados Aliados[31] - mesmo após ter flertado com os países do Eixo - deu um significado mais amplo a ele e fez com que diversas agremiações alterassem seus nomes, escudos e por vezes cores, além do Germânia também houve alterações na nomenclatura do Palestra Itália-SP que virou Palmeiras, do Palestra Itália-MG que virou Ypiranga e depois Cruzeiro (Franco Jr, 2007, p.84) do Palestra Itália-PR que virou Paranaense, posteriormente Comercial e por fim Palmeiras, mas em 1950 retornou ao nome original[32] e do Savóia-PR que passou a se chamar Avaí, depois Brasil e por fim Água Verde[33].

O plano de aula sobre "racismo e futebol no Brasil" apresentamos três fontes de diferentes categorias. A primeira é uma matéria jornalística do portal "globoesporte.com" que reúne um grande número de sites jornalístico ligados às Organizações Globo. O texto é assinado por Camila Alves e Elton de Castro, dois jornalistas esportivos de Pernambuco. Ao longo do texto que recebe o título de "Temporada de 2019 registra recorde de casos de racismo no futebol brasileiro" eles descrevem que apesar das mudanças no código disciplinar da FIFA, o Brasil teve um ano recorde em número de casos de racismo. O texto cita casos europeus de racismo e de como a CBF faz campanhas em parceria com alguns clubes contra o racismo e quais as punições cabíveis de acordo com o Superior Tribunal de Justiça

[31] Os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e os **Aliados** (França, Inglaterra, EUA e, posteriormente, URSS) constituíram as alianças formadas na **Segunda Guerra Mundial (1939-1945).**
[32] http://www.doricoaopobre.com.br/2013/09/sou-paletra-italia-nem-que-morra.html
[33] https://www.tribunapr.com.br/arquivo/lendas-vivas/savoia-o-time-camaleao-do-futebol-paranaense/

Desportiva (STJD). Em meio a esse texto há uma fotografia que originalmente foi feita por um fotógrafo profissional – Simone Venezia – da agência de notícias espanhola "EFE", percebe-se na imagem que o futebolista Balotelli é consolado por companheiros do seu clube, o Brescia assim como por adversários do Hellas Verona, no fundo da imagem aparecem apenas às placas de publicidade e parte das faixas da torcida do Hellas, que foi a responsável pelos atos racistas em partida válida pelo campeonato italiano Série A 2019/2020 no dia 03 de novembro de 2019 [34]. A fonte "B" desta proposta é um artigo do advogado Maurício de Figueiredo Côrrea da Veiga sobre a omissão das autoridades sobre o racismo. Este texto está disponível na plataforma virtual "observatório da discriminação racial do futebol" que reúne artigos, entrevistas e legislação sobre a temática. Ao longo do artigo o autor fala brevemente sobre o fim da escravidão no Brasil e de como os negros e mulatos eram excluídos dos clubes de futebol elitistas no final do século XIX e início do Século XX, o advogado apresenta um exemplo em que o Fluminense como representante da elite carioca não aceitava atletas negros, porém, clubes de origens mais humildes passam a contar com tais atletas em seus elencos e da detalhes da conquista do Clube de Regatas Vasco da Gama que com jogadores negros e mulatos se tornou campeã Carioca de 1923 e causou uma grande discussão racial entre os clubes sobre a validade do uso desses atletas, chegando a tentarem excluir de diversas formas a participação do Vasco nas competições posteriores. O autor também traz a legislação sobre racismo e seu histórico no Brasil assim como um exemplo de jurisprudência desse ato no futebol. A fonte "C" é uma fotografia da equipe vascaína campeã carioca de 1923, é de autoria desconhecida e faz parte do site oficial do clube carioca, na imagem fica clara a presença dos atletas negros e mulatos citados na fonte "B", além das camisas negras que deram o apelido desse esquadrão de 1923. As camisas tinham golas brancas e uma cruz vermelha no peito semelhante à da Ordem de Cristo, na imagem estão os titulares da equipe na conquista, Nélson, Leitão e Mingote; Nicolino, Claudionor e Artur; Paschoal, Torterolli, Arlindo, Cecy e Negrito. O local da imagem é curioso, pois não deixa claro onde ela ocorreu, talvez no Campo do Ferrer, local do último jogo da equipe no campeonato de 1923, local que era usado pelo Bangu para realizar suas partidas.

[34] https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-italiano/noticia/balotelli-encara-racismo-da-torcida-do-hellas-verona-ameaca-sair-de-campo-e-jogo-e-interrompido.ghtml

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas considerações finais buscam destacar, com efeito de síntese, os elementos presentes nessa dissertação que contribuíram para a resolução das problemáticas que conduziram este trabalho.

O Brasil tem o futebol como um elemento dos mais relevantes quando tratamos de cultura nacional, pois baseado em Williams (1965) citado no início dessa dissertação cultura é, dentre outras coisas, um “modo de vida” referindo-se a estilos de vida particulares de forma que a análise da cultura elucida significados e valores implícitos ou não e desse modo classificar o futebol como um elemento dos mais significativos da cultura brasileira fica evidente, pois por mais que não sejam todos os brasileiros que pratiquem ou acompanhem eventos futebolísticos ele é o esporte mais popular do país e é um dos elementos que identificam genericamente o que é “ser brasileiro”.

Ao passarmos pela História do futebol no Brasil podemos perceber como esse esporte chegou ao país e como se desenvolveu a ponto de atrair grandes massas a partir do início do século XX além de ter nesse período uma multiplicação de clubes, entre eles diversos time operários ou populares diferindo do elitismo que marcava o esporte em seus anos iniciais. Popular, o futebol passou a ser utilizado politicamente para glorificar projetos de governos e seus gestores em determinados momentos, o governo Vargas e o governo Médici são exemplos de governos que de diferentes formas utilizaram o futebol de forma política.

. Também é perceptível como o futebol enquanto elemento central da cultura brasileira a partir do século XX reflete diversos aspectos de nosso país, podemos citar as questões raciais como no caso da tentativa de proibição da utilização de atletas negros, questões de classe como no caso da formação de times operários para duelarem contra equipes da elite social, questões regionais como o bairrismo da torcida do Grêmio Porto Alegrense dentre outras questões mais como a sexual, de gênero, questões políticas diversas, dentre outras. De certa forma o futebol reflete o que a sociedade esta vivenciando, afinal faz parte dela, logo se imigrante chegam em massa clubes da comunidade imigrante surgem, se a sociedade clama por democracia futebolistas podem se tornarem agentes mobilizadores de massas como ocorreu no caso da democracia corinthiana, ou seja, o futebol pode ser usado como ponto de partida para estudos sobre a História.

Em nossa busca por fontes ligadas ao futebol em livros didáticos oferecidos pelo governo através do PNLD em formato temático houve uma resposta positiva, há

futebol em alguns deles, sendo a coleção “Historiar” a única analisada a não fazer nenhuma referência a esse esporte. No caso da coleção “Velear” há uma única imagem na nona página da obra destinada ao sexto ano, o que apesar do uso adequado da fonte ainda assim é um caso isolado na coleção, algo similar ocorre com a coleção “Link no tempo”, na obra destinada a então quinta série se faz presente uma única imagem de uma partida de futebol, mas diferente do “Velear” o uso é apenas ilustrativo. A coleção “O jogo da História” é a que mais apresenta fontes relacionadas ao futebol, mas por uma escolha dos autores essas fontes se concentram na obra destinada a quinta série enquanto as demais não fazem menção ao futebol. Vale ressaltar que essa coleção se faz em torno de temas gerais para cada um de seus livros sendo o futebol o escolhido para a obra da quinta série, porém, fazendo uma média de usos de fontes do futebol através do número total de fontes dividido pelo número de obras da coleção há uma boa quantidade, principalmente se comparado com as demais coleções analisadas. Também ressaltamos que o uso das fontes ao longo desta obra é diverso como mostrou o quadro 2 da página 73 e as categorizações realizadas por nós nas paginas que o antecederam, nem todas são utilizadas como fontes de forma adequada, a maioria está ali para ilustrar enquanto muitas outras são de  pequeno uso ficando uma menor parte para um uso real em atividades e interações que possam levar os alunos a reflexões mais elevadas. Por fim, sobre a coleção “O jogo da História”, infelizmente por motivos não pesquisados por nós por não se enquadrar em nossa pesquisa ela não teve continuidade, pelo menos não no formato temático e com os mesmos autores, há sim coleções didáticas que dois dos autores são os mesmo – Flávio de Campos e Lídia Claro – e que possui parte do título sendo “O jogo da História”, porém não se enquadram no formato temático e não foram avaliadas por esse trabalho.

Desse modo, o uso de fontes ligadas ao futebol ainda é muito restrito em obras didáticas de formato temático e ao serem utilizadas podem ser mais bem trabalhadas não se restringindo a ilustrações ou uso superficiais, mas sim de forma que os alunos possam analisar essas fontes e construir conhecimento a partir dessas análises. Mesmo nos casos por nós definidos como mais adequados presentes apenas na obra destinada a quinta série da coleção “O jogo da História” as propostas em sua maioria não propõe o uso da fonte como base para outras pesquisas ou maiores reflexões sobre o assunto proposto para estudo, em geral a atividade requer “apenas” interpretação de texto para a resolução.

Acreditamos também que as criticas sobre as produções didáticas analisadas se dão como forma de contribuição para o desenvolvimento do ensino de História o país e não como depreciação de tais coleções, afinal elas estava dentro dos parâmetros exigidos pelos editais do PNLD de seus respectivos anos e a maioria delas foi publicada enquanto o estudo mais profundo do futebol nos cursos de História estava em crescimento e desenvolvimento e evidentemente leva-se algum tempo até que as produções acadêmicas sejam absorvidas pelos educadores. Registro aqui o mérito da coleção “O jogo da História” que, apesar de nossas criticas, foi ousada ao se dar no formato temático e foi corajosa propondo temáticas centrais a cada uma de suas obras – futebol, capoeira, olimpíadas e teatro - e sendo a pioneira no uso de fontes ligadas ao futebol.

Por fim, como resultado de um curso de mestrado profissional essa dissertação trouxe um “produto”, foram dadas três propostas de planos de aulas que fazem usos de fontes ligadas ao futebol, mas diferentemente do que encontramos nas obras didáticas já existentes buscamos ir além, pensando no modelo de aula-oficina apresentamos propostas que utilizem as fontes de forma central no processo de ensino aprendizagem e não de forma ilustrativa ou complementar, também não fizemos usos de uma infinidade de perguntas, mas sim de pequenas introduções realizadas pelo professor e um maior tempo para que os alunos interpretem as fontes e a partir delas possam construir conhecimentos para novas investigações buscando reflexões sobre determinados temas da História e seus legados para a nossa sociedade.

Sobre as fontes por nós escolhidas, são jornais, artigos jornalísticos publicados virtualmente, vídeos, imagens e produções acadêmicos, mas essas escolhas em particular se deram devido aos temas centrais das aulas, com temas diferentes outras tipos de fontes ligadas ao futebol também poderiam virem a ser utilizados, acreditamos que partindo do aqui proposto outros planos podem surgir na mente dos mais diversos professores, é possível com algum conhecimento prévio de moda relacionar os uniformes e chuteiras dos jogadores do início do século XX com o que era usado nas fábricas e nos colégios da alta sociedade, é possível com algum conhecimento de heráldica relacionar cores e símbolos nacionais ou regionais a cores e distintivos de clubes e seleções de futebol, é possível usar o futebol como ponto de partida para a discussão sobre questões políticas e territoriais nos casos da Catalunha, do País Basco e da Escócia levando o histórico dos times locais como base. Para conteúdos anteriores ao surgimento do futebol é evidente que as

possibilidades diminuem, mas não se encerram, pois há indícios de jogos que deram origem ao futebol moderno na China antiga, na Idade Média Europeia e na civilização moderna ocidental e até entre os Astecas havia algo similar ao futebol[35]. Por questões metodológicas e de tempo não foi possível adentrarmos em todas essas múltiplas possibilidades, mas abre-se aqui novas perspectivas de investigações para pesquisadores e pesquisadoras sobre o tema.

[35] https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-jogo-da-morte-asteca-historia.phtml

## REFERÊNCIAS


ALFONSI, Daniela; CAMPOS, Flávio De (Orgs). **Futebol objeto das ciências humanas.** São Paulo: Leya, 2014.

BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação.** In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos PNLD 2008**: História. Brasília: MEC, 2007.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **ParâmetrosCurriculares Nacionais – Ensino Médio**. Brasília. 1999.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC, 1997, p.31 disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf

_____. **Parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC, 1998, p. 7 disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf).

BITTENCOURT, M. **Ensino de História fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004

CAIMI, Flávia Eloisa. **Fontes históricas na sala de aula:** uma possibilidade de produção do conhecimento histórico escolar? Anos 90, Porto Alegre, v.15, nº 28, p. 129-150, dez.2008. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/7963/4751. Acesso em: 22/03/2019.

_____. **História convencional, integrada, temática: uma opção necessária ou um falso debate?** ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009 (A). Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.0301.pdf Acesso em 19/08/2019.

_____. **História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende?** In: ROCHA, H.; MAGALHÊS, M.; GONTIJO, R. A escrita da história escolar. Memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009 (B). p. 65-80.

CAMPOS, Flávio de; AGUILAR, lídia; CLARO, Regina; MIRANDA; renan Garcia.

**O jogo da História.**(Coleção Completa, 5°, 6°, 7° e 8° séries) São Paulo: Moderna, 2005.

CARDOSO, F. G. **História do Futebol Paranaense***.* Curitiba: Grafipar, 1978.

CARRANO, P. C. R. (Org.). **Futebol paixão e política.** Rio de Janeiro: DB&A, 2000

CAPRARO, A.M. **FOOTBALL, UMA PRÁTICA ELITISTA E CIVILIZADORA – investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX**. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2000.

_____. A.M**. Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica EsportivaBrasileira do Século XX.** Tese (Doutorado em História). Curitiba: UFPR, 2008.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHAMINÉ, Maria Helena Aldinhas. **O ensino da História através das Artes.** (Dissertação de mestrado em ensino de História) Porto/Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/106832/2/207661.pdf Acesso em 25/04/2018.

CHAVES, Edilson Aparecido. **A música caipira em aulas de História: questões e possibilidades.** Dissertação (Mestrado em Educação), Curitiba: UFPR, 2006.

CONCEIÇÃO, Maria Telvira da. **Um novo lugar para o conhecimento histórico: configurações, acenos e possibilidades para uma nova prática de ensino de História nas séries iniciais.** In: VI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História,2007, Natal/RN. Anais Eletrônicos do VI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História. Natal / RN : EDUFRN, 2007.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro , n. 23, p. 36-61, Ago. 2003 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 de maio de 2019.

DAMATTA, Roberto. **O que faz do brasil, Brasil?** Rio De Janeio: Rocco, 1986.

DE LUCA, Tania Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

DUARTE, Luiz Carlos. **Friedenreich:** A saga de um craque nos primeiros tempos do futebol brasileiro. São Caetano Do Sul: Casa Maior, 2012.

DUNNING, E; ELIAS,N.**El fenômeno Deportivo: estudos sociológico sem torno al deporte, la violência y lacivilizacion.** Barcelona: PAIDOTRIBO, 2003.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** São Paulo: Unesp, 2005.

ELIAS, Norbert. **Processo Civilizador 1v.** Rio de Janeiro: Zahar,1997.

_____. **Processo Civilizador 2v.** Rio de Janeiro: Zahar,1997.

ELIOT, Thomas Stearns. **Notas para a definição de cultura.** São Paulo: 1988.

FRANCO JR, H. Entrevista concedida a Adriano Schwartz**. Folha de São Paulo.** Caderno +mais. São Paulo, 12 de agosto de 2007.

_____. **A Dança dos Deuses.** São Paulo: Cia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala.** São Paulo: Global, 2006.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo:** Um olhar inesperado sobre a globalização. Rio De Janeiro: Zahar, 2006.

FONSECA, S. G. **Caminhos da História ensinada**. Campinas: Papirus, 1994.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra.** Porto Alegre: LePM, 2013.

GARCIA, T. M. F. B; CHAVES, E. A; GARCIA, C. H. **Jovens do ensino médio e tecnologias: uma experiência de produção colaborativa de materiais didáticos digitais**. Revista Latinoamericana de tecnologia educativa, v. 16, p. 111-126, 2017.

GUTERMAN, M. **O Futebol explica o Brasil – Umas história da maior expressão popular do país.** São Paulo: Contexto, 2014.

HALL, Stuart. **Da Diáspora:** Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HORNBY, Nick. **Febre de Bola.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KARNAL, L.(org.) **História em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2010.

LYRA FILHO, João. **Cachimbo, pijama e chinelos:** memória. São Paulo: Edaglit, 1963.

LOBATO, Monteiro. **A onda verde.** Rio De Janeiro: Globo, 2008.

MACHADO, H; CHRESTENZEN, L. M. **Futebol Paraná História**. Curitiba: Grafipar, 2005.

MARINO, Denise de Mattos; STAMPACCHIO, Léo. **Série Link no tempo:** História. (Coleção Completa, 5°, 6°, 7° e 8° séries). São Paulo: Escala Educacional, 2005.

_____. **Série Link no tempo:** História. (Coleção Completa, 5°, 6°, 7° e 8° anos). São Paulo: Escala Educacional, 2008.

_____. **Link História.** (Coleção Completa, 5°, 6°, 7° e 8° anos). São Paulo: IBEP, 2014.

MONTELLATO, Andrea Rogrigues Dias; CABRINI, Conceição; CATELLI JÚNIOR, Roberto. **História Temática.** (Coleção Completa, 5°, 6°, 7° e 8° séries) São Paulo: Scipione, 2002.

_____. **História Temática.** (Coleção Completa, 5°, 6°, 7° e 8° séries) São Paulo: Scipione, 2005.

_____. **História Temática.** (Coleção Completa, 5°, 6°, 7° e 8° anos) São Paulo: Scipione, 2008.

_____. **História Temática.** (Coleção Completa, 6°, 7°, 8° e 9° anos) São Paulo: Scipione, 2011.

_____. **Projeto Velear.** (Coleção Completa, 6°, 7°, 8° e 9° anos) São Paulo: Scipione, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **A história depois do papel.** In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005.

NIKITIUK, Sônia M. Leite. (org.). **Repensando o ensino de história**. São Paulo: Ed. Cortez. 1996.

PEREIRA, Nilton Mullet; FRAGA, Gabriel Torelly. **Vestígios do passado:** documento e ensino de História. Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos

Pesquisadores do Ensino de História, 18, 19 e 20 de abril de 2011- Florianópolis/ SC.

RIBAS, Lycio Vellozo. **O livro de Ouro Das Copas.** Barueri - SP: Faro Editorial, 2018.

ROCHA, E. A. C. **A pesquisa em educação infantil no Brasil:** trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia. Florianópolis: UFSC: Centro de Ciências da Educação: Núcleo de Publicações, 1996.

SILVA , Maria da Luz. **Ensino de História, pintura e literatura:** o cotidiano dos escravos no Brasil do século XIX. In: VI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, 2007, Natal- RN. VI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História. Natal -RN : EDUFRN, 2007. v. 1. p. 1-12.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

_____. Historiar: Fazendo, contando e narrando história. (Coleção Completa, 5°, 6°, 7° e 8° séries). São Paulo: Scipione, 2005.

_____. Historiar: Fazendo, contando e narrando história. (Coleção Completa 6°, 7° e 8° e 9° anos). São Paulo: Scipione, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil, uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

UNZELTE, Celso. **O Livro de Ouro do Futebol**. Rio De Janeiro: Editora Ediouro, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2000.

_____.**Cultura e Sociedade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Palavras chave:** Um vocabulário da Cultura e da Sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **The longrevolution.** Londres: Penguin books, 1965. Disponível em: https://mega.nz/#F!vOpwmQiJ!nJFgpdsE-0mCF0yOOQYqCA!7OIQ3brK. Acesso em: 17/08/2019.

ZEGLIN, L. **reconstrução da aula de história na perspectiva da educação histórica: Da aula oficina a unidade temática investigativa.** 2006. Disponível

em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/158-4.pdfhttp://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/158-4.pdf